

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
**Departamento de Letras e Artes**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS**  
**LINGÜÍSTICOS**

**GIRLENE LOBO DOS SANTOS**

**ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA: ANÁLISE POLIFÔNICA**  
**EM NOTÍCIAS *ONLINE***

Feira de Santana, BA

2017

**GIRLENE LOBO DOS SANTOS**

**ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA: ANÁLISE POLIFÔNICA  
EM NOTÍCIAS *ONLINE***

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora Profa. Dra. Carla Luzia Carneiro Borges

Feira de Santana, BA

2017

## 1 Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

S235a Santos, Girlene Lobo dos  
Argumentação na língua: análise polifônica em notícias *online* /  
Girlene Lobo dos Santos. – Feira de Santana, 2017.  
105f.: il.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Carla Luzia Carneiro Borges.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, 2017.

1. Lingüística. 2. Teoria da Argumentação na Língua (TAL). 3.  
Polifonia - Discursos jornalísticos. 4. Análise semântico-argumentativa -  
Discurso. 5. Discursos implícitos - Notícias. I. Borges, Carla Luzia  
Carneiro, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III.  
Título.

CDU: 801

**GIRLENE LOBO DOS SANTOS**

**ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA: ANÁLISE POLIFÔNICA  
EM NOTÍCIAS *ONLINE***

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora Profa. Dra. Carla Luzia Carneiro Borges

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017

---

Profa. Dra. Carla Luzia Carneiro Borges (Orientadora)  
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

---

Prof. Dr. Luciano Amaral Oliveira  
Universidade Federal da Bahia – UFBA

---

Prof. Dr. Gilberto Nazareno Teles Sobral  
Universidade Estadual da Bahia - UNEB

*Às minhas filhas, Maria Fernanda e Heloisa, amores da minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, meu refúgio e fortaleza, por não permitir que eu esmorecesse nos momentos difíceis.

À minha orientadora Dra. Carla Luzia Carneiro Borges, por ter aceitado me orientar e, ao longo do curso, por me acompanhar com tanto carinho.

Ao Grupo de Pesquisas LINSPI/UEFS (Linguagem, Sociedade e Produção de discursos) no qual fui gentilmente aceita para fazer parte pela professora Carla Luzia.

À amiga, Maria Rosane, pelo incentivo, pelas leituras e comentários (e pelo empréstimo do ouvido e do tempo), desde a minha preparação para a prova de seleção.

À Nilda, por tirar muitas dúvidas, ler alguns textos, amiga te encontrei no momento de sua defesa (momento difícil), a sua experiência, força e perseverança me inspiraram.

À Banca de Qualificação pelas observações a respeito da pesquisa.

Aos caríssimos colegas de turma (meus novos AMIGOS), especialmente Jaqueline e Josenilda, pelo carinho e companheirismo.

Ao meu marido Sidinei, pelo carinho e pelo apoio (quanta paciência!!!).

Às minhas filhas Maria Fernanda e Heloisa (sempre tão amorosas!), pelos tantos dias ouvindo mamãe responder: “Não posso, porque tenho que estudar”.

Às minhas irmãs: Geane, Genilda, Jeilma, Geilza Geilda e Liane, que colaboraram com aconselhamentos. Vocês foram presença constante nos momentos de certeza e dúvidas, vitórias e derrotas.

Aos amigos que se viram obrigados a emprestar os ouvidos às minhas lamentações e mesmo assim continuam meus amigos.

À UEFS, pela estrutura e oportunidade de realizar mais uma pós-graduação sob seus cuidados.

A todos que de alguma forma contribuíram e torcem pelo meu sucesso profissional e pessoal.

Grata!

*- O que há de melhor do que a língua? A língua é que nos une a todos, quando falamos. Sem a língua não poderíamos nos entender. A língua é a chave das ciências, o órgão da verdade e da razão. Graças à língua é que se constroem as cidades, graças à língua dizemos o nosso amor. Com a língua se ensina, se persuade, se instrui, se reza, se explica, se canta, se descreve, se elogia, se demonstra, se afirma. Com a língua, dizemos “mãe” e “querida” e “Deus”. Com a língua dizemos “eu te amo”! A língua é o órgão do carinho, da ternura, do amor, da compreensão. É a língua que torna eternos os versos dos grandes poetas, as idéias dos grandes escritores.*

Pedro Bandeira. Adaptação de trecho da peça teatral *A raposa e as uvas*, de Guilherme Figueredo.

## RESUMO

Nesta dissertação, fazemos uma análise semântico-argumentativa, a partir dos sentidos orientados pelos implícitos e operadores – como índice de argumentatividade e polifonia em notícias *online*. Para tanto, escolhemos notícias que tratam de um mesmo fato: os resultados da pesquisa Datafolha sobre a avaliação do governo da presidenta Dilma Rousseff publicada em 07 de fevereiro de 2015. O fato noticiado refere-se à baixa popularidade da petista – vinculada ao Partido dos Trabalhadores (PT) – e às situações políticas que desencadearam essa baixa. Destacamos um *corpus* que se limita a três notícias, retiradas em três suportes *online* diferentes. Sob os princípios da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Oswald Ducrot (1987), analisamos os enunciados das notícias com a finalidade de perceber a polifonia nos discursos dos jornalistas e, por conseguinte, captar a orientação argumentativa no texto noticiado. Os resultados apontam para a conclusão de que um mesmo fato pode ter sentido distinto a depender da mídia que o veicula e dos propósitos comunicativos do jornalista. Para essa interpretação, os implícitos e os operadores argumentativos funcionam como dispositivos que indicam as vozes de outros enunciadorees nas notícias e revelam o dizer assumido pelo jornalista.

Palavras-chave: Argumentação na língua; Polifonia; Operadores argumentativos; Implícitos; Notícia.



## **ABSTRACT**

In this dissertation, we make a semantic argumentative analysis, is done from the meanings guided for implicit and operators - as index of argumentativity and polyphony in online news. To that end, we chosen news that deals with the same fact: the Datafolha results about on the evaluation of the government of President Dilma Rousseff published on February 7, 2015. The reported fact refers to the low popularity of the petista - linked to the Workers' Party (PT) - and the political situations that triggered this drop. We highlight a corpus that is limited to three news items, taken from three different online midias. According to the principles of Theory Argumentative Semantic, from Oswald Ducrot's (1987), we analyze the news in order to perceive polyphony in the journalists' discourses and, therefore, to capture the argumentative orientation in the news. The results point to the conclusion that the same fact may have different meaning depending on the media which relays and the objective of the communicative reporter. To for this kind of meaning, the argumentative operators and the implicit act as devices that indicate the voices of other enunciators in the news and reveal the saying assumed by the journalist.

**Keywords:** Argumentation in the language; Polyphony; Argumentative operators; Implicit; News.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 – Esquema componente retórico e componente linguístico.....</b>	<b>46</b>
<b>Figura 2 – Avaliação pesquisa Datafolha.....</b>	<b>71</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 – Referências das publicações.....</b>	<b>63</b>
<b>Quadro 2 – Notícias 1, 2 e 3 – Voz dos enunciadores.....</b>	<b>86</b>
<b>Quadro 3 – Identificação dos enunciadores nas notícias 1, 2 e 3.....</b>	<b>87</b>
<b>Quadro 4 – Manchetes das notícias 1, 2 e 3 .....</b>	<b>88</b>
<b>Quadro 5 – Posto e pressuposto na notícia 1.....</b>	<b>88</b>
<b>Quadro 6 – Posto e pressuposto na notícia 2.....</b>	<b>89</b>
<b>Quadro 7 - Posto e pressuposto na notícia 3.....</b>	<b>89</b>
<b>Quadro 8 – Causa para a impopularidade de Dilma nas notícias 1 e 2.....</b>	<b>90</b>
<b>Quadro 9 – Comparativo entre N1 e N2.....</b>	<b>91</b>
<b>Quadro 10 – Resumo das notícias 1, 2 e 3 .....</b>	<b>95</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**TAL Teoria da Argumentação na Língua**

**E Enunciado**

**N Notícia**

**L Locutor**

**E Enunciador**

**FHC Fernando Henrique Cardoso**

**PSDB Partido Social Democrático Brasileiro**

**PT Partido dos Trabalhadores**

**P Posto**

**PP pressuposto**

**O.A Operador Argumentativo**

**ONU Organizações das Nações Unidas**

**IDH Índice de Desenvolvimento Humano**

**G1 Globo 1**

**D1 Discurso 1**

**DNA Ácido Desoxirribonucleico**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2 A NOTÍCIA: SUA LINGUAGEM E ESPAÇOS DE DIFUSÃO .....</b>	<b>20</b>
2.1 NOTÍCIA E ARGUMENTAÇÃO: CONFLUÊNCIAS .....	25
2.2 NOTÍCIAS <i>ONLINE</i> NO CONTEXTO DOS <i>SITES</i> .....	27
<b>3 POLIFONIA E ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA DO SENTIDO NA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA.....</b>	<b>31</b>
3.1 ALGUNS CONCEITOS: FRASE, ENUNCIADO, SIGNIFICAÇÃO E SENTIDO.....	32
3.2 A CONCEPÇÃO POLIFÔNICO-ARGUMENTATIVA .....	33
3.3 A ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA DO SENTIDO .....	38
<b>3.3.1 Nos entremeios do dizer e do mostrar na língua .....</b>	<b>41</b>
3.3.1.1 Os operadores argumentativos .....	43
3.3.1.2 Pressupostos e subentendidos: sentidos implícitos no texto.....	46
<b>4 POLIFONIA EM NOTÍCIA: UM OLHAR PARA OUTROS ESTUDOS .....</b>	<b>50</b>
4.1 POLIFONIA E MODALIZAÇÃO .....	50
4.2 POLIFONIA E IMPLÍCITO.....	53
4.3 POLIFONIA E SUBJETIVIDADE.....	55
4.4 DIALOGANDO COM OS TRÊS ESTUDOS.....	58
<b>5 CAMINHOS METODOLÓGICOS: ESPECIFICANDO A PESQUISA .....</b>	<b>62</b>
5.1 O <i>CORPUS</i> .....	62
<b>5.1.1 Revista Carta Capital.....</b>	<b>64</b>
<b>5.1.2 Correio do Povo.....</b>	<b>65</b>
<b>5.1.3 O Portal Metr�pole.....</b>	<b>65</b>
5.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.. ..	66
<b>6 VOZES QUE SE CRUZAM NA CONSTRU�O POLIFÔNICO-ARGUMENTATIVA DAS NOTÍCIAS .....</b>	<b>70</b>
6.1 REVISITANDO OS FATOS NO <i>CORPUS</i> .....	70
6.2 NAS TRAMAS DOS DIZERES: AS NOTÍCIAS .....	73

<b>6.2.1 As vozes que anunciam a “queda” da presidenta .....</b>	<b>73</b>
<b>6.2.2 A voz que enuncia a “forte queda” .....</b>	<b>77</b>
<b>6.2.3 A voz na dimensão histórica: encontrando o “pior”! .....</b>	<b>80</b>
<b>6.3 UM FATO NOTICIADO, VÁRIAS VOZES ENCENADAS .....</b>	<b>83</b>
<b>6.3.1 Voz do locutor.....</b>	<b>83</b>
<b>6.3.2 Voz dos enunciadores.....</b>	<b>85</b>
<b>6.4 TECENDO PONTOS DE VISTA: ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS.....</b>	<b>88</b>
<b>7 CONCLUSÃO.....</b>	<b>98</b>
<b>8 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>101</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“[...] a argumentação está na língua [...]”

(DUCROT, 1989, p. 16)

Ao dizer que a argumentação está na língua, Ducrot sustenta o ato de argumentar como constituinte de toda a atividade linguística do sujeito e evidencia a possibilidade de argumentação através dos usos de palavras e termos que orientam sentidos nos enunciados da língua. Isso implica considerar que, independente do propósito comunicativo do texto, há uma orientação argumentativa com vista a influenciar a interpretação do leitor. Em outras palavras, a própria informação a ser veiculada é orientada pela argumentação.

Argumentar, na concepção semântica aqui adotada, diz respeito a perceber como os elementos linguísticos funcionam dentro do texto, construindo argumentos que possibilitem uma conclusão: “Um enunciado argumentativo apresenta sua enunciação como levando a admitir tal ou tal conclusão” (DUCROT, 1987, p. 174). Argumentar, aqui, também, é perceber como o locutor orienta os sentidos, introduzindo as vozes dos enunciadores na sua enunciação.

Compreendemos enunciação como acontecimento, o fato que constitui o aparecimento de um enunciado em determinado momento do tempo e do espaço. Sendo o sentido do enunciado uma descrição, uma representação que o locutor traz de sua enunciação. Dito assim, a palavra *locutor*, nesta pesquisa, se refere ao sujeito responsável pela enunciação, o que introduz os pontos de vista nos textos.

Para Ducrot (1989), a argumentação se relaciona ao enunciado que, por significar algo, conduz a outro significado. O enunciado corresponde a um segmento do discurso, de responsabilidade do locutor que introduz as vozes dos enunciadores no seu discurso. Entendemos, assim, que todo enunciado é polifônico e possui um teor ou cunho argumentativo para direcionar os sentidos dos discursos do locutor. O discurso, assim como o enunciado são entendidos, por Ducrot (1987), como uma entidade linguística concreta (em oposição ao texto, entidade abstrata) que pertence ao nível complexo da realização linguística e se constitui na inter-relação de dois ou mais enunciados.

Em alguns momentos, nos referimos a leitor, ouvinte e interlocutor, o que corresponde ao “TU” no âmbito da TAL – aquele a quem é direcionada a enunciação. Direcionamento, nesse contexto enunciativo, diz respeito à forma como o produtor do texto relaciona os

recursos linguísticos para agir sobre o destinatário, orientando a produção de sentido(s) a partir de sua posição sobre o tema abordado.

Fundamentado na Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Oswald Ducrot (1987), o objetivo deste trabalho é investigar os sentidos orientados pelos operadores argumentativos e pelos implícitos, para desvelar a orientação argumentativa e a polifonia em três notícias selecionadas em espaços *online*. Supomos que esses sentidos não estão explícitos nas notícias, dado o caráter informativo de cunho técnico imparcial atribuído a esse texto jornalístico.

No domínio jornalístico, o termo “técnica” traduz, *a priori*, a ideia de isenção de argumentos e ideologias proferidas nas informações alheias ao subjetivo de quem produz o texto. Reforçada pelos manuais de estudo e assimilada pelo senso comum, essa ideia reduz a notícia a texto informativo, de caráter objetivo para a manutenção da imparcialidade.

Contrários à noção de imparcialidade para o texto da notícia, insistimos na ideia de que o uso da linguagem aglutina artifícios engenhosos de argumentação para influenciar o outro. Nessa perspectiva, “a informação é essencialmente uma questão de linguagem, e essa não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo” (CHARAUDEAU, 2015, p. 19). Isso nos conduz a pensar que, na e pela linguagem, o homem expõe seus pontos de vista e, ancorado em mecanismos diversos, argumenta a favor de um projeto de dizer.

Desse modo, entendemos que a linguagem na notícia não está isenta de argumentação. Basta observar os modos como os jornalistas articulam a linguagem nos textos que produzem: as instruções e direções que os termos e palavras dão para o sentido do texto, por exemplo, permitem que o locutor imprima o seu dizer sem, necessariamente, assumir-se tentando influenciar.

Dessa forma, a ideia de neutralidade, por parte do jornalista ao produzir a notícia, não se sustenta, visto que “comunicar é agir sobre o outro” (FIORIN, 2015, p. 76) e a linguagem está sempre carregada dos pontos de vistas, de sentidos, das concepções de quem produz o texto. Como afirma Ducrot (1987, p. 163), as palavras possibilitam exercer influência, “porque certas palavras, em certas circunstâncias, são dotadas de eficácia”.

Vale ressaltar que o olhar atribuído à língua, a partir da teoria de Ducrot, neste trabalho, não equivale a negar a interferência dos fatores de ordem social na constituição do sentido, mas apenas demarcar o ponto de vista sob o qual escolhemos olhar para a linguagem. Portanto, em nossa descrição linguística, analisamos o sentido de um enunciado pelas indicações dadas na própria língua. Para tanto, consideramos, assim como Ducrot (1987), que



a argumentação é uma relação enunciativa, pois existem formas na língua que funcionam socialmente.

As notícias selecionadas foram publicadas em fevereiro de 2015, na Revista Carta Capital, no Jornal Correio do Povo e no Portal Metr pole. Para escolha do *corpus*, consideramos a temática referente   avalia o feita sobre o governo da presidenta Dilma Rousseff pelo Datafolha, publicada em 07 de fevereiro de 2015, no início de seu segundo mandato.

Na tentativa de exemplificar as discussões, apresentamos um fragmento de uma das notícias selecionadas para análise:

**Datafolha: Fernando Henrique Cardoso   considerado pior presidente da história do Brasil**



Ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) foi o único presidente na história do País que obteve os piores resultados de popularidade nas pesquisas. No fim de sua gestão, sua popularidade era menor que sua reprova o, mais um marco histórico atingido pelo tucano.

O ex-presidente tucano Fernando Henrique Cardoso (PSDB) foi o pior presidente da história do Brasil segundo as pesquisas Datafolha reveladas durante sua gestão.

O tucano foi o único presidente a terminar sua gestão com a reprova o maior que a aprova o, um marco nunca atingido até então por nenhum presidente.

Disponível em: <[portalmetropole.com/2015/02/datafolha-fernando-henrique-cardoso-e.html](http://portalmetropole.com/2015/02/datafolha-fernando-henrique-cardoso-e.html)> acesso em: 12 ago. 2015.

O locutor apresenta, logo na manchete dessa notícia, uma interpretação negativa de Fernando Henrique Cardoso, presidente que exerceu dois mandatos entre 1994 e 2002. A definição de “pior presidente”, dada a Fernando Henrique, é enunciada nas vozes do texto e se apresentam sob pontos de vista distintos. Tem-se, assim, a voz das pesquisas Datafolha, as vozes dos eleitores, a voz do locutor, resultando daí um tecido enunciativo polifônico, no qual a palavra é dada a diferentes enunciadorees.

A seleção de argumentos apropriados na apresentação dos pontos de vista, por exemplo, envolve distintas maneiras de usar a linguagem, nessa notícia, através de conhecimentos também diferentes, revelados nas vozes articuladas para argumentar – polifonia que perpassa todos os gêneros do discurso. Nessa perspectiva, palavras como “único”, “menor que”, “mais”, “piores” e “reprovação” funcionam como escolhas linguísticas estratégicas, que orientam sentidos para a argumentação nas vozes que enunciam o título de pior governo de Fernando Henrique Cardoso.

No intuito de investigar a orientação dos sentidos, para a argumentação e polifonia, nessa e nas outras duas notícias selecionadas, este trabalho está estruturado em sete seções. A primeira seção contempla essa introdução. A segunda trata dos princípios teóricos que norteiam as concepções sobre a linguagem da notícia. Sendo assim, a reflexão é em torno da negação das noções predefinidas de imparcialidade e seus desdobramentos na linguagem e dos estudos sobre possibilidades argumentativas na notícia. Também, nessa seção, trazemos considerações sobre a notícia, no contexto do *site*, escrita em prol de um ideal argumentativo. Desse modo, é dada ênfase ao caráter das notícias *online*, elucidando suas características.

Na terceira seção, abordamos conceitos que encobrem as relações entre polifonia, argumentação e sentido, perpassados pelas noções básicas da Teoria da Argumentação na Língua de Ducrot (1987). Argumentação e polifonia, nessa seção, são elucidadas a partir da importância de outras vozes integradas à voz do jornalista. Essas vozes marcam os pontos de vista do enunciadoree para, também, evidenciar o dizer e o mostrar na língua e suas implicações para sinalizar os implícitos no texto. Na quarta seção, trazemos outros trabalhos que dialogam com a nossa proposta e apresenta a polifonia e a argumentação na atividade linguística do sujeito.

Na quinta seção, apresentamos a metodologia da pesquisa, desde o percurso metodológico, o *corpus*, a justificativa da escolha até os procedimentos de análises. Na seção seis, a partir das bases teóricas apresentadas, analisamos três notícias, investigando-se a polifonia e orientação argumentativa em cada uma, através das indicações dos implícitos e dos operadores argumentativos.

Na sétima seção, fazemos as considerações finais do trabalho, ratificando a importância dos estudos da polifonia, com foco em uma visão semântica argumentativa da linguagem. Esperamos que esta dissertação possa ter utilidade para os pesquisadores interessados no conceito de polifonia na Teoria da Argumentação na Língua, os estudiosos da área de comunicação e aqueles que buscam contestar a imparcialidade da mídia, através das vozes que se apresentam em textos que circulam na esfera midiática, como as notícias.

## 2 A NOTÍCIA: SUA LINGUAGEM E ESPAÇOS DE DIFUSÃO

No contexto das mídias, no qual se inserem as notícias, usar a linguagem para comunicar com vista a informar o outro perpassa por escolhas, que estão atreladas a propósitos e razões distintas. Nesse sentido, as informações que se apresentam, muitas vezes, com a premissa de serem neutras e imparciais são apenas um simulacro do que está por trás do não dito (sentidos implícitos, nas entrelinhas do texto). Dessa maneira, qualquer trabalho acadêmico, que tenha como base a notícia, precisa compreender os modos de utilizar a linguagem pelo jornalista, para além de suas características ditas objetivas e imparciais.

Se provocarmos o leitor sobre o que é imparcialidade ou parcialidade na notícia, a resposta, com certeza, envolverá a forma de usar a linguagem para se reportar a um determinado fato. Nos registros encontrados no dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, imparcialidade é isenção e equidade (HOUAISS; VILLAR, 2009). Esse significado, para a imprensa, implica manter a objetividade, ou seja, a isenção para manter a garantia do produto notícia.

Lage (1999, p. 16) especifica essa visão objetiva e técnica para a linguagem da notícia, ao descrevê-la como “o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante”. Para o autor, no processo de produção de uma notícia, colidem certos procedimentos que envolvem a seleção dos eventos, a ordenação e a nomeação. Nessa perspectiva, Lage (1999) enumera alguns elementos necessários na elaboração da notícia: primeiramente, apresenta a sequência da exposição dos fatos, como responsabilidade do jornalista ou do narrador. Depois, o “fracionamento, relacionando-o ao ritmo da sequência de ser extremamente objetiva ou conservar o caráter da objetividade e imparcialidade, para delongar os fatos” (LAGE, 1999, p. 16). Além disso, a linguagem utilizada preza por um número reduzido de léxico com o propósito de aumentar a comunicabilidade e facilitar a redação.

Lage (1999, p. 22) apresenta a notícia como “aparência do mundo”, baseado na ideia de texto que visa representar, a partir da escolha de fatos mais importantes. Para o autor, os interlocutores, enquanto leitores da notícia, não conhecem seu enunciador, embora o redator tenha uma ideia, um conceito geral e estatístico do seu público. A partir da lógica da representação, Lage (1999) argumenta sobre a necessidade da impessoalidade do redator (uso da terceira pessoa), reforçando essa impessoalidade no momento em que a notícia é “reescrita, condensada, traduzida e submetida a critérios de edição” (LAGE, 1999, p. 34).

Sendo assim, na visão de Lage (1999), a linguagem do texto noticiado apresenta certas características específicas, traduzidas pelo jornalista através do uso da terceira pessoa, o *lead* direto e a escolha vocabular com menos carga emotiva, para dar a impressão de imparcialidade. Esse modo de entender a linguagem na notícia, apenas a partir de características ditas objetiva e imparcial, não é visão que adotamos neste trabalho, uma vez que essas considerações aproximam-se de uma interpretação do fato noticiado voltado só para o seu conteúdo informativo, o que corresponde destituir da linguagem a subjetividade do locutor.

Entendemos que o locutor imprime a sua marca enunciativa no texto e o leitor participa desse processo. Desse modo, consideramos que o estudo da notícia, como texto base do jornalismo, como fato social dotado de uma função, necessita ser investigado para além de suas características predefinidas, a fim de questionarmos o que significa ser imparcial nos modos de usos da linguagem humana.

Para entender um pouco sobre a noção de imparcialidade, basta lembrarmos a Teoria do Espelho, inspirada no positivismo do filósofo francês Auguste Comte (1798-1857). Para essa teoria, a qualidade da notícia estaria na capacidade do jornalista de retratar fielmente o fato como uma imagem refletida da notícia, que pudesse ser captada pelo profissional e transcrita. Nessa perspectiva, noticiar significa transcrever o real. Essa teoria parece ter deixado seu legado para a visão de notícia que circula no senso comum e em algumas concepções no meio jornalístico, inclusive, exposta nos *slogans* de variados jornais, como a Folha de São Paulo, por exemplo, que prezam pela imparcialidade como ferramenta de credibilidade e garantia dos fatos narrados.

Podemos constatar o legado da imparcialidade em uma entrevista concedida por Sérgio Dávila, editor executivo do jornal Folha de São Paulo, à própria Folha de São Paulo (fevereiro, 2016). Ao ser questionado acerca da imparcialidade da mídia em relação à política, Dávila respondeu que “todo poder pode ser exercido politicamente e que eles procuram seguir o DNA do jornal: ser apartidário, pluralista, independente”. Em continuação, o jornalista assume que o jornal não pode ser 100% imparcial, mas caminha em busca da verdade e da imparcialidade. Em uma manchete da mesma Folha de São Paulo (março, 2016), encontramos estampado: “Folha de S. Paulo 95 anos: Ser imparcial, sem abrir mão da busca pela verdade”.

O discurso sobre imparcialidade, na voz de Dávila e na manchete da Folha de São Paulo, sustenta posições que consideram a parcialidade no jornalismo como um deslize do locutor, algo que não foi controlado, mas que pode ser corrigido com o tempo, como se a simples escolha das notícias que serão divulgadas e as que não serão implicasse ausência de

parcialidade. A imparcialidade é assumida como característica imprescindível em um jornal, devendo ser um meio de garantir a verdade.

Há, na fala de Dávila e na manchete da Folha de São Paulo, uma incógnita que nos coloca diante das ideias florescentes de boas intenções sobre a imparcialidade e provoca posicionamentos, neste trabalho, sobre o que é ser imparcial nos usos da linguagem. Será possível uma descrição imparcial dos fatos do mundo?

Para responder essa provocação, podemos retomar a manchete da notícia exposta como exemplo na introdução deste trabalho: “Fernando Henrique é considerado pior presidente”. Nessa manchete, o jornalista organiza a linguagem com o intuito de chamar a atenção do leitor para o fato noticiado. Com esse objetivo, não são quaisquer palavras que irão possibilitar o alcance do sentido que ele intenta provocar. Se, em lugar de “Fernando Henrique é considerado pior presidente”, estivesse “Fernando Henrique não exerceu um bom governo durante a sua gestão”, não teríamos o mesmo efeito provocativo. Por isso, dizemos que o jornalista é seletivo na hora de organizar a linguagem no texto da notícia. O uso de “pior” nesse enunciado, por exemplo, determina as conclusões implícitas ou explícitas sobre o conteúdo no corpo da notícia. Ou seja, a caracterização de “pior” atribuída a FHC orienta sentidos para a interpretação acerca da inferioridade desse governo.

Dessa forma, a escolha desse elemento linguístico orienta e antecipa o sentido e o direcionamento do texto antes mesmo de o locutor conhecer a notícia na íntegra. Isto é, orienta as conclusões do locutor para sentidos predefinidos e podem, inclusive, revelar o que não está dito nas linhas do texto, possibilitando ao leitor interpretar a notícia apoiando sua argumentação sobre o próprio conteúdo da informação dada na manchete. Por exemplo, o dizer sobre “o pior governo da história do Brasil”, delegado a FHC, pressupõe o desconhecimento de outro presidente com esses atributos, o que nos remete à negação de pior exercício a qualquer outro governo, inclusive o da presidenta Dilma, fato noticiado a partir da avaliação Datafolha, parte do *corpus* que analisamos nesta dissertação.

Nesse intuito, a linguagem, ultrapassa o simples ato de informar sobre algo e, sobretudo, representa a realidade inscrita pelos posicionamentos e as concepções daquele que produz o texto. Assim, considerar a notícia, a partir de uma visão imparcial dos fatos, é excluir a linguagem do seu caráter social e heterogêneo, é colocá-la em uma redoma destituída dos pontos de vista, das relações entre os sujeitos e, acima de tudo, é destituí-la do caráter subjetivo que nela subjaz.

Andiara Petterle (2015), vice-presidente de Jornais e Mídias Digitais do grupo RBS, ao opinar em uma notícia sobre a entrevista de Dávila sobre “desafios da imparcialidade”, comunga com o mesmo discurso ao expor a seguinte opinião:

Esse debate da imparcialidade é um dos melhores da nossa profissão. Um jornalista é um autor, que busca todo dia na sua disciplina a tarefa de se despir da subjetividade. Nas redes sociais, todo mundo tem opinião. Como é que devemos agir? Como marca, temos de tentar garantir a imparcialidade, mesmo que alguns jornalistas tenham opiniões fortes fora da redação. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2015).

Petterle defende a possibilidade de o jornalista ser imparcial e se despir da subjetividade, embora o discurso da imparcialidade seja difícil de sustentar-se. Como já ressaltamos, é perceptível, através das escolhas linguísticas, o projeto do dizer do jornalista ao produzir as notícias. Por isso, consideramos que o discurso da imparcialidade é um mito, visto que, ao informar, o locutor participa de um processo de construção do real que, ao entrar em contato com seu mundo interior, renasce em novidade relatada sob o prisma de uma visão, uma percepção que não é apenas projetada, mas recriada e transformada para fazer virem à tona as maneiras como os indivíduos, seres coletivos, configuram-se no mundo. Sendo assim, não se deve cair nas armadilhas das falsas aparências, isso porque, mesmo a imagem que se diz refletir o mundo como ele é:

[...] tem sua própria opacidade, que se descobre de forma patente quando produz efeitos perversos (imagens espetaculares da miséria humana), ou se coloca a serviço notícias falsas, a ideologia do mostrar a qualquer preço, do tornar visível o invisível e do selecionar o que é mais surpreendente. (CHARAUDEAU, 2015, p.20).

Nessa perspectiva, reafirmamos as palavras de Charaudeau (2015, p. 19) de que as notícias não só “transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público”. A afirmação de Charaudeau (2015) revela a irrelevância do termo imparcial nos ditames prescritos pelas regras para a produção do texto noticiado, uma vez que a notícia não é descrita a partir de um único fato, uma única visão. Além disso, informar é comunicar, é querer se fazer ouvir, é impor, mesmo que de forma sutil, determinada parcela do que se considera como verdade. Para isso, as escolhas propositais ocorrem no momento do uso da linguagem e se revelam na interpretação do ouvinte de maneiras distintas. Como explica Charaudeau (2015, p. 39):

[...] comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolhas de formas adequadas para estar de acordo com as

normas do bem falar e ter clareza, mas escolhas de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas.

Portanto, insistimos: colocar a linguagem do texto da notícia livre da parcialidade é pouco provável, uma vez que o locutor, para produzir sentido, vivencia procedimentos de escolhas para influenciar o outro. Assim, a linguagem em si mesma representa uma relação que permite ao homem propagar sua posição social, suas aptidões e interesses. Desse modo, a noção que preza imparcialidade é refutada, nesse jogo de escolhas que permite ao locutor imprimir a sua subjetividade.

Além do mais, os sentidos possíveis, em qualquer texto, resultam de uma construção da linguagem, através da qual se aplicam práticas da experiência ao olhar, escutar e ouvir o outro no seio da sociedade. Como considera Ducrot (1981), o sentido não é usufruto de uma posição individual, mas o resultado de uma enunciação de forma que significa socialmente, por ser enunciada de modo social. Por isso, os textos produzidos e consumidos na sociedade resultam do processo de interação, por meio da ação e reação conjunta. Nesse sentido, o homem reflete e refrata certa realidade e, não só transforma a realidade, como também a deforma, dependendo do olhar pessoal que é projetado sobre ela.

Expresso assim, entendemos os modos de dizer na notícia, advindos das várias posições enunciativas. Daí termos a posição do locutor, a política do jornal/revista/site, e a ótica dos interlocutores, que são alvos da ideologia do jornal e imprimem ao texto relatado a sua ótica do mundo. Nesse percurso, podemos identificar diferentes vozes, conduzidas por palavras e termos que desvelam esses papéis: a citação do outro, a linguagem própria do jornal e a parcialidade do locutor na preferência de palavras que se mostram na organização das ideias. A partir daí, há a enunciação de várias vozes – de distintos pontos de vista – no intuito de fazer vir à tona a posição do jornalista.

A partir do viés da polifonia, questionamos a imparcialidade que se encobre em nome de um projeto de dizer. Não é questão de ser imparcial, mas reconhecer no uso da linguagem um querer argumentar que vem perpassado pelas posições proclamadas no dizer. Assim, a notícia não é somente um texto informativo, é atravessada pela argumentação, entendida aqui através da orientação linguística presentes em toda atividade verbal. Para aprofundar um pouco mais essa questão, passamos a dissertar sobre confluência entre notícia e argumentação na subseção seguinte.



## 2.1 NOTÍCIA E ARGUMENTAÇÃO: CONFLUÊNCIAS

Contrários ao posicionamento do relato como transmissão passiva dos fatos, defendemos, neste trabalho, a necessidade de informar vinculada à possibilidade de convocar o leitor para tomar partido em um determinado ponto de vista. Ao informar, o locutor propicia a compreensão e interpretação dos fatos pelo interlocutor, que lhe dá uma nova visão, a partir de pistas deixadas, pelo próprio locutor, na superfície do texto.

Dessa maneira, informar possibilita dar retorno a algo produzido, interpretando-o. Nesse sentido, aquilo que não foi dito pelo locutor, por motivos diversos, pode-se revelar por meio da interpretação do leitor que pode, inclusive, recriar o dito, dando-lhe outra versão. Isto é, os modos de dizer do locutor permitem as inferências de sentidos produzidos pelo interlocutor e denunciam a enunciação do locutor e a imagem dessa enunciação. Segundo Ducrot (1987, p. 41):

[...] o sentido de um enunciado é, por exemplo, a pretensão manifesta de obrigar o destinatário no momento mesmo da enunciação, a fazer esta ou aquela coisa, a crer nesta ou naquela proposição, a continuar o diálogo nesta ou naquela direção – ou o que vem ao mesmo, a não continua-lo nesta ou naquela outra.

Com base no que explica Ducrot (1987), podemos ressaltar que a enunciação resulta na interpretação e a continuação do enunciado a partir das sinalizações que as escolhas linguísticas dão para a compreensão dos sentidos do texto. Essas escolhas linguísticas remetem-nos ao projeto do dizer do locutor, que articula a linguagem para informar a partir da relação com o comportamento dos indivíduos e o direcionamento que intenciona dar ao seu discurso. Nessa perspectiva, também, a palavra do outro funciona como argumentos, fazendo do discurso do locutor, um discurso heterogêneo, por definição, uma vez que esse discurso se compõe, frequentemente, dos traços das enunciações dos outros.

Se atentarmos para o exemplo “de acordo com alguns economistas, o crescimento na economia será positiva”, veremos que as pistas linguísticas, nesse enunciado, permitem que o locutor apoie sua argumentação sobre o conteúdo proveniente na voz de outro alguém. Ou seja, através da modalidade aparente “de acordo com alguns”, a afirmação da melhora do país é atribuída a terceiros. Além disso, o interlocutor poderá continuar o enunciado, a partir das escolhas linguísticas que orientam sentidos positivos para a economia do país, deduzindo as consequências de melhora dos índices na economia. Assim, poderá interpretar, por exemplo, que “a política do governo está dando certo”.

Essa possibilidade de interpretação, segundo Ducrot (1987), exime o locutor da responsabilidade do dizer, que pode, inclusive, se esconder por trás de suas palavras, deixando

essa responsabilidade para outros, através dos subentendidos. Nesse processo, Ducrot (1987, p. 43) considera que o locutor “para dizer alguma coisa faz o outro dizer o que se disse”.

Através desse modo de estabelecer a linguagem, percebemos uma confluência entre o ato de noticiar, sua relação com outros dizeres e as imbricações desses dizeres, que se constroem a partir de outras vozes para argumentar. Nessa perspectiva, sustentamos que a linguagem vai além do simples ato de informar. Envolve, como já abordado, a argumentação.

Em outras palavras, a notícia ultrapassa o simples campo da informação e ganha corpo na imbricação argumentativa da linguagem. Buscamos investigar essa argumentação, nas notícias selecionadas neste trabalho, no bojo da própria língua, a partir da orientação argumentativa dada aos enunciados.

Assis (2012), ao analisar a orientação argumentativa em notícias *online* de diferentes sites, que veicularam a vitória de Dilma Rousseff à presidência do Brasil nas eleições de 2010, afirma que informar envolve a argumentação do locutor predita nos usos de elementos linguísticos como marcas enunciativas. Para tanto, o autor evidencia, no seu trabalho, o uso dos operadores argumentativos como marcas linguísticas que indicam os sentidos nas notícias.

Assis (2012) considera impossível um texto noticioso, em princípio pertencente ao campo do relatar, expor fatos sem se comprometer com o que é dito, e sob esse viés observa a força argumentativa das notícias na dependência dos operadores argumentativos, os quais determinam o direcionamento nas notícias. Vejamos o exemplo de Assis (2012, p. 67-68):

02. O pai de Dilma, Pedro Rousseff, veio para a América Latina na década de 30 do século passado. Viúvo, deixara um filho, Luben, na Bulgária. Passou por Salvador, Buenos Aires e acabou se instalando em São Paulo. Fez negócios na construção civil e **até mesmo** (grifo nosso) com empreitadas para grandes empresas, como a Mannesmann.

Nesse exemplo, Assis (2012) evidencia o operador argumentativo “até mesmo” para afirmar que esse operador (considerado como advérbios para as gramáticas tradicionais de Língua Portuguesa) funciona para produzir um efeito particular que orienta a leitura de quem participa da enunciação. Assim, no exemplo, o argumento p’, aquele em que se inserem o operador “até mesmo” orienta a conclusão r como forma a evidenciar o argumento mais forte e, eventualmente, em certos contextos, como decisivo para a interpretação do leitor e o sentido do enunciado. Segundo Assis (2012, p. 68), a utilização desse operador está relacionada à busca da mudança de opinião do interlocutor “(pode ser utilizado também como

confirmação, ratificação ou ênfase em enunciados); introduz argumentos decisivos de persuasão de acordo com a finalidade pretendida”.

Assis considera que a utilização dos operadores denota uma estratégia dos jornais, pois a utilização de um ou de outro operador remete a uma escolha pragmática intencional, uma seleção de acordo com uma finalidade. Sob esse ponto de vista, o autor considera os operadores argumentativos, na notícia, como fator principal para possibilitar a argumentatividade.

Gonçalves (2011) salienta os propósitos do texto da notícia atravessados por outros propósitos ligados à linguagem em uso. Nesse sentido, a autora identifica, nos enunciados das notícias, vozes que marcam posicionamentos e revelam, através dos implícitos, a argumentação do locutor. Para Gonçalves (2011), a linguagem na notícia não é neutra, pois aquele que a produz está inserido em uma esfera discursiva. Por isso, também, faz as suas apreciações acerca do fato e, indubitavelmente, as imprime nos textos.

A noção de argumentação marcada na língua, defendida por Assis e Gonçalves, dialoga com a proposta deste trabalho, confirmando a seleção dos operadores e dos implícitos com uma finalidade enunciativa, o que nos permite identificar, no gênero notícia *online*, a argumentatividade – elemento essencial para a constituição da enunciação.

Confirma-se, nos trabalhos desses autores, que a linguagem na notícia é utilizada para influenciar e conquistar, não apenas transmitir informação. Nesse sentido, a notícia não se resume ao relato informacional do fato com destino a um leitor passivo. Revela-se, muito mais, através da orientação argumentativa que possui. Isso lhe confere um caráter argumentativo.

Para investigar a orientação argumentativa na notícia, neste trabalho, vamos nos deter em algumas notícias *online*. Para tanto, apresentamos, na seção seguinte, um pouco sobre o contexto no qual elas se inserem.

## 2.2 NOTÍCIAS *ONLINE* NO CONTEXTO DOS *SITES*

Para a sociedade atual, adaptada às novas urgências tecnológicas, a internet se instituiu como uma necessidade diária e se consolida como um espaço grandioso, através de suas funções e modos específicos de circular informação dos mais variados tipos. Desse modo, a internet exerce impacto visível no campo de todo o jornalismo no mundo, fazendo emergir um tipo de jornalismo *online* que, beneficiando-se das vantagens da tecnologia, busca dar maior viabilidade às informações, com maior rapidez, através da apuração dos fatos e a

transformação desses em notícia. Daí que o advento da internet provocou a adaptação do gênero notícia a novos espaços *online*.

O jornalismo *online* é comumente classificado como aquele que possibilita a multiplicidade de interação em tempo menor e com um menor custo, justamente por sua dinamicidade no momento da divulgação, via *blogs, facebook, whatsapp* e outros mecanismos que o surgimento da internet tem proporcionado.

Martinez (2010, p. 15) considera que o ritmo frenético do noticiário *online* subverteu a noção de ordem e de rotina produtiva ditada pelos meios industriais – em que o trabalho do repórter é apenas uma etapa na cadeia de produção que termina nas rotativas e na distribuição do produto ao leitor. Nesse ângulo, inúmeros *sites* vinculados a revistas, jornais e outros meios de comunicação passaram a produzir textos informativos para adaptar-se à rapidez característica da mídia *online* e garantir o slogan: “a informação está sempre ao alcance da mão”.

Nogueira (2003, p. 160) salienta que as novas formas de circulação da informação permitiram aos diversos agentes do espaço público uma era de quase imediaticidade absoluta. Os utensílios de mediação permitem tempos cada vez mais curtos no cumprimento do ciclo comunicacional. Já Charaudeau (2015, p. 188) considera que o espaço público não existe apenas como lugar de produzir acontecimentos, mas se configura como um espaço de debate, de trocas entre os parceiros sociais e, para isso, as tecnologias têm sido relevantes, uma vez que permitem a extensão da influência da mídia sobre o participante da vida em sociedade, ultrapassando fronteiras. Nesse sentido, os espaços *online* têm se constituído como lugares propícios para a difusão das informações.

As notícias, em geral, são consideradas pela sua finalidade de serem claras, imparciais e esclarecedoras dos acontecimentos sociais. Entretanto, a notícia *online*, especificamente, possui características que a diferenciam da notícia impressa. Entre as diferentes características das notícias *online*, elencadas por Nogueira (2003, p. 164-165), observa-se a coexistência de diversos elementos: imagens fixas, texto, manchas gráficas, logotipos, ícones, imagens animadas, etc. Sendo assim, “a lógica da apresentação da informação na internet deve mais ao design gráfico e à tipografia, já que o texto tem um papel predominante, do que à lógica do monitor televisivo, aquele que antes da invenção do computador era o nosso formato nobre incontestado” (NOGUEIRA, 2003, p. 160).

Além disso, a possibilidade de interação, na notícia *online* é bem maior em relação à notícia impressa, uma vez que, através dos ícones comentários e sugestões, as páginas possibilitam a interação imediata entre leitor, conteúdo noticiado e outros leitores, revelando

as posições enunciadas frente o conteúdo propagado. De acordo com Barbosa (2002), a interatividade do gênero *online* propicia variadas possibilidades para o leitor. Uma dessas é a interferência – através de e-mail sugerindo temas ou da opção criada pelo site: “envie seu comentário” – no conteúdo acessado. Sendo assim, Barbosa (2002, p. 5) afirma:

[...] a customização de conteúdo se dá através do próprio percurso escolhido pelo usuário para ler as informações, sendo uma característica ligada propriamente à relação com os leitores-usuários, pois lhes assegura também a possibilidade de personalizar os conteúdos através do recebimento de informações sobre determinados assuntos do seu interesse.

Barbosa (2002), ainda, salienta que a euforia da estreia na Rede fez com que grupos editoriais, assim como as empresas jornalísticas, atentassem para a necessidade de manter seus respectivos *sites* atuando. Para tanto, a corrida pela competitividade com as notícias impressas, a oferta de conteúdos exclusivos, diferentes dos impressos, promoveu a implementação de canais de notícias em tempo real. Esses canais possibilitaram e despertaram o hábito da leitura na versão *online*. Todavia, Barbosa (2002) descreve que é com a ascensão dos portais, criados e batizados pelos americanos, que acontece um novo momento de diferenciação para o jornalismo. No Brasil, os portais ficaram disponíveis a partir de 1998. Para Barbosa (2002), os portais são:

[...] páginas que centralizam informações gerais e especializadas, serviços de e-mail, canais de chat relacionamento, shoppings virtuais, mecanismos de busca na Web, entre outros, e cuja intenção é ser a porta principal de acesso a orientar a navegação do usuário pela WWW. (BARBOSA, 2002, p. 8).

Silva Jr. (2000, p. 80) aponta alguns fatores que diferenciam *sites* de jornais *online* dos similares impressos de portais jornalísticos *online*: agregação de serviços paralelos ao caráter informativo, de natureza não necessariamente jornalística; a inter-relação estabelecida com *sites* de conteúdo diverso; e a convergência, em alguns casos, do serviço de provedor de acesso com o de disponibilização de conteúdo. Sendo assim, Silva Jr. (2000) salienta:

O portal constitui-se numa poderosa variante de publicação de conteúdo na *Internet*, no sentido de ao mesmo tempo procurar uma maior permanência do usuário dentro de determinado *site*, e agregar a essa possível navegação do usuário uma miríade de serviços que antes, senão impensada, era improvável de ser executada com eficiência técnica. (SILVA JR., 2000, p. 80).

Para Barbosa (2002), o advento dos portais teria tanto impacto na vida das pessoas no ano 2000 como tinham naquele momento as maiores cadeias de TV do planeta. Na visão de

Camargo (1999), os portais são inevitáveis e ao mesmo tempo brutais, pois condicionam a diversidade de fontes de informação e direcionam ações e tomadas de conhecimentos de fatos sociais a apenas um aspecto da realidade, em detrimento de outras informações. Desse modo, “tornam os habitantes do planeta um pouco menos cidadãos a cada dia” (CAMARGO, 1999. p. 16).

Na realidade, o que temos testemunhado é o crescimento cada vez maior desses portais, contribuindo para divulgar um novo formato do gênero notícia, criado e adaptado para as necessidades midiáticas atuais. As notícias *online*, que nos servem de *corpus*, por exemplo, tratam de assuntos diversos, relacionadas à política, entretenimento, saúde, educação, dentre outros. As notícias divulgadas possuem características comuns às impressas, porém se diferenciam dessas, conforme já salientado, por possuírem a opção da interatividade do consumidor ante o fato noticiado. Além disso, circulam em espaços midiáticos distintos e a depender da concepção da mídia em que são veiculadas apresentam diferenças quantos aos modos de tratar um mesmo fato narrado.

Acreditamos que o modo de noticiar do locutor, a partir da perspectiva da mídia que a notícia é veiculada, perpassa por escolhas de determinadas palavras e construções em detrimento de outras. Essas escolhas são analisadas, neste trabalho, para revelar o ponto de vista do locutor e se apresentam como índices de polifonia na notícia. No capítulo seguinte, tratamos dessas questões, abordando os principais aspectos da teoria da argumentação na língua, que servirão de base teórica para uma análise polifônico-argumentativa de notícias *online*, nesta dissertação.

### 3 POLIFONIA E ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA DO SENTIDO NA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

A Teoria da Argumentação na Língua (TAL), como toda teoria científica, passou por mudanças no seu arcabouço teórico, com propósito de adequar a sua metodologia aos princípios visados pelos seus criadores. Podem-se verificar, de acordo com os estudos de Azevedo (2011), três fases distintas da Teoria: a versão *standard*, denominação dos próprios autores, a Teoria dos Topoi e a versão mais recente: a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Essa última formalizada e desenvolvida por Marion Carel e Oswald Ducrot (2005[1990]).

Para essa explanação, o aprofundamento será a partir das obras de Ducrot (1987), quando esse teórico formula sua primeira versão da polifonia. Esse momento, marcado pela segunda fase da TAL, diferencia-se da forma inicial (*standard*) pelo fato de que busca descrever a argumentação a partir dos enunciadores, intentando identificar o caráter argumentativo dos diferentes pontos de vista através da polifonia que se apresenta no enunciado (noções apresentadas na subseção 3.2).

Na subseção 3.3 as considerações são em torno da orientação argumentativa que os termos e palavras dão ao enunciado. Essas noções serão elucidadas para a compreensão de que o sentido não é definido pela sua relação referencial aos objetos da língua, mas pelos encadeamentos discursivos que esses termos propiciam. Ou seja, para a compreensão dos sentidos do texto, é necessário um conjunto de relações com outras entidades da língua. Seja uma palavra ou enunciado, é possível constituir sentidos a partir do encadeamento argumentativo.

Ao dar prosseguimento nas subseções (3.3.1, 3.3.1.1 e 3.3.1.2), evidenciaremos a importância dos operadores e implícitos para o desvelamento da polifonia e dos sentidos argumentativos nas notícias. A partir dos fundamentos teóricos de Ducrot (1987, p. 12), percebemos os operadores argumentativos presentes na gramática de cada língua, classificados em classes argumentativas diversas, como conjunções, advérbios, locuções conjuntivas, conectivos, ou ainda incluídos em nenhuma das classes citadas.

Os operadores são responsáveis pela força argumentativa dos enunciados e podem assumir valores/sentidos dentro do texto, no momento da enunciação. Além dos operadores, os implícitos são tomados como dois efeitos de sentidos: os pressupostos e os subentendidos e funcionam para desvelar os sentidos argumentativos nas notícias selecionadas.

Antes do aprofundamento teórico em torno dos conceitos explicitados, diferenciaremos algumas convenções terminológicas necessárias, concernentes a frase,

enunciado, significação e sentido. Esses conceitos foram desenvolvidos e mantidos ao longo das três fases da teoria e são por nós adotados durante as discussões.

### 3.1 ALGUNS CONCEITOS: FRASE, ENUNCIADO, SIGNIFICAÇÃO E SENTIDO

O modo de usar a língua para argumentar é explicado por Ducrot (1987) na Teoria da Argumentação na Língua ao dizer que há traços da enunciação do locutor na organização linguística da frase. A frase, para o autor, é marcada pelos elementos linguísticos, constituída “de diretivas, instruções e de senhas para decodificar o sentido de seus enunciados” (DUCROT, 1989, p. 14). Nessa visão, a frase é definida como um conceito teórico, uma estrutura que tem apenas uma significação resultante da interpretação das relações dos termos que a compõem.

A significação da frase reside basicamente no que o autor chama de “indícios”, “instruções” que, a partir do contexto,<sup>1</sup> indicam como se devem interpretar os enunciados. O enunciado, para o autor citado, corresponde a um segmento do discurso, que tem, assim como o discurso, “um lugar, uma data, um produtor e (geralmente) um ou vários ouvintes” (DUCROT, 1987, p. 13). Por se tratar de um fenômeno empírico, o enunciado não se repete; nesse sentido, explica o autor: “Se digo duas vezes seguidas uma coisa que é habitualmente transcrita ‘O tempo está bom’, produzo dois enunciados diferentes, e isto porque o momento de sua enunciação é diferente” (DUCROT, 1987, p. 13).

Sob esse ponto de vista, o enunciado, para Ducrot (1987), é observável, manifestação particular de uma frase. Para ele, o que determina um enunciado são as condições estabelecidas para o emprego desse. Isso o autor chama de leis de discursos. A partir das leis de discurso, é possível entender que no enunciado se encontram o sentido, a compreensão, a possibilidade de continuidades do discurso. Sendo assim, é inevitável utilizar os enunciados sem a pretensão de orientar os ouvintes para uma conclusão. Dito de outro modo, o ato de argumentar é indissociável dos enunciados da língua.

Nessa perspectiva, Ducrot (1989) afirma que na frase está a significação, enquanto o enunciado é dotado de sentido. Para o autor, o sentido do enunciado ultrapassa o valor da frase, pois além de ter todos os atributos da frase, “possui um certo número de detalhes ou especificações” (1987, p.14) que possibilitam a interpretação do ouvinte. Explicado de outra maneira, o sentido do enunciado é sobredeterminado à significação da frase, uma vez que o

---

<sup>1</sup> Contexto, aqui, como contexto do texto. Não existe contexto sem texto, linguisticamente falando.



sentido não é parte da frase, mas é interpretado a partir da significação dessa. Desse modo, é possível entender o enunciado como a interpretação do locutor, advinda das instruções que são dadas na língua, através das marcas linguísticas.

Consideramos, neste trabalho, que as marcas linguísticas funcionam como instruções e diretivas que orientam os sentidos argumentativos nas notícias e direcionam para a polifonia no enunciado através da figura do locutor e dos enunciadores. A polifonia é um elemento-chave na constituição da argumentatividade do texto. É o fator de encontro das várias vozes, contribuindo para o desvelamento dos pontos de vista que ora pode se assemelhar, ora diferenciar em um mesmo enunciado. Essas questões serão abordadas mais especificamente na subseção seguinte.

### 3.2 A CONCEPÇÃO POLIFÔNICO-ARGUMENTATIVA

Assim como outros conceitos, atualizados e modificados ao longo da evolução da TAL, o conceito de polifonia linguística acompanhou a evolução da Teoria em suas diferentes versões e faz parte de abordagens em diversas pesquisas que tratam sobre argumentação na língua. A noção de polifonia linguística, a partir da obra *O dizer e o dito*, explicita bem essa atualização. Esse livro de Ducrot (1987), como outros textos que vêm sendo produzidos atualmente sobre polifonia, serve de fundamento teórico para as reflexões nesta seção.

As reflexões sobre polifonia foram antecipadas por Bakhtin (2013[1963]) ao tratar do assunto em Dostoievski. Bakhtin considera que a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoievski está na multiplicidade de vozes e consciências independentes. Para o autor, essas vozes misturadas constituem, de fato, “a autêntica polifonia” em Dostoievski, tornando essa obra essencialmente dialógica.

Desse modo, afirma Bakhtin (2013[1963], p. 6): o romance de Dostoievski é polifônico, “[...] todas as estruturas do romance são profundamente singulares, são determinadas pela tarefa que só ele soube colocar, a tarefa de construir um mundo polifônico [...]”. Ou seja, para o autor, todos os elementos estruturais do romance encontram-se ligados por uma relação que pode estar em oposição como contraponto, estabelecendo, assim, o que ele considera dialogia na linguagem.

A partir da ideia de polifonia de Bakhtin (2013[1963]), Ducrot (1987) elabora a sua teoria polifônica. Contudo, a teoria de Bakhtin (2013[1963]) enviesa-se pela investigação da polifonia na literatura, lançando-lhe um olhar externo, que ultrapassa o contexto do texto e busca, na história e na ideologia, explicar a multiplicidade de vozes que dialogam no romance

literário. Já Ducrot (1987), quando retoma o assunto da polifonia, direciona seus estudos para os fatores estritamente linguísticos, incorporando a ideia de polifonia para os enunciados da língua.

De acordo com Barbisan e Teixeira (2002), ao elaborar a Teoria da Polifonia, Ducrot opõe-se ao que era afirmado e ratificado por outras teorias linguísticas: a existência de um sujeito unívoco assumindo simultaneamente os papéis de autor do enunciado e responsável pelo que é dito no interior desse enunciado. Ducrot (1987) reformula essa concepção defendendo a ideia de que o locutor põe em cena diferentes enunciadorees, tomando atitudes frente a eles. Para Ducrot (1987, p. 193), “o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadorees de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes”. Podemos, então, afirmar que a descrição dos enunciadorees, assumida pelo locutor no discurso, pode configurar o sentido argumentativo do texto. Como demonstraremos, a partir da Teoria de Ducrot (1987), as vozes enunciadas funcionam para argumentar e constituir o sentido nas notícias selecionadas neste trabalho.

Compreendemos, desse modo, que a polifonia, explicitada por Ducrot (1987), investigada no nível do enunciado, é incorporada à noção de argumentatividade. Nessa perspectiva, a linguagem, para o autor citado, é constituída por um coro polifônico, sendo o enunciado um tecido permeável, produzido por várias vozes que se sustentam e se chocam.

Ao criticar, em *O dizer e o dito*, o pressuposto de que o falante é único e que cada enunciado só pode ser relacionado a um único autor, Ducrot (1987) destaca duas formas de polifonia: uma na noção de locutor e outra de enunciadorees. O termo “locutor” é definido como “[...] um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É a ele que se refere o pronome eu e as outras marcas da primeira pessoa” (DUCROT, 1987, p. 182). Contudo, o autor adverte que o locutor é diferente do sujeito falante – indivíduo empírico particular – aquele que produz efetivamente a fala. Defende o autor citado:

Certamente do ponto de vista empírico, a enunciação é ação de um único sujeito falante, mas a imagem que o enunciado dá dela é o de uma troca, de um diálogo, ou ainda de uma hierarquia das falas. Não há paradoxo neste caso senão se se confunde o locutor – que para mim é uma ficção discursiva – com o sujeito falante – que é um elemento da experiência. (DUCROT, 1987, p. 187).

Na citação anterior, Ducrot (1987) distingue o locutor empírico daquele que é considerado por ele como ficção discursiva. Dando prosseguimento a essa ideia, o autor identifica duas ficções discursivas: o locutor L e o locutor  $\lambda$ . Para Ducrot (1987, p. 188), o

locutor L designa “o locutor enquanto tal”, sendo considerado o responsável pela enunciação; já o locutor  $\lambda$  caracteriza-se como ser do mundo, “[...] uma pessoa ‘completa’, que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado [...]”. Mesmo fazendo essa distinção, o autor assume tanto L quanto  $\lambda$  como seres do discurso. Dessa forma, explica:

L é o responsável pela enunciação, considerado unicamente enquanto tendo esta propriedade.  $\lambda$  é uma pessoa ‘completa’, que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado – o que não impede que L e  $\lambda$  sejam seres de discurso, constituídos no sentido do enunciado, e cujo estatuto metodológico é, pois, totalmente diferente daquele do sujeito falante. (DUCROT 1987, p. 188)

A atribuição do locutor L e  $\lambda$ , como seres do discurso, é justificada por Ducrot (1987), ao considerar que ambos são representações internas ao enunciado e, portanto, diferem-se das atribuições do sujeito falante, figura não-enunciativa e externa ao discurso. L pertence ao comentário da enunciação, feita globalmente pelo sentido; já  $\lambda$  “pertence à descrição do mundo feita pelas asserções interiores ao sentido” (DUCROT, 1987, p. 191). Vejamos essas representações no exemplo dado por Cattelan (2006, p. 191):

Seja o exemplo: *Meu médico me disse: penso que você está doente*. Para Ducrot, existem aí três locutores: aquele que, interno ao enunciado, é o responsável por ele; aquele que, exterior ao enunciado, foi ao médico, recebeu o aviso e se marca como primeira pessoa, como *me* e *meu*; e, por fim, o médico, que diz, em primeira pessoa: *penso que você está doente*.

Esse exemplo de Cattelan (2006) evidencia a responsabilidade do *dizer* ao locutor  $\lambda$ , aquele que deixa as marcas de enunciação no texto; melhor dizendo, as pistas que sinalizam o sentido da enunciação – o *dito* – de responsabilidade de L, que introduz as vozes dos enunciadorees no conteúdo enunciado. Desse modo,  $\lambda$  só pode ser identificado através de L, ou seja, as afirmações sobre  $\lambda$  são utilizadas para mostrar as qualificações da enunciação de L. O locutor empírico, por sua vez, é apenas uma representação externa ao plano do enunciado, um sujeito de carne e osso.

Segundo Ducrot (1987), o locutor põe em cena enunciadorees, a partir dos quais ele organiza os pontos de vista e as atitudes e, nesse sentido, manifesta sua própria posição em relação aos enunciadorees que mobiliza, quer assimilando-se a um ou a outro, quer simplesmente fazendo-os aparecer no enunciado para contestá-los ou para mencionar outros pontos de vista. A partir disso, o locutor pode *pôr*, *concordar* ou *recusar* um ponto de vista enunciado.

A noção de enunciador é evidenciada por Ducrot (1987) na segunda forma da polifonia na língua. Nessa forma, os enunciadorees correspondem à voz de alguém, que não

tenha as propriedades que ele atribuiu ao locutor. Segundo Ducrot (1987, p. 192), “[...] o sentido do enunciado, na representação que ele dá da enunciação, pode fazer surgir aí vozes que não são as de um locutor”. Nesse sentido, os enunciadores (E1, E2, E3...) são considerados os responsáveis por essas vozes. Dessa forma, os enunciadores são seres que se expressam através da enunciação, sem que, para tanto, se lhe atribuam palavras precisas: Se eles “falam” é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não no sentido material do termo, suas palavras (DUCROT, 1987, p. 192). Ou seja, o "locutor" pode colocar em cena, em seu próprio enunciado, posições diversas da sua, imputando a responsabilidade do enunciado a diferentes autores.

Ducrot (1987, p. 192) defende que, “assim como o autor coloca em cena seus personagens, o locutor coloca na cena discursiva os enunciadores”. No entanto, para demonstrar que o locutor também pode “atuar” como enunciador, assumindo pontos de vista, Ducrot (1987, p. 193) explica: “[...] seja porque ele se assimila a este ou aquele dos enunciadores, tomando-o por representante (o enunciador é então atualizado), seja simplesmente porque escolheu fazê-los aparecer [...]”.

O autor considera a relação entre locutor e enunciador como uma peça teatral, em que estão em atuação personagens e, nesse sentido, adverte: “[...] Como o enunciador não é o responsável pelo material linguístico utilizado, que é atribuído ao locutor, do mesmo modo não se vê atribuída à personagem de teatro a materialidade do texto escrito pelo autor e dito pelos atores” (DUCROT, 1987, p. 193). Essa comparação é utilizada pelo teórico para explicar que o enunciador não tem palavras próprias e sua existência se dá, unicamente, por meio da enunciação do locutor.

As relações entre locutor e enunciadores, explicada por Ducrot (1987), evidenciam a argumentatividade da língua, a partir do viés polifônico integrado aos enunciados. Sob esse entendimento, analisamos o movimento argumentativo nas notícias políticas, selecionadas para este trabalho, acreditando que o jogo encenado pelo locutor e seus enunciadores, expressa qual é o ponto de vista assumido pelo locutor dentre aqueles que ele põe em cena no interior do enunciado. Para dar início ao tratamento do conteúdo dessas discussões, vejamos o exemplo no enunciado de uma das notícias que será analisada na seção 6 deste trabalho:

## Notícia 2:

Popularidade de Dilma cai 19 pontos e atinge o mais baixo índice desde 2011

Para 44% dos entrevistados, o desempenho da presidente foi considerado ruim ou péssimo, segundo o Datafolha.



Nesse enunciado, podemos identificar quatro enunciadores, quatro origens para os pontos de vista nele realizado: E1 apresenta o ponto de vista dos entrevistados, E2 o resultado das pesquisas Datafolha, E3 assimila o ponto de vista da Datafolha e afirma a queda da Popularidade de Dilma e E4 que ativa a popularidade dos presidentes do Brasil desde 2011 para comparar à popularidade de Dilma. Nesse sentido, o locutor responsável pelo enunciado dá existência aos enunciadores e expressa atitudes em relação a cada enunciador realizado no discurso. Desse modo, L aceita o ponto de vista expresso por E1 e E2, admite E4 e põe em evidência sua assimilação ao que apresenta E3.

A polifonia, presente nesse enunciado, torna evidente o que o locutor defende, explicitando as várias vozes, que possibilitam dar informações diferentes, a partir de perspectivas diferentes. É de ressaltar, igualmente, que as vozes enunciadas são reveladas pelos operadores argumentativos e pelos implícitos que orientam os sentidos, enfatizando substancialmente a argumentação no enunciado das notícias. É necessário, portanto, uma abordagem, mesmo que sucinta, da ideia de orientação argumentativa, operadores argumentativos e implícitos, com o objetivo de entendermos como se processa essas relações para o dizer e o mostrar na língua. Vejamos as subseções que se seguem.

### 3.3 A ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA DO SENTIDO

Na tentativa de influenciar e obter a aceitação dos discursos proferidos, o homem busca formas coerentes e adequadas para organizar os dizeres. O modo de organizar os dizeres, por sua vez, se torna indissociável do uso da linguagem e tende a exigir do locutor a seleção de argumentos adequados para validar determinado ponto de vista; para isso, o ato de argumentar se revela por meio de mecanismos diversos que envolvem, inclusive, as escolhas linguísticas.

Azevedo (2006) considera que a força argumentativa das entidades que compõem o sistema linguístico corrobora para que o homem (EU) exerça sua ação sobre o outro (TU) e sobre o mundo, sendo as palavras imbricadas de força muito mais argumentativa do que simplesmente informativa. Desse modo, a autora considera que as palavras e frases mantêm sentidos, que são estabelecidos argumentativamente, através da enunciação do locutor.

Expresso de outra maneira, Azevedo (2006) considera a linguagem marcada pelo locutor que a usa para direcionar os sentidos para os propósitos que intenciona, sendo possível “descrever a significação das entidades que compõem o sistema linguístico a partir das relações argumentativas que tais entidades mantêm entre si” (AZEVEDO, 2006, p. 131). Coadunando com essa ideia, Cabral (2011, p. 13) afirma:

Toda a ação que fazemos ao interagir com o outro depende também de nossas escolhas linguísticas para obter sua eficácia. Um adjetivo, um adverbio para reforçar um argumento, conectores para articular nosso texto, todos esses elementos linguísticos cumprem uma importante função na argumentação, pois eles marcam uma tomada de posição do locutor diante do conteúdo enunciado.

A argumentação, para Cabral (2011), é constituída por diretivas, elementos linguísticos produtores de sentidos, que funcionam como marcadores da argumentatividade nos gêneros discursivos. Em uma abordagem estritamente linguística, a autora assume que a argumentação é fator basilar de toda língua. Não há, portanto, enunciado neutro, desprovido de direcionamentos específicos, mas é marcado pelo ponto de vista do locutor. Ou seja, através da noção de orientação argumentativa, Cabral (2011) considera que os elementos linguísticos marcam os dizeres do locutor para orientar a direção dos sentidos para a conclusão do interlocutor através de uma relação gerida pela argumentatividade. Assim, nessa visão, a orientação argumentativa, também, adquire uma natureza linguística.

No mesmo campo teórico das duas autoras citadas, percebemos a argumentatividade, nas notícias selecionadas, direcionada por palavras, responsáveis pela orientação

argumentativa do sentido. Nessa perspectiva, os segmentos de discurso são constituídos por um encadeamento argumentativo contido “na própria significação das palavras e dos enunciados com os quais o discurso é feito” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 12).

Assim, por exemplo, Ducrot (2009, p. 22) utiliza o enunciado: “tu diriges depressa demais, tu corres o risco de sofrer um acidente”, para explicar o que significa um encadeamento argumentativo. O autor afirma que a própria significação de “demais” já comporta a indicação do que pode ser encadeado às proposições que contêm essa palavra. Para esse autor, a expressão “demais” – vinculada a “acidente” – é encadeada pelo conector “portanto” e permite representar o tipo de velocidade e de infração de que se trata.

A partir da explicação de Ducrot (1987), pode-se depreender que “depressa demais” e “acidente” possuem uma relação semântica atualizada pelo discurso, diferente da relação possível entre, por exemplo, “tu diriges depressa demais, tu corres o risco de ganhar um prêmio”. Sendo assim, o próprio conteúdo do argumento em “tu diriges depressa demais” só pode ser compreendido pelo fato de que conduz à conclusão “corres o risco de sofrer um acidente”.

Ainda, demonstrando outros exemplos de expressões argumentativas, as quais determinam o valor argumentativo dos enunciados, Ducrot (2009, p. 23) explicita que, ao dizer “tu moras longe”, “longe” qualifica a distância como obstáculo, ao dizer “tu moras perto”, “perto” a qualifica como não sendo um obstáculo. Em todos esses casos, o encadeamento constitui o valor semântico do argumento e a orientação dos sentidos dada às palavras no enunciado age a favor de uma conclusão.

Esse assunto da orientação dos sentidos para uma conclusão é detalhado por Anscombe e Ducrot (1988, p. 13): “a utilização de um enunciado tem uma finalidade ao menos tão essencial quanto à de informar sobre a realização de suas condições de verdades, que é a de orientar o destinatário para certas conclusões e não para outras”. Orientar argumentativamente um enunciado é “empregar A em favor da conclusão C, quer dizer apresentar A como devendo levar o destinatário a concluir C, [ou seja] dar A como uma razão de crer C” (ANSCOMBRE; DUCROT, 1988, p. 28). Depreendemos, assim, que quando o médico diz “sua febre está muito forte”, esse enunciado orienta para conclusões do tipo: “não deixe de tomar o remédio”, “fique em repouso”, mas não orienta na direção de conclusões “você não precisa de cuidado”, “sua saúde está ótima para trabalhar”.

Reforçando, ainda, o exemplo anterior com o enunciado “ela é uma excelente profissional”, inferimos que esse enunciado pode gerar outros enunciados que podem admitir interpretações, como “ela pode ser contratada”, “merece uma promoção”, ou “ela não deve ser

demitida”. Essa compreensão é estabelecida a partir das imposições regidas pelos elementos linguísticos “profissional” e “excelente” que, encadeados, direcionam os sentidos para as conclusões do leitor.

Esses exemplos possibilitam reconhecer que os significados de uma expressão são obtidos pela associação de diferentes argumentos. Assim, como defendem Carel e Ducrot (2005), a relação entre o argumento A e a conclusão B ou a relação entre A e a concessão de B é o próprio sentido da expressão. Desse modo, os elementos linguísticos encadeiam sentidos através dos discursos argumentativos. Sob esse ponto de vista, o sentido de um enunciado orienta a direção e a continuação do diálogo.

Ressignificando essa ideia, Koch (2011) ressalta que a argumentação estrutura o discurso e marca as possibilidades de sua continuidade. É ela a responsável pelos encadeamentos discursivos, articulando entre si enunciados ou parágrafos, de modo a transformá-los em texto. A progressão do discurso “[...] se dá, justamente, por meio das articulações argumentativas” (KOCH, 2011, p. 21). Para isso, os conectivos, bem como outros mecanismos da língua, “funcionam como operadores no discurso argumentativo, encadeando e determinando o valor dos enunciados, comprovando que a própria língua tem seus mecanismos para operar argumentativamente” (RIBEIRO, 2009, p. 31).

Nessa perspectiva, Ducrot (1981) afirma que o teor argumentativo não se encontra apenas nas informações que o enunciado carrega; mas, sobretudo, nos “morfemas, expressões ou termos que, além do conteúdo informativo, servem para dar uma orientação argumentativa aos enunciados e conduzir o destinatário em tal ou qual direção” (DUCROT, 1981, p. 178). Tais morfemas (palavras com valor argumentativo como demais, tão, além disso, dentre outras) e expressões ou termos (por exemplo, pouco, um pouco, quase, econômico, avaro) foram denominados por Ducrot (1989) como operadores argumentativos.

Koch (2011) define os operadores como potencial argumentativo dos enunciados, configurando-se como marcas linguísticas indispensáveis para a enunciação. Para Platin (2008), os operadores argumentativos possuem a função de colocar a informação textual a serviço da orientação argumentativa do produtor ao longo do texto.

Ducrot (1989), ao evidenciar o valor argumentativo de determinados operadores, mobiliza o conceito de *topos* (Cf. seção 3). A partir desse conceito, o autor leva a ideia de polifonia para o enunciado. Como já salientamos, a polifonia é investigada, em nossa análise, a partir dos operadores argumentativos como marcas linguísticas (“instruções”, Cf. 3.1) as quais funcionam para marcar os dizeres na língua. Desse modo, torna-se relevante discutir o



funcionamento desses operadores, como diretivas e instruções para os sentidos das notícias selecionadas. Vejamos nas subseções que seguem.

### **3.3.1 Nos entremeios do dizer e do mostrar na língua**

Segundo Vogt (1980 *apud* KOCH, 2011), ao dizer algo, o enunciado representa um estado de coisas do mundo, o que ele chama de significação ou sentido 1. Por outro lado, o modo como o enunciado representa a si mesmo constitui o sentido 2 e este é feito por meio de marcas linguísticas. Para Koch (2011), é através de marcas linguísticas que a enunciação se faz presente no enunciado e revela a macrossintaxe do discurso, objetivo da Semântica Argumentativa. Desse modo, a noção de sentido, para Koch (2011) e Vogt (1980), deve ser entendida não apenas no âmbito do dizer, mas, principalmente, como a direção às conclusões, o futuro discursivo, enfim, o alvo para onde o enunciado aponta o mostrar. Os limites entre dizer e mostrar possibilitam penetrar nas relações entre linguagem, homem e mundo e, sob esse aspecto, evidencia a argumentação na linguagem.

O dizer, para Koch (2011, p. 28), “é a capacidade de produzir enunciados, de estabelecer uma relação entre uma sequência de sons e um estado de coisas”. Já o mostrar está ligado à enunciação; sendo assim, o enunciado passa a ter um sentido, que incorpora o processo de significação e mostra a direção para a qual aponta, ou seja, seu futuro discursivo. Essa compreensão envolve dois planos de significação do enunciado, estabelecidos, segundo Koch (2011), pela relação que o homem faz entre linguagem e mundo, no campo da significação, e pela relação entre a linguagem e os homens, na esfera dos sentidos. De outro modo, podemos compreender que tanto as representações do mundo, quanto os sentidos que damos a essas representações constituem-se no campo da linguagem.

As considerações de Koch (2011) permitem compreender o dizer captável no próprio enunciado e reforçam, através das marcas linguísticas, o direcionamento dado aos sentidos para revelar os implícitos inscritos na língua. Os implícitos abrangem uma área relativamente ampla, identificada por Ducrot (1987), como sendo de duas formas: implícito do enunciado e implícito baseado na enunciação. O primeiro envolve o pressuposto em oposição ao que é posto. O segundo o subentendido.

Por exemplo, no enunciado apresentado por Ducrot (1987, p. 31): “Pedro parou de fumar”, o posto declarado é a condição de Pedro como ex-fumante, expressa por “Pedro não fuma atualmente”; já o pressuposto é o conteúdo evocado e expresso em “Pedro fumava anteriormente”. Além disso, de acordo com Ducrot (1987, p. 31), “esse enunciado é destinado

a lembrar um fumante invertebrado a sua covardia” e pode ser que ele veicule subentendidos como ‘com um pouco de coragem pode se chegar lá’, ‘Pedro tem mais força de vontade que você’.

Percebemos, nesse exemplo, que o locutor deixa pistas para que o leitor reconheça os implícitos e tenha condições de compreender o sentido do enunciado. Desse modo, a forma verbal “parar”, em “Pedro parou de fumar”, funciona como pista para significar que uma ação realizada no passado, não permanece no momento. De outro modo, a partir do processo interpretativo originário da forma verbal, o leitor pode-se ater à enunciação do locutor para gerar sentidos não marcados nesse enunciado e suscitar subentendidos (implícito baseado na enunciação) a fim de interpretar os dizeres no texto.

Sendo assim, a significação dá-se sob dois modos distintos: o da mostração (implícitos) e o da representação (explícito), que correspondem à diferença entre o mostrar e o dizer a que se faz referência (KOCH, 2011, p. 27). Sob esse ponto de vista, também, as marcas linguísticas demonstram o caráter subjetivo da língua e se inscrevem nos discursos apresentando o retrato enunciativo dos enunciados e podem, inclusive, possibilitar interpretações que ultrapassam os sentidos explícitos em qualquer texto.

Aquilo que é dito no texto tem implicações importantes, que permitem ao interlocutor ir além das informações aparentes e, a partir dos usos dos elementos linguísticos, compreender as entrelinhas do texto. Isto é, as marcas linguísticas são indícios nos discursos para orientar o sentido da argumentação.

Essa orientação argumentativa dá-se através da relação sintagmática, a partir da seleção de um ou outro elemento linguístico, o qual pode apontar [...] “para combinações sintagmáticas ou encadeamentos possíveis” (KOCH, 2011, p. 106). Sendo assim, as marcas linguísticas indiciam o ato de argumentar, possibilitam conclusões a partir dos argumentos e estabelecem papel imprescindível para o sentido do texto. Dito de outro modo, as marcas linguísticas têm como função, primordial, determinar a maneira como aquilo que se diz é dito. Ressignificando o papel das marcas linguísticas, Koch (2011) as distribui em cinco tipos:

1. As pressuposições; 2. as marcas das intenções, explícitas ou veladas, que o texto veicula; 3. os modalizadores que revelam sua atitude perante o enunciado que produz (através de certos advérbios, dos tempos e modos verbais, de expressões do tipo: “é claro”, “é provável”, “é certo” etc.); 4. os operadores argumentativos, responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando-os em textos e determinando sua orientação discursiva; 5. as imagens recíprocas que estabelecem entre os interlocutores e as máscaras por eles assumidas no jogo das representações ou, como diz Carlos Vogt, nas pequenas cenas dramáticas que constituem os atos da fala. (KOCH, 2011, p. 33).

Dentre os tipos sinalizados por Koch, fazemos referência, neste trabalho, aos operadores argumentativos – como pistas que sinalizam os não ditos e marcam a enunciação do locutor. Destacamos, também, o papel dos implícitos – como artimanhas argumentativas de grande eficácia para validar o dizer do enunciador. Ambos são considerados como índices de polifonia, que remetem a pontos de vista possíveis e a sentidos possíveis, nas notícias analisadas nesta dissertação. Expomos, a seguir, as principais ideias que circulam nos estudos atuais de Ducrot e de adeptos da TAL sobre os operadores e os implícitos.

### 3.3.1.1 Os operadores argumentativos

Na forma *standard* da teoria, Ducrot (1987) buscava definir certos elementos linguísticos que funcionavam para mostrar a força argumentativa dos enunciados e a direção (sentido) para o qual indicam. A preocupação de Ducrot (1987) era mostrar como elementos linguísticos, a exemplo de “pouco”, “um pouco”, “quase”, “apenas”, “até”, e “só”, apontavam para conclusões possíveis. Sendo assim, os referidos operadores tinham como função estruturar os enunciados, articulando-os entre si para um mesmo sentido.

Ao reformular a Teoria da Argumentação na língua, a partir da teoria do *topos* (na segunda forma da teoria), Ducrot (1989) refere-se a certos morfemas, os quais são chamados de operadores argumentativos (O.A.), revendo a definição dada a esses mecanismos linguísticos de orientar sempre para os mesmos sentidos.

Um exemplo de morfema<sup>2</sup>, evidenciado por Ducrot (1989, p. 15), é o operador “demais”, no enunciado: “essa mercadoria é cara demais”. Pode-se visar, segundo Ducrot (1989), a partir desse morfema, a orientação argumentativa do enunciado para sentidos do tipo “é preciso comprar a mercadoria e declarar que seu preço é superior a um certo valor abaixo do qual a compra seria possível, mas acima do qual torna-se impossível”. De outra maneira, se tivermos:

x tem um preço bom demais’, pode se ter, em certas situações, a mesma proposição r é necessário comprá-la. ‘A única diferença com o caso anterior é que abaixo do limite a compra é apresentada não somente como possível, mas como justificada, sendo o bom preço a razão para a compra’ (DUCROT, 1989, p. 15).

Desse modo, o autor diz que um morfema x (um operador argumentativo) é um O.A. em relação a uma frase P se três condições são preenchidas:

---

<sup>2</sup>Para Ducrot (1989), um morfema é um operador argumentativo (os operadores são algumas palavras que funcionam para direcionar os sentidos dos enunciados).

1- pode-se construir a partir de p uma frase P' pela introdução de x em P. O que descrevo  $P' = a P+x$ . Mas deve se entender que a introdução de x pode fazer se não somente por adição, mas também por uma substituição, acompanhada, eventualmente, de certas modificações sintáticas [...]. 2- em uma situação de discurso determinada, um enunciado de p e um enunciado de P' tem valores argumentativos nitidamente diferentes: não se pode argumentar da mesma maneira, a partir de um e a partir de outro. 3- Esta diferença argumentativa não pode ser derivada de uma diferença factual entre as informações fornecidas, na situação de discurso consideradas, pelos enunciados de P e de P'. (DUCROT, 1989, p. 18)

Essas condições, salientadas por Ducrot (1989), explicam a oposição à noção de argumentação orientada sempre para as mesmas conclusões, evidenciada no início da teoria. Do mesmo modo, afirma que argumentação não se trata de um sentido buscado nas crenças e nos fatos a partir de fatores extralinguísticos e sim de um sentido buscado na relação entre os elementos linguísticos inscritos na língua.

Ducrot (1989, p. 34-35) considera, a partir dos operadores, “[...] de um lado a ideia de um valor argumentativo em nível semântico mais profundo que o ato de argumentação; de outro lado a ideia de que esse valor está fundamentado na mobilização de *topoi* graduais susceptíveis de receber duas formas tópicas recíprocas”. Assim, Ducrot (1989, p. 38) conclui:

(5) Os operadores argumentativos impõem condições sobre as formas tópicas mobilizadas. (6) Não se pode utilizar uma língua – na medida pelo menos em que ela comporta operadores argumentativos – se não se tem a sua disposição e se pressupõe *topoi*.

Em síntese, entendemos, de acordo com Ducrot (1989), que os operadores colaboram para intensificar a adesão do interlocutor e sinalizam o percurso argumentativo orientado nos discursos do locutor. Esse percurso é possível, principalmente, pelo *topoi* argumentativo – premissas de ordem geral – que permitem entender os sentidos orientados para uma conclusão. Ou seja, a função dos operadores é, basicamente, possibilitar a passagem a uma conclusão durante o percurso enunciativo realizado, constituindo-se como fator imprescindível de argumentatividade.

Sendo assim, os operadores argumentativos estão entre os mecanismos responsáveis pelo processo de utilização e ordenação de argumentos, que podem encadear os sentidos tanto para conclusões semelhantes quanto para conclusões distintas. Ratificamos essa ideia, aqui, para salientar que, a partir da noção de *topos* (princípio interno à língua que tem a ver com os

pontos de vista assumidos por um enunciador), Ducrot (1987) passa a descrever os operadores argumentativos, abordando-os a partir do encadeamento discursivo.

Oliveira (1999, p. 100) destaca, nos seus trabalhos, os princípios básicos da Semântica Argumentativa de Ducrot (1989) ao considerar os operadores argumentativos como um grupo de elementos da gramática cujo objetivo fundamental é revelar a argumentatividade inerente a determinados enunciados e direcioná-los a uma conclusão de acordo com as condições de uso. Esse autor apresenta a função dos operadores, a partir de um estatuto mais amplo, uma vez que veiculam estratégias linguístico-argumentativas, imprimindo as marcas de subjetividade do locutor.

Para Koch (2011, p. 17), os operadores “estabelecem relações discursivas entre as orações, introduzem um enunciado e determinam-lhe a orientação argumentativa”. Essa noção encaminha os sentidos dos operadores para a possibilidade de influenciar na interpretação do leitor, uma vez que o sentido é dado pela sinalização que essas categorias dão à língua.

Oliveira (1999) e Koch (2011) abordam a língua pensando nas vastas possibilidades no seu interior para apontar o dizer, o que, na perspectiva de Ducrot (1987), se dá através das distintas formas que os elementos linguísticos mostram a enunciação. Sendo assim, utilizando as palavras de Koch (2000, p. 69), “o locutor apresenta sua fala como um enigma que cabe ao destinatário resolver. O sentido é considerado como um ‘retrato’ da enunciação, um retrato cuja responsabilidade o locutor deixa ao destinatário”, para tanto, os enunciados do texto encontram-se marcados pela enunciação.

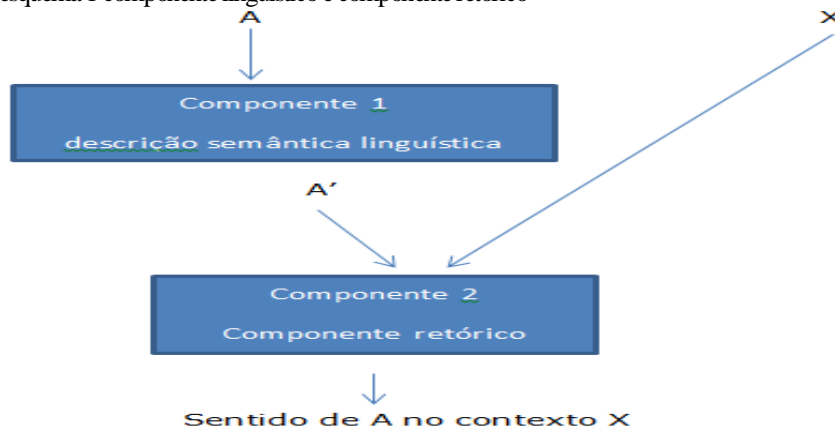
O olhar para os operadores em três notícias, nesta pesquisa, permite, a partir das direções que esses marcadores dão aos textos, analisar os pontos de vista dos enunciadores, observando que a significação contida nas frases, através da direção desses marcadores, possibilita decodificar o sentido de seus enunciados. Isto é, a decodificação do sentido é possível através das sinalizações dos operadores argumentativos. Desse modo, consideramos, neste trabalho, que os operadores funcionam como índices importantes de polifonia, uma vez que dão indicações para os sentidos implícitos do texto. Como já afirmamos, os sentidos implícitos abrangem uma área relativamente ampla, identificada por Ducrot (1987) como pressupostos e subentendidos. Na próxima subseção, apresentamos um pouco mais sobre essas questões.

### 3.3.1.2 Pressupostos e subentendidos: sentidos implícitos no texto

Em estudos iniciais sobre os implícitos, Ducrot (1987) enquadrou o fenômeno da pressuposição como parte do sentido literal da frase em ligação com as construções sintáticas desta, enquanto o subentendido funcionava em oposição a esse sentido literal. Sendo assim, expõe o autor: “o subentendido só toma o seu valor particular ao opor-se a um sentido literal do qual ele mesmo se exclui” (DUCROT, 1987, p. 21). O subentendido, assim, é compreendido como um dizer interpretado, não imposto pela frase, ou seja, o resultado da interpretação do enunciado pelo locutor não é parte da significação da frase. Por isso, Ducrot (1987) explica o subentendido a partir de um componente retórico; já o pressuposto, por depender exclusivamente da frase e funcionar em campo oposto ao subentendido, é explicado por um componente linguístico.

Convém esclarecer que o componente linguístico é a descrição semântica da frase e o componente retórico, explicitado por Ducrot (1987), não tem a ver com argumentação no sentido de persuadir um auditório, mas no intuito de orientar o interlocutor para certas conclusões e não para outras. Para efeito de ilustração, observe o esquema elaborado por Ducrot (1987, p. 16):

Figura 1 – esquema 1 componente linguístico e componente retórico



Fonte: O dizer e o dito, Ducrot (1987, p. 16)

No esquema, proposto por Ducrot, temos:

Um primeiro componente, isto é, um conjunto de conhecimentos (*descrição semântica linguística de L* ou, abreviadamente, *componente linguístico*) atribuiria a cada enunciado, independentemente de qualquer contexto, uma certa significação. Exemplificando: a A corresponde à significação A'. Caberia ao segundo componente (o *componente retórico*), considerando a significação A' ligada a A e as circunstâncias X nas quais A é produzido, prever a significação efetiva de A na situação X. (DUCROT, 1987, p. 15)

O esquema elaborado por Ducrot (1987) atribui à frase uma significação que explicaria o seu sentido apenas pela combinação das palavras no seu interior. Enquanto o componente retórico, a partir do contexto e situação de emprego da frase, explica o resultado da interpretação do locutor gerando os subentendidos nos enunciados. Dessa maneira, os pressupostos, para Ducrot (1987) são sinalizados pelas pistas linguísticas na frase e são explicados através da sua descrição semântica. Já o subentendido se distingue do pressuposto por depender, exclusivamente, do ouvinte para a sua interpretação, ou melhor, para subentender a informação no enunciado, é necessário considerar a situação de produção para desvendar o sentido do que está implicado; esse sentido é explicado pela descrição semântica do enunciado. Desse modo, pressupostos e subentendidos estariam em campos opostos, pela pertinência dos pressupostos à frase e dos subentendidos à enunciação.

No capítulo II, de *O dizer e o dito* (1987), Ducrot reexamina a tese que afirma a oposição pressuposto-subentendido. O objetivo desse reexame é, justamente, criticar a noção pela qual os pressupostos e subentendidos teriam origem em estratos diferentes da atividade linguística – um estando ligado estritamente ao componente linguístico e o outro ao componente retórico. O autor chama esse modo de entender os pressupostos de “concepção antiga” da pressuposição. A seguir, expomos o que Ducrot (1987, p. 32) considera “concepção antiga”:

1. A significação da frase pode implicar a existência, no sentido de seus enunciados, deste ou daquele pressuposto (esta proposição, eu mantenho - com algumas reservas).
2. Todos os pressupostos que aparecem no sentido do enunciado estão já previstos na própria significação da frase (é esta segunda proposição, sobretudo, que discuto).

Das duas considerações citadas, a última é retificada pelo autor, levando-o a rever a ideia inicial de pressupostos marcados unicamente na frase. Ducrot (1987) explica essa reformulação afirmando que há, também, pressupostos que são revelados pelo critério do encadeamento, mas que não resistiriam à ação das transformações sintáticas da negação e da interrogação; e há pressupostos que surgem apenas a partir do enunciado. Nesse sentido, admite que a pressuposição possa ser definida tanto na frase quanto no enunciado, afirmando: “se uma frase, em virtude dos critérios clássicos, pressupõe X, todos os enunciados também o pressupõem, quando lhe é aplicado o critério novo, o do encadeamento” (DUCROT, 1987, p. 39).

No exemplo “Fui à Alemanha com Pedro”, Ducrot (1987, p. 38) explica porque considera impossível, apenas considerando os pressupostos ligados à frase, atribuir pressupostos do tipo “fui à Alemanha” “ou viajei com Pedro” a esse enunciado. Segundo Ducrot (1987), o pressuposto, nesse enunciado, não se mantém necessariamente pela negação ou pela interrogação, porém é possível se dizer isso utilizando a noção de encadeamento. A partir da noção de encadeamento, pode-se dar continuação ao enunciado. Ou seja, “a partir do comportamento de Pedro ou da possibilidade que ele teve para realizar essa viagem, o que está posto é que levei Pedro e o que está pressuposto é minha viagem à Alemanha. Inversamente, se pretendo continuar sobre a minha possibilidade de ter ido à Alemanha, sobre o que lá fiz ou vi, o que se põe é que acompanhei Pedro e o que está pressuposto é a sua viagem” (DUCROT, 1987, p. 38-39). Dito dessa maneira, é possível encadear sentidos a partir desse enunciado. Sendo os pressupostos vinculados, também, ao enunciado.

A partir daí, entendemos que o conteúdo posto diz respeito à informação contida no sentido das palavras no enunciado de “fui a Alemanha com Pedro”; e o conteúdo pressuposto, ou pressuposição, engloba informações que podem ser inferidas da enunciação desse enunciado. Sendo assim, o pressuposto funciona como uma imagem da enunciação, imposta pelo locutor ao ouvinte, à medida que, ao dizer implicitamente alguma coisa, o locutor convoca o ouvinte para, juntos, compreenderem o enunciado.

Já no que se refere aos subentendidos, é normalmente possível que o interlocutor os encadeie na continuidade do discurso. Não é imputada ao locutor a obrigação de aceitar os subentendidos, eles apenas dizem respeito ao modo pelo qual se deve interpretar o discurso do locutor, o processo ao final do qual o ouvinte resgata a imagem dada à fala do locutor. Isto é, enquanto o uso de um enunciado com pressuposto já impõe ao destinatário a imagem do discurso do locutor, o subentendido é o resultado ao qual o interlocutor chega a partir da imagem que o locutor deu ao seu discurso, como um efeito retardatário deste.

Sob esse entendimento, consideramos que os pressupostos e os subentendidos funcionam para favorecer o processo de interpretação nas notícias selecionadas para este trabalho. Ou seja, entender os enunciados nas notícias política, a partir dos implícitos do texto, equivale a considerar os efeitos de sentido e compreender a argumentatividade da língua, seja no enunciado (no dito), como posto e pressupostos, seja na aparição desse enunciado (seu dizer).

Exemplificando com o enunciado da manchete: “Dilma Rousseff tem a maior reprovação desde Collor, diz Datafolha”. O conteúdo posto é que o governo da presidenta passa por reprovações. Esse conteúdo indica, através dos operadores “maior” e “desde”, o



pressuposto de que a reprovação de Dilma Rousseff ultrapassa governos anteriores. Desse modo, o posto (P) na língua aponta o crescimento de uma suposta reprovação a Dilma e revela o Pressuposto (PP) de que: o governo já teve uma reprovação menor; apresenta reprovação superior a outros presidentes anteriores ao governo Color e se equipara a esse governo. Dessa maneira, descrevemos:

(1) P: O governo Dilma é reprovado pelo povo segundo Datafolha;

(2) PP: A reprovação de Dilma se encontra em um patamar maior e já supera a reprovação de outros presidentes em um determinado momento da história.

Como conteúdo posto, (1) indica o enunciador que fala do lugar do sujeito com autoridade: a Datafolha (E1). No pressuposto, através das sinalizações dos operadores, os sentidos implícitos revelam, na voz de E2, a orientação para a conclusão sobre a crise no governo que, amparadas nas opiniões de (1) são comprovadas como a maior dentre as maiores reprovações de um presidente no Brasil.

A partir do conteúdo pressuposto, podemos ainda subentender algo exterior e considerar conclusões como: “Dilma não está governando como antes”, “o governo está em crise”, “o povo não está satisfeito com o governo de Dilma”. Disso resulta que os dizeres implícitos, no enunciado da manchete evidenciada, constituem-se como efeitos de sentido e possibilitam interpretações que ultrapassam o que está transparente nesse texto, podendo, inclusive, dizer aquilo que o locutor não disse explicitamente, por motivos distintos. É no dizer que as vozes se entrecrocaram e se constroem através de representações diversas e, partir dos conteúdos implícitos, organiza as opiniões, que divergentes, ou convergentes representam os pontos de vista.

Por esse viés, consideramos pouco provável a imparcialidade no gênero notícia, objeto de análise nesse estudo, e reafirmamos os sentidos argumentativos que a notícia evoca. Mesmo sendo a notícia caracterizada por dizeres relativos fundamentalmente a uma realidade que supõe descrição externa, pautada na veracidade dos fatos, deixa à mostra, nos usos de termos e expressões, o projeto do dizer do noticiador. Sendo assim, o posto na língua não basta para a compreensão dos textos, é necessário ir além e, a partir dos pressupostos e dos subentendidos, chegar ao dizer na língua, ou seja, o dizer transcende o dito, pois envolve a compreensão dos sentidos nos discursos evocados a partir das sinalizações que os elementos da língua indicam.

## 4 POLIFONIA EM NOTÍCIA: UM OLHAR PARA OUTROS ESTUDOS

Muitos autores já analisaram a polifonia em textos pertencentes à esfera jornalística, contrapondo-se ao caráter informacional desse veículo midiático com vista à objetividade e à neutralidade dos jornalistas. No bojo da Teoria da Argumentação na Língua, esses estudos evidenciam, em sua maioria, as marcas linguísticas enunciativas – como reveladoras da subjetividade na linguagem – destacando o caráter polifônico da língua, através das vozes dos locutores e enunciadores.

Nesta seção, apresentamos, resumidamente, três artigos específicos, os quais se limitam à investigação polifônica na notícia e contribuem para as análises nesta dissertação. Em uma tentativa de aproximar a proposta deste trabalho dos estudos anteriormente desenvolvidos, são descritos os pontos principais de cada produção científica, elucidando seus objetivos, os procedimentos para os resultados obtidos e as conclusões dos autores para, por fim, fazermos as considerações sobre os diálogos possíveis nas abordagens teórico-metodológicas de cada um.

Na primeira parte, é apontada a modalização como marca de polifonia, a partir do trabalho de Nascimento (2006); na segunda, os implícitos ganham destaque na investigação de Santos (2011) ao revelarem-se nas vozes que apontam sentidos outros, que estão além das linhas do texto; na terceira, Lebler (2016) evidencia a polifonia nos enunciados de duas notícias através do viés da subjetividade. Para finalizar, traçamos um paralelo entre esses estudos e o nosso, reforçando as possibilidades argumentativas no âmbito da notícia através da polifonia, direcionada pelas marcas linguísticas.

### 4.1 POLIFONIA E MODALIZAÇÃO

O primeiro trabalho é o artigo “A modalização no gênero notícia jornalística” – parte da tese defendida por Nascimento (2005) – “Jogando com as vozes do outro: A polifonia de locutores – recurso modalizador – na notícia jornalística”. Trata-se de um recorte bem preciso do corpus de 30 notícias de cunho político, veiculadas pelos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, em setembro e outubro de 2002.

Fundamentado nos estudos da Teoria da Argumentação de Ducrot (1987) e colaboradores, Nascimento (2006), ao publicar o artigo, questiona o postulado jornalístico que enquadra a notícia como um gênero discursivo informativo com vista à objetividade. O autor

defende que a argumentação é intrínseca ao referido gênero, através da presença de elementos argumentativos, desse modo:

A pretensa objetividade da notícia, muitas vezes, denominada informativa, é atenuada ou desfeita através de diferentes estratégias semântico-argumentativas, tais como a polifonia, a modalização- através de verbos dicendi- os operadores argumentativos, o arrazoado por autoridade, entre outras” (NASCIMENTO, 2006, p. 71-72).

Pelo viés da modalização, Nascimento (2006) comprova a hipótese de que a notícia é marcada pela argumentatividade, demonstrando como ocorre o distanciamento ou não comprometimento do locutor com conteúdo introduzido, através dos verbos dicendi. Sob essa perspectiva, os verbos dicendi, para Nascimento (2006), não são meros introdutores de discurso ou relato, são, além disso, portadores de sentido e podem indicar o modo como esse relato ou discurso é lido. Ou seja, é possível verificar posicionamentos do locutor responsável pela notícia com relação ao dito de outros locutores. Logo, Nascimento (2006) afirma a polifonia de locutores, nas notícias, como uma estratégia de modalização.

Segundo o autor citado, os verbos dicendi funcionam como três tipos diferentes de modalização: asseverativos; quase-asseverativos e avaliativos. Através da modalização, em uma dessas formas, o locutor posta-se de maneira diferente perante o discurso dos outros locutores, inclusive apresentando avaliação sobre o discurso relatado. Esses modalizadores, nos trabalhos de Nascimento (2006), contribuem para a comprovação da hipótese de que todo texto em menor ou maior grau têm uma orientação argumentativa.

Através da polifonia dos locutores, Nascimento (2006) identifica o locutor como responsável pelo texto, aquele que introduz relatos de outros locutores em seu discurso e assume diferentes posicionamentos sobre os discursos trazidos, ora se comprometendo com o dito, ora se distanciando. E esse caminho é possível analisando os verbos dicendi.

Dessa forma, Nascimento (2006) verifica que, em todos os casos em que L1 faz uso da polifonia de locutores nas notícias, ele assim o faz com a pretensão de fundamentar o seu discurso, utilizando, portanto, o discurso de outros locutores em todas as citações, procedimento que o autor chama de arrazoado por autoridade. Além de se comprometer com o discurso de outros locutores, L1 também o avalia apresentando seu posicionamento a partir de termos modalizadores. Nesse sentido, o caso de arrazoado por autoridade é introduzido por verbo dicendi: modalizador epistêmico quase-asseverativo sob a forma de estilo direto ou indireto.

Nascimento (2006) salienta que o arrazoado por autoridade, seja em estilo direto, seja em estilo indireto, possui sempre o mesmo funcionamento semântico-argumentativo nas notícias investigadas. Desse modo, segundo o autor, o locutor responsável pelo discurso (L1) apresenta e usa a voz de outros locutores (L2, L3 etc.) e assume diferentes posições com relação a eles como uma autoridade no assunto, engajando-se com a voz alheia (da autoridade).

Sob essa perspectiva, Nascimento (2006) verifica que, em cada um dos estilos, o locutor assume posições diferentes com relação ao relato: no direto, o seu comprometimento com o dito é qualitativamente menor, no indireto maior. O autor ilustra essa afirmação no exemplo:

Exemplo 1 Na verdade, o tiroteio partiu mais de Serra, colocando Ciro na defensiva, a ponto de ter deixado sem resposta duas acusações de Serra de que mentira. Uma foi a de que não é fundador do PSDB, ao contrário do que diz sempre, e a outra a de que pagou antecipadamente a dívida do Ceará. (NASCIMENTO, 2006, p. 77).

Nesse exemplo, Nascimento (2006) afirma que o locutor responsável pela notícia (L1) apresenta o ponto de vista segundo o qual José Serra travou um duelo verbal contra Ciro Gomes, principalmente na posição de acusador. Em seguida, o locutor apresenta o discurso de L2, José Serra, afirmando que Ciro não é fundador do PSDB e que Ciro não teria pago antecipadamente a dívida do PSDB.

Esse discurso, retratado na forma indireta é introduzido por um verbo “dicendi não-modalizador: dizer” (NASCIMENTO, 2006, p. 78). Logo, a postura de L1 é de assimilação do discurso de L2. Isso se confirma por ter sido esse o discurso utilizado por L1 para justificar o ponto de vista apresentado anteriormente na notícia: Serra acusou Ciro de mentiroso.

A partir da análise de enunciados, como o citado, Nascimento (2006) considera que as posturas assumidas por L1, na polifonia de locutores, são de engajamento (assimilação) e não-engajamento (não-assimilação). Através da ocorrência das estratégias de engajamento e não engajamento, presentes no interior do gênero notícia, o autor percebeu uma maior ocorrência das segundas em relação às primeiras (três de engajamento e sete de não-engajamento).

Segundo Nascimento, essa análise é possível, pois o fenômeno da argumentação, inscrita na língua, mobiliza diferentes recursos semântico-discursivos. Esses recursos variam de um texto para outro, dada às funções de cada um e às esferas nas quais estão inseridos. Sob esse ponto de vista, o autor advoga sobre a inconsistência das características argumentativas delegadas apenas a alguns gêneros, do mesmo modo, contrasta a divisão de gêneros informativos e gêneros opinativos no universo jornalístico.

A análise realizada por Nascimento comprovou a natureza polifônica da notícia e demonstrou, entre outras coisas, que não há diferença de comprometimento do locutor responsável pelo texto (L1) em relação ao discurso apresentado em estilo direto ou indireto, sob a forma de arrazoado por autoridade, apresentados pelos três diferentes tipos de modalizadores: asseverativos; quase-asseverativos e avaliativos. Através desses modalizadores, L1 se posta de maneira diferente perante o discurso dos outros locutores. Para o referido autor, fenômeno similar ocorre na polifonia de enunciadores, quando L1 assume diferentes posturas com relação aos enunciadores introduzidos em seu discurso.

Nascimento (2006) preferiu limitar-se à identificação dos locutores e deixou, nas entrelinhas das suas análises, uma abordagem preocupada com aspectos que pretendem identificar essas vozes, sem aprofundar sobre a maneira como fazem emergir os implícitos da notícia. Ao deixar de lado as vozes dos enunciadores, esse autor não elucida a importância desses pontos de vista para a construção argumentativa do texto. Além disso, a preferência pela identificação, quantificação e classificação das marcas linguísticas, especificamente os modalizadores, reduz o trabalho de Nascimento (2006) a uma abordagem de cunho mais funcionalista, focado nas gramáticas de uso de Castilho e Neves.

Diferente do trabalho de Nascimento (2006), encontramos no trabalho de Santos (2011), apresentado na subseção seguinte, a preocupação em revelar o ponto de vista do locutor, através das funções dos enunciadores, os quais dizem sem assumirem as palavras nos textos e, muitas vezes, sinalizam dizeres não revelados na superfície dos enunciados – os implícitos.

#### 4.2 POLIFONIA E IMPLÍCITO

O estudo de Santos (2011) sobre “A polifonia nas manchetes de jornais”, analisa as características polifônicas dessas manchetes e afirma o pressuposto de que emergem dos enunciados delas vozes que não estão ditas na superfície linguísticas. Desse modo, investiga como os sentidos outros aparecem no enunciado. Para esse trabalho, Santos (2011) selecionou a manchete “A igreja que pode tudo”, publicada pelo jornal Diário de Pernambuco, para identificar as vozes na figura do locutor e do enunciador.

Santos (2011) considera que o “veículo enuncia algo na manchete da notícia, mas, além desse ‘algo’ que está presente em primeiro plano, há também outros sentidos” (SANTOS, 2011, p. 77). Esse fenômeno do aparecimento de sentidos outros, segundo Santos (2011), está também inscrito no universo teórico da polifonia.

Santos (2011) prossegue apresentando as ideias de Ducrot (1987) acerca da polifonia com a caracterização dos elementos que dela fazem parte: locutor, enunciador, sujeito falante e alocutário. Esses elementos constituem o centro da teoria polifônica, são as vozes do discurso e, através delas, a autora faz as inferências registradas em relação ao *corpus* analisado.

Segundo Santos (2011), o título da manchete “A igreja que pode tudo” dá margem a, pelo menos, três inferências: (1) uma igreja que pode tudo (tem o poder de tudo); (2) uma igreja em que se pode fazer tudo (onde é permitido fazer tudo) e (3) a igreja que proíbe. Da interpretação dessas inferências emergem as vozes enunciadas das manchetes, as quais são atribuídas a um locutor L, cindido na imagem do jornal enquanto meio de comunicação de massa.

Dessa forma, nas suas análises, Santos (2011) identifica 3 enunciadores: E1, que diz existir uma igreja que tem o poder de tudo, é capaz de tudo; E2, fala de uma igreja na qual se pode fazer tudo, onde é permitido tudo; E3, a voz contrária às duas inferências anteriores, especificamente a (2) – uma igreja na qual se pode fazer tudo. Em E3, para a autora, o locutor “faz o contraponto afirmando que, para uma igreja permitir tudo, há outra igreja proibitiva, ou seja, não permissiva em relação a tudo” (SANTOS, 2011, p 60).

Através do operador discursivo “apesar de”, Santos (2011) evidencia a voz contrária a E1 e a E2, isto é, E3, claramente percebida através desse conectivo opositivo. O enunciado introduzido por esse conectivo retrata o ponto de vista assumido por L e revela a não liberalidade geral da igreja, mesmo se tratando de uma igreja que pode tudo, apresentada no enunciado de E2.

Na conclusão do trabalho, Santos (2011) apresenta os seguintes resultados:

- 1- as manchetes, em sua função jornalística de informar, são híbridas; pois dialogam em um universo híbrido;
- 2- as manchetes são enunciados heterogêneos, porque dialogam com universos também heterogêneos;
- 3- A polifonia na manchete de capa de jornal analisada é essencialmente marcada pela oposição, pela presença de vozes opostas;
- 4- o universo com o qual esse enunciado jornalístico dialoga é híbrido, desse modo, não poderiam deixar de emergir dele vozes antagônicas entre si, embora também haja a presença de vozes convergentes.

Por fim, a autora conclui retomando a pergunta colocada na introdução do artigo: “como esses sentidos outros que não estão na superfície linguística aparecem no enunciado?”

Fundamentada na teoria de Ducrot (1987), a autora afirma que a resposta está nas vozes que emergem dos enunciados. Essas vozes levam a identificar os sentidos outros:

Sentidos que aparecem nos enunciados, no caso a manchete de jornal, sem, no entanto, estarem presentes na superfície linguística. Sentidos que dialogam com nossos conhecimentos de mundo, nossos valores internalizados pelas regras sociais, por valores ideológicos e morais (SANTOS, 2011, p. 62).

Esses sentidos evidenciados por Santos (2011) são os implícitos, os quais se revelam nas vozes dos enunciadores e corroboram para a construção argumentativa das manchetes e o desvelamento do ponto de vista assumido pelo locutor; por isso, a autora afirma que o locutor recusa o ponto de vista de E1 e E2 e marca a polifonia nessa manchete através da oposição.

Nos estudos de Santos (2011), percebemos uma abordagem tanto com vista às vozes dos locutores quanto dos enunciadores, evidenciando a importância dessas vozes para o aparecimento dos pontos de vista implícitos no texto, bem como para o desvelamento dos sentidos híbridos e heterogêneos que perpassam as manchetes de notícias. Dessas características heterogêneas e híbridas, advêm as vozes que, implícitas nos enunciados desses gêneros, argumentam para a assimilação ou não do locutor.

Expresso de outro modo, a polifonia, marcada nas vozes de locutores e enunciadores, sinalizadas pelos implícitos e pelos marcadores linguísticos, apresenta-se, no trabalho de Santos (2011), como fator preponderante de argumentatividade que, inclusive, pode levar o interlocutor a uma conclusão ou até mesmo a uma tomada de posicionamento contrária a outro ponto de vista.

É importante frisar que o estudo de Santos (2011) é focado no âmbito da segunda fase da Tal. Em trabalhos recentes, como o de Lebler (2016), notamos que esse modo de investigar a orientação dos sentidos se dá através do encadeamento argumentativo – modos de analisar a orientação argumentativa que as palavras dão ao enunciado na Fase atual da TAL – a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Na subseção seguinte, apresentamos como é realizada essa investigação.

#### 4.3 POLIFONIA E SUBJETIVIDADE

O terceiro e último estudo é de Cristiane Dall Cortivo Lebler, no artigo “A transformação dos fatos em discurso: um olhar argumentativo”. A autora analisa os discursos de duas notícias sobre um mesmo fato, retiradas em dois portais de notícias distintos: “Brasil sobe no ranking de desenvolvimento da ONU”, publicado no portal online da Revista Carta

Capital e “IDH do Brasil é inferior à média da América Latina em educação”, disponível no portal de notícias G1.

As notícias têm como tema a divulgação pela Organização das Nações Unidas do relatório contendo os dados do Índice de Desenvolvimento Humano sobre os resultados obtidos pelo Brasil no ranking do IDH divulgado pela ONU, publicados em julho de 2014. O objetivo do trabalho foi analisar o modo como os locutores constroem sentidos para argumentar, evidenciando o posicionamento de cada um a respeito de um mesmo tema e os recursos linguísticos utilizados para levar a cabo a defesa da argumentação. Para tanto, Lebler (2016) trilha um caminho que evidencia a noção de encadeamento argumentativo, destacando as vozes enunciadas através do encadeamento entre os enunciados.

Para a autora citada, através dos implícitos e das marcas linguísticas, é possível perceber, por trás dos discursos noticiados, pontos de vista que são defendidos, muitas vezes, de modo indireto. É o que acontece, segundo Lebler (2016), com certa frequência, nos meios de comunicação jornalísticos. Por isso, na concepção da autora, a interpretação dos implícitos e dos recursos linguísticos pelo leitor, nos textos que circulam nos veículos midiáticos, possibilita leituras mais críticas e menos ingênuas acerca da realidade.

A explicação para o fato de um mesmo discurso constituir realidade distinta é dada pela autora a partir da noção de subjetividade. Para Lebler, a subjetividade é responsável pelo modo como o locutor constrói seu ponto de vista e materializa-se no discurso, especialmente pelo fato de este ser responsável pela construção da realidade através da linguagem. Nessa perspectiva, salienta a autora:

Acreditamos, portanto, pela análise realizada, que a combinação particular das palavras em cada um dos enunciados, combinação esta que tem como origem um locutor, é responsável pela construção dos sentidos globais de cada uma das manchetes, expressando, cada uma delas, a subjetividade do produtor do discurso (LEBLER, 2016, p. 95)

Desse modo, Lebler (2016) analisa as marcas linguísticas para demonstrar a subjetividade e os pontos de vista dos locutores nas duas notícias, revelando na primeira: a assimilação dos locutores ao discurso do IDH e, na segunda: a recusa desse ponto de vista, refutando-o e construindo, argumentativamente, através das vozes de outros enunciadorees, a defesa de ponto de vista diferente dos resultados divulgados pelo órgão internacional.

Para concluir seu trabalho, a referida autora ainda salienta a crença na possibilidade de construir sentidos para a realidade pelo viés linguístico e enunciativo, sem ancorar-se nos aspectos extralinguísticos. Para tanto, é necessário atentar-se, segundo Lebler (2016), para a



realidade semântica de um discurso, constituída por três características fundamentais: a relação entre enunciados de um discurso, a organização desses enunciados e a imagem da enunciação – ou a subjetividade.

Diferentemente dos dois autores anteriores, Lebler (2011) prefere explicar os pontos de vista dando destaque para a subjetividade na língua. Para a autora, a subjetividade, inerente à língua, deflagra a inviabilidade de assegurar neutralidade em um gênero como a notícia, uma vez que as maneiras de relatar um mesmo fato, a partir de perspectivas distintas revelam as diferentes vozes que se fazem emergir em um texto.

Outro diferencial, nos trabalhos da autora citada, é o caminho do encadeamento argumentativo, escolhido por ela, para demonstrar os pontos de vista enunciados. Através do encadeamento, a autora comprova que os locutores, nas duas notícias elencadas, argumentam a partir de pontos de vista semelhantes e chegam a conclusões diferentes ante um mesmo fato noticiado.

Na análise dos discursos das duas manchetes: “Brasil sobe no ranking de desenvolvimento da ONU” e “IDH do Brasil é inferior à média da América Latina em educação”, os quais a autora chama de D1 e D2, Lebler (2016, p. 95) afirma que D1 pode ser traduzido pelo encadeamento argumentativo: “Brasil sobe no ranking de desenvolvimento, portanto o país está melhorando”; já em D2 pode ser traduzido pelo encadeamento argumentativo: “IDH do Brasil é inferior ao da América Latina, portanto o país não está melhorando” (LEBLER, 2016, p. 95).

Os resultados encontrados por Lebler (2016) evidenciam que, apesar de as notícias apresentarem um mesmo fato, os pontos de vista defendidos em cada uma delas, eram totalmente opostos. Sendo assim, a autora afirma que, no primeiro dos discursos, o sentido construído pelo locutor indica que o país obteve um melhor desempenho nos indicadores da qualidade de vida dos seus habitantes e que, portanto, está melhorando. Já no segundo discurso, “o sentido construído pelo locutor aponta para resultados negativos e, conseqüentemente, para a piora da qualidade de vida dos brasileiros” (LEBLER, 2016, p. 95). A partir dessa análise, a autora assinala:

- 1- a interdependência semântica entre suporte e aporte em cada um dos enunciados é responsável pela construção de sentidos que são opostos;
- 2- Nos dois enunciados não se trata exatamente do mesmo bloco semântico, visto que o segmento suporte é distinto em cada um dos aspectos argumentativos;

Os dois pontos principais, assinalados por Lebler (2016), fundamentam-se na ideia de que as palavras distintas utilizadas em cada enunciado, nesse caso, a palavra “sobe” - no primeiro enunciado - e a palavra “inferior”, no segundo, autorizam orientações distintas:

A palavra subir tem uma orientação argumentativa que autoriza ou determina que suas continuações sejam de natureza positiva; já o termo inferior tem uma orientação argumentativa que determina que a ela sejam encadeadas palavras de sentido negativo (LEBLER, 2016, p. 95).

Lebler (2016) busca explicar que, por vezes, a realidade recortada não é a única possível e essa constatação pode ser afirmada pela orientação argumentativa das palavras, o que pode revelar a multiplicidade de visões acerca de um mesmo fato e a subjetividade do locutor marcada no texto. Ou seja, pelo viés do encadeamento argumentativo ressaltado no trecho citado, confirma-se que não é totalmente possível descrever objetivamente os fatos ou, ainda, isentar-se deles, tornando-se imparcial.

Visto de outro modo, pelo viés do encadeamento, a autora revela também a polifonia, utilizada pelos jornalistas para produzir múltiplas versões de um mesmo assunto, possibilitando ao interlocutor analisar vários ângulos de uma mesma realidade. A noção de subjetividade encontra-se assim como fator essencial, revelada através das marcas linguísticas.

#### 4.4 DIALOGANDO COM OS TRÊS ESTUDOS

O conceito de polifonia, no âmbito dos três estudos elencados, trabalhado a partir do aporte teórico da Semântica Argumentativa de Ducrot (1987), reforça a importância dessa teoria para a explicação dos sentidos nos textos. No caso das notícias analisadas, em cada trabalho comentado anteriormente, há uma simultaneidade de vozes dentro do enunciado dessas notícias. Essas vozes são instruídas, direcionadas pela significação que os elementos linguísticos dão ao texto. Ou seja, cada trabalho comprova que as marcas linguísticas funcionam como instruções na língua e colaboram para revelar o que está além da superfície textual.

No trabalho de Nascimento, a partir das marcas linguísticas, do tipo modalizador, percebem-se as vozes dos locutores como recurso polifônico. Essa estratégia polifônica ocorre, concomitantemente, a partir das citações, em estilo direto e indireto, indicando argumentatividade nos enunciados.

Mesmo focado na análise da polifonia restrita aos locutores, o trabalho de Nascimento (2006) traz discussões ricas para as análises que fazemos neste estudo. As diferentes posições assumidas pelos locutores com relação aos outros locutores (L2, L3 etc.), como assim descreve o autor citado, apresentam exemplos que possibilitam perceber como o discurso dos outros locutores, diferente do jornalista, é introduzido na notícia. Dessa forma, a análise desse autor colabora para que possamos investigar a figura dos locutores nas notícias selecionadas nesta dissertação.

Entendemos, no entanto, que não basta revelar quem são os locutores. Acreditamos ser importante, muito mais, perceber com qual ponto de vista o locutor concorda e assimila-se no texto, qual ele rejeita e a importância desses pontos de vista para a construção polifônico-argumentativa dos gêneros discursivos através, também, da figura dos enunciadores. Nessa perspectiva, o trabalho de Santos (2011) e de Lebler (2016) trazem contribuições mais significativas para a nossa pesquisa ao elucidar a investigação polifônica, a partir das atitudes dos locutores e das funções dos enunciadores, expressas nos enunciados do gênero notícia.

Observa-se, entretanto, distinções nos modos de analisar o fenômeno estudado entre Santos (2011) e Lebler (2016). Santos prefere investigar a orientação dos sentidos sem se ater ao detalhamento do encadeamento argumentativo, sob os princípios da atual fase da teoria – Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) – caminho que não detalhamos, também, aqui. Do mesmo modo que Santos, buscamos investigar, basicamente, como os elementos linguísticos encadeiam sentido, chamando essa investigação de orientação argumentativa do sentido, para desvelar a polifonia das notícias na voz dos enunciadores.

O modo como Santos (2011) analisa a polifonia nas manchetes de jornais, por exemplo, possibilita perceber a maneira como os discursos do Outro são incorporados ao do locutor ou até rejeitados. Para a autora, a atitude de assimilar ou não o discurso dos enunciadores pelos locutores revela os implícitos nos enunciados das notícias.

Já Lebler (2011) prima as noções de encadeamento de acordo com os princípios da TBS. O encadeamento, para essa autora, explica a orientação dos sentidos dada às palavras a partir da ideia de que os enunciados se encadeiam para determinadas conclusões e não para outras. Essa forma de Lebler (2016) explicar o sentido condiciona os discursivos como “normativos” encadeados em “portanto”<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Todo enunciado é parafraseável por meio de encadeamentos argumentativos, ligados na visão de Ducrot (2009, p. 14-15) por um conector pertencente, seja à família das conjunções consecutivas como — *portanto* —, considerados discursos normativos, seja à família das conjunções opositivas como —mesmo assim (pourtant), chamados discursos transgressivos. Esses conectores são usados não em um sentido específico, mas em uma relação semântica entre os segmentos, estabelecendo um paralelo linguístico profundo entre esses dois tipos de

O estudo de Lebler (2016) contribui nesta abordagem, principalmente pela aproximação dos procedimentos: análise de duas notícias distintas, de portais também diferentes, para o resultado de que o mesmo fato tem orientações diferenciadas. Em se tratando desta dissertação, partimos para análise de quatro notícias originárias de mídias livres e tradicionais selecionadas de dois portais, divergindo, em relação a Lebler, quanto a forma de analisar o fenômeno da polífona.

Diferentes dos estudos de Nascimento (2006), Santos (2011) e Lebler (2016), consideramos os operadores argumentativos e os implícitos. Tratamos os implícitos como dois efeitos de sentido: os pressupostos e os subentendidos, a partir da abordagem de Ducrot (1987). Através dos operadores e dos implícitos investigamos os sentidos argumentativos nas quatro notícias selecionadas.

Além disso, em nosso trabalho, a quantidade do corpus analisado e o enfoque dado à argumentação nas notícias veiculadas nas distintas mídias selecionadas (mídias livres e tradicionais) servem como elementos para analisarmos o dizer do jornalista nos textos noticiados. Nossa pesquisa avança nesse aspecto, principalmente, por procurar construir uma relação entre a argumentação nas vozes dessas mídias e os modos de noticiar de cada jornal, para o desvelamento dos sentidos que aparecem no enunciado ou implícitos no dizer do locutor.

Embora seja por viés diferente, aqui, semelhante aos três trabalhos citados, as marcas linguísticas servem como “instruções” e “senhas” para interpretação das notícias, fazendo com que haja harmonia entre este e aqueles trabalhos. A subjetividade do locutor, marcada nos enunciados das notícias, através das marcas linguísticas, na investigação desses autores também contribui para o posicionamento que defendemos quanto à inviabilidade de considerar a notícia um gênero imparcial.

Em suma, pelo viés polifônico e argumentativo na notícia, é possível notar que a ideia acerca da imparcialidade desse gênero é atenuada nos trabalhos apresentados. Apesar de ter características que definem a linguagem da notícia como objetiva e imparcial, os três autores trazem resultados que atestam a quase impossibilidade em cunhar um único modo de ver os fatos, tentando explicá-los de forma heterogênea.

Ou seja, sob a visão da argumentação na língua, esses autores confirmam o direcionamento argumentativo no gênero notícia, através de maneiras diferenciadas de analisar as vozes nos enunciados desse gênero e as instruções dadas pelas marcas linguísticas.

---

argumentação, que permitem estabelecer caminhos e a partir da significação das palavras utilizadas num enunciado, determinar o sentido de um segmento encadeado na relação com o outro.

Como os próprios autores salientam, ao olhar para a polifonia nesse âmbito, percebe-se a multiplicidade de vozes, de versões que se cruzam para o dizer do noticiador, que se assimila àquele que melhor atende a seu projeto de dizer.

No capítulo que se segue, faremos uma descrição panorâmica da nossa pesquisa: o *corpus*, os procedimentos, as nossas análises e resultados.

## 5 CAMINHOS METODOLÓGICOS: ESPECIFICANDO A PESQUISA

Nesta seção, apresentamos o *corpus* e sua caracterização, bem como os procedimentos de análise, com base em uma abordagem qualitativa de pesquisa, para a investigação da polifonia em três notícias retiradas de jornais *online*. Consideramos a abordagem qualitativa, pois analisamos o fenômeno “em seu acontecer natural, defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas” (ANDRÉ, 1995, p. 17). Ou seja, buscamos o entendimento integral do objeto estudado para descrevê-lo e interpretá-lo com o objetivo de alcançar os resultados esperados.

Mediante leituras, realizamos a seleção e o recorte do *corpus*. Depois disso, fizemos a caracterização para, em seguida, descrevermos os procedimentos de análise, elucidando o passo a passo nas análises a partir dos fundamentos teóricos adotados.

### 5.1 O *CORPUS*

O *corpus* deste trabalho é formado por três notícias, selecionadas em três espaços *online* diferentes: jornal Correio do povo, Revistas Carta Capital e Portal Metrôpole. A quantidade limitada do *corpus* não interfere nos resultados da análise que propomos, visto que as distintas maneiras de enunciar um mesmo fato em cada notícia já sustentam as possibilidades polifônicas no âmbito desse gênero.

A opção por coletar o material em espaços *online* diferenciados tem como suporte a ideia de que os modos de noticiar de cada locutor interferem na maneira como os pontos de vista são enunciados nas notícias escolhidas, uma vez que a política, os padrões de escrita e a perspectiva de cada mídia contribuem para determinar a forma como os dizeres são introduzidos pelos locutores nos textos noticiados.

Os fatores norteadores da escolha dos sites foram os seguintes:

I - Publicação das notícias, a partir do mesmo fato: avaliação pública da (im)popularidade de Dilma Rousseff;

II - Sequência dada aos fatos divulgados sobre a queda da popularidade de Dilma;

III - Facilidade de circulação das notícias diariamente via *facebook*, *twitter* dentre outros;

IV - Visão norteadora do grupo do jornal, revistas e portal nos quais circularam as notícias;

Expomos, no quadro seguinte, cada jornal, revistas e portal *online* com suas respectivas manchetes e data de publicação:

Quadro 1 – Referências das publicações

Jornal, Revista e Portal <i>online</i>	Manchete	Data de publicação
Carta Capital	Popularidade de Dilma cai 19 pontos e atinge o mais baixo índice desde 2011.	07 de fevereiro de 2015
Correio do Povo	Popularidade de Dilma, Alckmin e Haddad sofre forte queda.	07 de fevereiro de 2015
Portal Metr�pole	Datafolha: Fernando Henrique Cardoso é considerado pior presidente da história do Brasil.	09 de fevereiro de 2015

Cada jornal, revista e portal citado possui, em sua página *online*, divisões que encaixam os conteúdos divulgados em uma se o específica, desde economia, lazer, entretenimento e saúde até a se o política, na qual são enquadradas as notícias retiradas para este trabalho. Optamos pelas contidas na se o política, pela repercussão das elei es presidenciais no Brasil e a frequência de publica es pelas principais m dias do mesmo fato político: a avalia o do governo da presidenta Dilma Rousseff. Acreditamos, também, que esse tipo de notícia possibilita uma análise semântica significativa dos elementos linguísticos, que direcionam perceber a orienta o argumentativa.

Conforme anunciamos na introdu o deste trabalho, escolhemos as notícias com foco no resultado da pesquisa Datafolha de 07 de fevereiro de 2015 por trazerem o mesmo fato noticiado referente   avalia o do governo Dilma (PT) e a conseqüente queda da popularidade da presidenta. Nesse sentido, as maneiras diferentes de noticiar um mesmo fato despertou-nos o interesse em investigar as vozes que entremeiam cada notícia, para elucidarmos as semelhanças e divergências nos pontos de vista enunciados.

As notícias selecionadas, apesar de fazerem parte de um contexto histórico-social semelhante e apresentarem uma sequência de conteúdos sobre o mesmo acontecimento, são organizadas a partir de elementos linguísticos diversificados.

Desse modo, a maneira de noticiar de cada locutor, de fazer aparecerem as vozes enunciadas, funciona a partir de escolhas estratégicas. Isto é, através das escolhas linguísticas, o locutor evidencia, também, os pontos de vista de cada espaço de divulgação das notícias. Todas essas questões refletem os modos de dizer e argumentar dos jornalistas, sendo imprescindível, portanto, observar, descrever, analisar e interpretar, para as análises neste trabalho, a concepção do jornal, revista e portal no conteúdo das notícias publicadas.

As notícias serão descritas seguindo a ordem de contexto de circulação e publicação. A sequência, na qual cada uma aparece na análise, é um compromisso com a data de publicação de cada texto.

As notícias foram publicadas após as eleições presidenciais em que disputaram Dilma Rousseff, eleita presidenta, Aécio Neves, Marina Silva e Everaldo Pereira, candidatos em 2014, com vitória de Rousseff. Nesse sentido, as notícias seguem uma sequência de fatos e relatos que se complementam e que visam provocar um efeito comum no interlocutor: informar sobre a impopularidade da presidenta, evidenciando acontecimentos decorrentes do grupo político do partido dos trabalhadores (PT).

Vale ressaltar que o momento de crise econômica, política e social em que circularam as notícias foi marcado por uma gama de pesquisas, especificamente, Datafolha, sobre a situação do País. Porém, a pesquisa a que nos referimos é a de 07 de fevereiro de 2015. Fazemos alusão, em algum momento, à pesquisa Datafolha de 2002 apenas para explicar a relação feita na última notícia do Portal Metrôpole, ao trazer à tona os dados dessa pesquisa para contestar as informações sobre a popularidade da presidenta, divulgadas na pesquisa Datafolha de 07 de fevereiro de 2015.

Escolhemos como espaços de divulgação das notícias, os já citados: Jornal Correio do Povo, Revista Carta Capital e Portal Metrôpole. Faremos, a seguir, a descrição de cada suporte de divulgação sob o ponto de vista dos organizadores dos sites.

### **5.1.1 Revista Carta Capital**

A Carta Capital foi fundada em 1994 pelo jornalista Mino Carta e tornou-se semanal em 2001. Desde então, é publicada pela Editora Confiança. Essa revista tem como proposta informar com consistência e profundidade sobre política, economia, sociedade e cultura, acreditando na possibilidade de analisar com imparcialidade os acontecimentos.

A Carta Capital define o seu público como “altamente qualificado que gosta de conhecer a verdade dos fatos e busca por pontos de vista e opiniões diferenciadas do



mercado”. Sendo assim, afirmam os redatores da Carta Capital: “o leitor de CARTA CAPITAL é um cidadão crítico que troca informações em seu ambiente de trabalho, inspirando-se na liberdade de expressão, transparência e independência da revista” (CARTA CAPITAL, 2016).

A política da Carta Capital é focada no pensamento único da imprensa brasileira, presente em todas as plataformas digitais, ancorada na ideia do bom jornalismo, baseado na fidelidade à verdade factual, no exercício do espírito crítico e na fiscalização do poder onde quer que se manifeste. Fazendo parte do mesmo grupo de três revistas semanais hoje em circulação no País (*Veja, Isto É e Carta Capital*), essa revista afirma respeitar a inteligência do seu leitor e tem orgulho de afirmar-se progressista, respeitadora da diversidade humana e defensora de um mundo mais justo para todos. Nessa perspectiva, acredita ter uma vertente diferenciada das revistas tradicionais do seu tipo.

### **5.1.2 O Jornal Correio do Povo**

Fundado em 01 de outubro de 1895 por Caldas Junior, o jornal Correio do Povo, atualmente, é do grupo RECORD RBS, sob a presidência de Reinaldo Gilli e direção de Telmo Flor. O *slogan* que o grupo preserva tem como frase: “o jornal que vai direto ao ponto”. Embasado nesse slogan, o jornal assume a missão de informar com objetividade, credibilidade e qualidade. Nas seções especificadas no *site*, o jornal disponibiliza uma página de notícias com assuntos relacionados à economia, política, esportes, opinião, arte, além de agenda, serviços, especiais e multimídia. Outro destaque nesse ambiente é o espaço para debate e participação do Povo, onde há a opção: curta nossa página e compartilhe sua opinião.

Atuando por décadas com uma versão impressa de jornais, atualmente, o Correio, aderindo à urgência e transformações no bojo das novas tecnologias, possui um *site* através do qual disponibiliza algumas versões *online* de notícias para o público leitor. Porém, a política do jornal mantém no formato impresso a principal fonte de divulgação, inclusive mantendo esse formato na socialização das notícias nos sites.

### **5.1.3 O Portal MetrÓpole**

O Portal MetrÓpole (2014) é intitulado como um jornalismo sem manipulação e com credibilidade, pautado “na ética, na transparência, na defesa dos Direitos Humanos e na construção coletiva do conhecimento e na cooperação como a melhor maneira de fazer

jornalismo” (PORTAL METRÓPOLE, 2014). Foi criado em São Paulo, em 22 de maio de 2014, ganhando força entre agosto e outubro do mesmo ano, quando cresceu 8500 %, na época das eleições para presidente.

Todas as notícias veiculadas em sua página são de responsabilidade de um grupo, que mantém o anonimato dos jornalistas ao assinar como redação e acredita revolucionar, todos os dias, a maneira de levar a notícia até as pessoas. Consoante aos organizadores, o *site* Portal preza pela força dos movimentos, dando a entender a preocupação com a publicação de fatos que defendam os direitos e participação de todos. Assim, os jornalistas do Portal afirmam que está no DNA do *site* a força dos movimentos e uma certeza de um mundo melhor a partir da multiplicidade de vozes.

Sob o título de apertados e independentes, os jornalistas do portal propagam ser o diferencial do grupo a visão de mundo diferente das presentes nos grandes meios de comunicação tradicional, como maneira de levar as notícias em primeira mão, em tempo real e de maneira ética. Ao dizer “queremos o público dentro da nossa redação” (PORTAL METRÓPOLE, 2016), os organizadores do *site* defendem um espaço que privilegia a participação popular, sendo que suas notícias prezam por temas relevantes, como prostituição infantil, eleições e direitos humanos.

A descrição de cada espaço online confirma a concepção de jornal que os jornalistas assumem e a possível influência que podem exercer nos textos noticiados. Sendo assim, essas escolhas possibilitam uma análise mais rica e consistente, para evidenciar os diferentes pontos de vista nas vozes enunciadas nas notícias desta pesquisa. Feita a descrição, passamos aos nossos procedimentos de análise.

## 5.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A análise dos resultados, após coleta e organização dos dados obtidos, obedeceu aos seguintes passos:

- a) Observação: leitura criteriosa de cada notícia, evidenciando os pontos de vista em cada uma delas para descrição e comentário;
- b) Verificação: exame do foco que cada locutor deu ao fato narrado em relação à queda da popularidade de Dilma: as preferências pelo detalhamento, a ocultação de

informações e a não aceitação dos resultados como verdade única, especificamente pela última notícia;

c) Identificação: seleção de algumas marcas linguísticas, definição dos locutores e dos enunciadores;

d) Discussão: interpretação da orientação argumentativa e polifônica na notícia.

Iniciamos a análise do *corpus*, primeiramente, descrevendo, brevemente, o contexto de produção das notícias, ou seja, o momento de divulgação das pesquisas Datafolha de 07 de fevereiro de 2015 e a importância dos resultados da pesquisa como fato noticiado. Observamos, em seguida, os dizeres imersos em cada uma, bem como o relato do locutor e as aparições dos enunciadores em sua enunciação. Observamos, também, a trama de sentidos nas vozes que aparecem subentendidas nos textos.

Identificamos os elementos linguísticos responsáveis pela argumentação nas notícias e analisamos a orientação argumentativa dada por eles na construção da informação, para se chegar à polifonia, à luz da TAL. Desse modo, consideramos os implícitos e os operadores argumentativos. Interpretamos os implícitos a partir da noção de pressupostos e subentendidos e compreendemos os operadores argumentativo-discursivos como pistas que sinalizam os implícitos.

Ao observar o modo de noticiar de cada jornalista, destacamos determinadas palavras, as quais colaboram para orientar a leitura do interlocutor e evidenciar os posicionamentos assumidos a respeito do tema. Dessa maneira, identificamos essas palavras como “instruções” que apontam para a gradação decrescente da popularidade da presidenta nas duas primeiras notícias retiradas do jornal Correio do Povo e da Revista Carta Capital: “Popularidade de Dilma cai 19 pontos e atinge o mais baixo índice desde 2011” e “Popularidade de Dilma, Alckmin e Haddad sofre forte queda”. Nessa perspectiva, “a queda de 19 pontos”, logo na manchete da primeira notícia, revela essa gradação através dos números, enquanto na segunda é explicitada na expressão “forte queda”.

Para a interpretação da última notícia, selecionada no Portal MetrÓpole, “Datafolha: Fernando Henrique Cardoso é considerado pior presidente da história do Brasil”, identificamos os operadores argumentativos como senhas para depreender os sentidos na superfície linguística do texto. Buscamos, também, nessa notícia, assim como Santos (2011), outras vozes, outros sentidos implícitos, para desvelar a orientação argumentativa dada pelo locutor ao enunciado.

Procedemos às análises identificando as três figuras da teoria polifônica de Ducrot (1987) – sujeito falante, locutor e enunciador – distinguindo a figura dos três tipos de locutores para Ducrot (1987): o locutor enquanto sujeito empírico; o locutor que se marca no texto (L') e o locutor que introduz os pontos de vista enunciados.

Não consideramos o locutor enquanto sujeito empírico, uma vez que, para Ducrot (1987), não é interessante a análise do locutor pessoa de carne e osso. Ducrot (1987) trata do locutor que se marca como primeira pessoa (L'); e o locutor que introduz os pontos de vista (L), ambos considerados como instâncias discursivas. Essa distinção dentro da figura do locutor (L) e (L') é a primeira forma de polifonia em casos classificados como sendo de “dupla enunciação” (DUCROT, 1987, p. 191). Contudo, em enunciados nos quais não há a ocorrência da marca de 1ª pessoa, L e L' se fundem. Desse modo, analisamos o locutor nas notícias, neste trabalho, sempre como L; pois L' não se marca como 1ª pessoa nas notícias, uma vez que, pelo formato oficial desse gênero, o uso da 1ª pessoa o deixaria com marcas de personalidade.

A partir dessa distinção, consideramos as três atitudes do locutor L que, de acordo com Ducrot (1987), podem ser as seguintes: de assumir, opor-se ou concordar com os pontos de vista enunciados. Os pontos de vista são funções de responsabilidade dos enunciadores (E) marcados na enunciação. A partir da atitude dos locutores, investigamos o modo de aparição do conteúdo dos enunciadores, que permite perceber como se constituem as vozes polifônicas nas notícias em foco. Verificamos então:

- I - se o enunciado contém a função locutor;
- II - a quem é atribuída essa função;
- III - a quem se assimila o locutor;
- IV - quais são os diferentes pontos de vista expressos pelo enunciado;
- V - a quem se atribui essas funções.

A partir da atitude dos locutores ao introduzir o conteúdo dos enunciadores, identificamos a voz de cada enunciador, que representadas pelos modos de noticiar do locutor, conduz para a conclusão de que há argumentatividade nas três notícias.

Para tanto, seguimos a análise verificando a heterogeneidade na linguagem dessas notícias, através da polifonia, para o desvelamento dos sentidos constituídos na parte visível dos enunciados (o explícito) e os sentidos outros que não estão na superfície linguística (o implícito). Interpretamos os implícitos com base na sinalização exposta pelos operadores argumentativos.

Durante as análises, as notícias são segmentadas em enunciados, quando necessário. Na próxima seção, apresentaremos o resultado deste levantamento, procurando enfatizar os aspectos mais significativos, tendo em vista o objetivo de nosso trabalho.

## 6 VOZES QUE SE CRUZAM NA CONSTRUÇÃO POLIFÔNICO-ARGUMENTATIVA DAS NOTÍCIAS

### 6.1 REVISITANDO OS FATOS NO *CORPUS*

Nesta seção, o foco é a análise da orientação argumentativa dada a três notícias, através da polifonia dos enunciadores e locutores destacada por Ducrot (1987). Torna-se relevante frisar, nesse percurso, que o jornalismo exerce um papel crucial na sociedade, determinando, através das notícias que veiculam, o que o público deve ou não saber. Indo além, podemos dizer: de que forma deve saber. Nessa perspectiva, conforme evidenciamos na seção 2 desta dissertação, a notícia é selecionada a partir dos fatos que merecem uma apreciação e um destaque na sociedade, enquanto meio de divulgação não apenas de um acontecimento, mas, sobretudo, de uma visão de mundo.

Sob esse prisma é que os resultados da pesquisa Datafolha de 07 de fevereiro de 2015 viraram notícia, quando as atenções do Brasil estavam voltadas para a reeleição presidencial de Dilma Rousseff. Ou seja, por ser considerado relevante e de grande impacto social, os principais jornais tradicionais mobilizavam-se para noticiar a pesquisa que divulgava a baixa popularidade da presidenta, bem como as suas possíveis causas e consequências, dando a esse fato uma repercussão nacional.

Salientamos, em uma breve retrospectiva, que as eleições presidenciais 2010 foram um marco histórico e único no cenário político brasileiro, quando foi eleita a primeira mulher para presidência da República – Dilma Rousseff. Não diferente, em 2014, a cena política se repete e presenciamos pela segunda vez a vitória de Dilma na disputa com o candidato tucano Aécio Neves, a candidata do PSB Marina Silva e o candidato do PSC Everaldo Pereira.

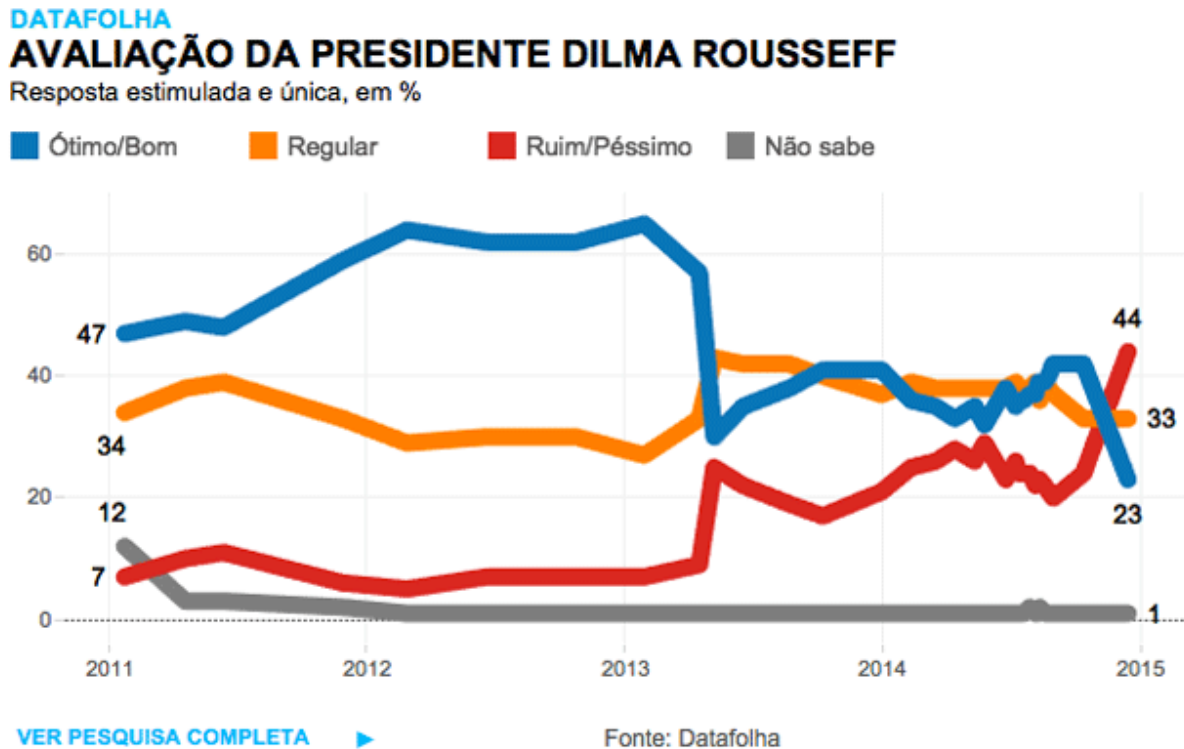
Desde o primeiro mandato, o governo da presidenta é alvo de avaliação da pesquisa Datafolha,<sup>4</sup> a qual mede o grau de aceitação da petista a partir do índice ótimo/bom, regular, ruim/péssimo e não sabe. Até então, os resultados apontados eram interpretados como consequência de um governo em oscilações, vivenciando os altos e baixos que existem em todo mandato. Antes, também, os níveis de reprovação não ultrapassavam a aprovação da presidenta. Porém, a avaliação Datafolha de 07 de fevereiro de 2015, realizada com apenas um mês de exercício do segundo mandato da presidenta, ganha repercussão diferenciada sob a

---

<sup>4</sup> O Datafolha é um instituto de pesquisas do Grupo Folha, conjunto de empresas em que o jornal Folha de S. Paulo faz parte. Disponível em < <http://datafolha.folha.uol.com.br/duvidas/index.shtml> > acesso em: 11 de out 2016.

ótica das principais mídias brasileiras. Isso ocorre devido ao resultado, através de percentuais, que confirmaram, pela primeira vez, a avaliação do governo de Dilma Rousseff com elevação dos índices negativos. Vejamos um recorte da pesquisa extraído do jornal Folha de S. Paulo:

Figura 2 – Avaliação pesquisa Datafolha



Fonte: Datafolha, 07 fev. 2015.

Da pesquisa constavam, entre os questionamentos, os principais problemas do país: saúde, corrupção, violência/segurança, educação e desemprego. Entretanto, o foco das notícias analisadas, especificamente as veiculadas no jornal Correio do Povo e na Revista Carta Capital, voltou-se, principalmente para a queda da popularidade da presidenta e os motivos dessa queda. Através da voz Datafolha, evidenciada por esses dois veículos de comunicação, a principal causa para a impopularidade da petista foi a corrupção. Dizemos especificamente as notícias veiculadas pelo Jornal Correio do Povo e Pela Revista Carta Capital, visto que a notícia veiculadas pelo Portal Metr pole, têm alvo de análise neste trabalho – foi aparecendo em uma publicação posterior e o seu cont do parece assumir um posicionamento adverso da concepção veiculada pelas duas anteriores.

As notícias que analisamos aqui foram as primeiras de muitas que focaram a repercussão da baixa popularidade de Dilma no segundo mandato. Ou seja, esse tipo de veiculação já apontava para as manifestações e reações posteriores contrárias ao governo

Dilma e funcionou como pré-requisito ou momentos prévios para a realidade com a qual nos deparamos hoje – o *impeachment* da presidenta.

Consideramos, portanto, que em cada notícia analisada, o jornalista recorta uma realidade e pinça os fatos como lhe é conveniente. Assim, certos aspectos podem ser destacados, outros esquecidos, assim como também sentidos outros não revelados podem estar nas entrelinhas do texto. Por exemplo, a evidência sobre a baixa popularidade da presidenta pode direcionar os sentidos para subentendidos de que a petista não sabe governar ou não está apta para governar.

Acreditamos que, para compreender esses sentidos produzidos, é necessário interpretar as pistas linguísticas nos enunciados do próprio texto. As indicações linguísticas podem revelar com que propósito fala o noticiador que, diante de distintas vozes no texto, fala em nome daquela que melhor serve ao interesse do seu projeto de dizer. Para a análise dessas vozes, três notícias merecem destaque:

- 1) “Popularidade de Dilma cai 19 pontos e atinge o mais baixo índice desde 2011”;<sup>5</sup>
- 2) “Popularidade de Dilma, Alckmin e Haddad sofre forte queda”;<sup>6</sup>
- 3) “Datafolha: Fernando Henrique Cardoso é considerado pior presidente da história do Brasil”.<sup>7</sup>

Logo na manchete, percebemos a heterogeneidade das notícias, as preferências na escolha das palavras, a disposição das ideias e o foco principal estabelecido sobre o fato narrado. Desse modo, certamente nas manchetes citadas, o relato parte ou origina-se de um mesmo fato: a pesquisa Datafolha de 07 de fevereiro, mas com direcionamento argumentativo diferente, acionando inclusive outras pesquisas Datafolha para fundamentar o posicionamento de cada jornalista. A seguir apresentaremos a transcrição e a interpretação das notícias, seguindo a ordem de citação de cada uma. Antes, destacamos que as notícias são transcritas seguindo a formatação deste trabalho, porém a transcrição é fidedigna ao texto original, o que inclui palavras sem acentuação correta, de acordo a norma padrão, exceto os trechos em destaques que são grifos nossos.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.correiopovo.com.br/Noticias/Pol%C3%ADtica/2015/2/548470/Popularidade-de-Dilma-cai-19-pontos-e-atinge-o-mais-baixo-ndice-desde-2011>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/popularidade-de-dilma-alckmin-e-haddad-sofre-forte-queda-4582.html>. Acesso em: 10 ago. 2016.

<sup>7</sup> Disponível em: <[portalmetropole.com/2015/02/datafolha-fernando-henrique-cardoso-e.html](http://portalmetropole.com/2015/02/datafolha-fernando-henrique-cardoso-e.html)>. Acesso em: 12 ago. 2015.



## 6.2 NAS TRAMAS DOS DIZERES: AS NOTÍCIAS

Para a trama dos dizeres, a linguagem nas notícias analisadas apresenta-se em terceira pessoa, para prezar as características ditas objetiva do texto noticiado. Porém, mesmo havendo a ocultação de marcas linguísticas de pessoalidade, o jornalista preza por determinadas escolhas lexicais, construções frasais e gramaticais através das quais imprime a sua subjetividade. Assim, parafraseando Ducrot (1987), a língua aparece como um lugar de interação, de confronto de subjetividades, de vozes que dialogam entre si para construir sentidos para o mundo e isso é reafirmado, nas notícias analisadas, quando nos deparamos com as diferentes versões ante um mesmo fato noticiado.

Por serem extraídas de jornais *online*, essas notícias exibem distinções, na forma composicional, em relação às impressas. Em algumas delas, notamos *links* posicionados de forma adequada para comentários e sugestões dos leitores, logo aí se percebe a proposta de interatividade das notícias *online* que, conforme Barbosa (2002), propiciam variadas possibilidades para o leitor. Uma dessas, segundo a autora citada, é a interferência através de *e-mail*, espaços para sugestões de temas e para comentários. Porém, essas notícias *online* mantêm, conforme as impressas, a forma de pirâmide invertida, apresentando primeiramente a manchete para logo após o lide e corpo do texto.

Seguido uma estrutura relativamente estável, as três notícias, em seu formato *online*, visa a atender a política do espaço midiático que as veicula e refletem os modos de dizer do noticiador que, apropriando-se da linguagem através de palavras e expressões, marca-se nos textos exprimindo o seu ponto de vista. Começamos a seguinte subseção trazendo as vozes que anunciam a queda de Dilma Rousseff em cada notícia. As notícias que seguem foram numeradas de 1 a 3, conforme a sequência de publicação e a mesma ordem foi seguida nas análises.

### 6.2.1. As vozes que anunciam a “queda” da presidenta

As vozes que emanam nos dizeres da notícia veiculada pelo Jornal Correio do povo são as primeiras que apresentamos nesta análise, a primeira de uma trama de sentidos, que se mistura a outras vozes e fala em nome de um discurso midiático que, em sua sutileza, traduz um ponto de vista assimilado dos dados Datafolha para argumentar sobre a queda da popularidade da presidenta Dilma. Considerando a notícia:

## Notícia 1 - Sobre a diminuição da popularidade da presidenta

Popularidade de Dilma cai 19 pontos e atinge o mais baixo índice desde 2011

Para 44% dos entrevistados, o desempenho da presidente foi considerado ruim ou péssimo, segundo o Datafolha



Para 44% dos entrevistados, o desempenho da presidente foi considerado ruim ou péssimo

| Foto: Tarsila Pereira / CP Memória

2  Comentários **ESTADÃO conteúdo**      

No momento que a presidente Dilma Rousseff assiste aos desdobramentos da Operação Lava Jato, que desmontou um esquema de corrupção da Petrobrás, atingirem o coração do PT, pesquisa do instituto Datafolha divulgada neste sábado revelou que sua popularidade atingiu a pior marca de um presidente da República desde Fernando Henrique Cardoso em 1999, quando o tucano recebeu 46% de citações como ruim ou péssimo.

Para 44% dos entrevistados, o desempenho da presidente foi considerado ruim ou péssimo, conforme divulgado pelo jornal Folha de São Paulo. Apenas 23% disseram que o governo Dilma é ótimo ou bom. Em dezembro, os números do mesmo instituto eram diametralmente opostos: 42% de ótimo/bom e 24% de ruim/péssimo.

O nível de rejeição a Dilma superou os índices registrados em junho de 2013, quando manifestações populares tomaram as ruas do País em protestos que atingiram todos os níveis de governo.

Segundo pesquisa divulgada no dia 28 de junho daquele ano pelo Datafolha, a gestão da

presidente foi citada por 25% com ruim ou péssima. Já o índice de ótimo ou bom naquela ocasião foi de 30%, sete pontos acima do número divulgado neste sábado.

Depois que as manifestações perderam força, a presidente foi recuperando gradualmente o prestígio. Em novembro de 2013, Dilma havia recuperado 11 pontos na categoria ótimo/bom, chegando a 41%. O índice dos que achavam o governo Dilma ruim ou péssimo, por sua vez, caiu para 17%. Depois de vencer o senador tucano Aécio Neves (MG) no 2º turno da eleição presidencial na mais acirrada disputa da história, a presidente retomou em dezembro um patamar confortável, com 42% de ótimo/bom e 24% de ruim/péssimo.

#### Corrupção

A pesquisa deixou claro que o esquema de corrupção na Petrobras desvendado pela Polícia Federal teve papel decisivo na implosão da popularidade presidencial. Para 77% dos entrevistados, Dilma sabia dos desvios na estatal e 52% afirmaram que ela não só estava ciente, como deixou que os casos ocorressem. Outros 25% disseram que a petista sabia da corrupção, mas não poderia fazer nada para evitá-la.

Esses números foram revelados um dia após a presidente participar em Belo Horizonte da festa de aniversário do PT, evento no qual estava o tesoureiro da legenda, João Vaccari Neto. Ele é acusado de ter operado um esquema de desvio de dinheiro de contratos fechados pela Petrobras. O partido nega ter arrecadado ilegalmente. Não por acaso, a corrupção foi apontada como o segundo principal problema do Brasil, com 21% das citações. O primeiro foi a saúde, com 26%.

A pesquisa revelou que a população está preocupada com os rumos da Petrobras. Para 82% dos ouvidos pelo Datafolha, a corrupção prejudica a estatal. Apenas 8% disseram "não". Outro dado revelador da pesquisa foi o forte crescimento do pessimismo da população em relação à situação econômica do País. Oito em cada dez entrevistados esperam alta da inflação.

Para 55% dos que responderam ao questionário, a situação econômica vai piorar nos próximos meses. Em dezembro, eram 28% dos entrevistados.

Fonte: Jornal Correio do Povo, 07 fev. 2015.

Nessa notícia, o jornalista apresenta o retrato de uma presidenta sob a avaliação negativa, cujos motivos dessa avaliação são as quedas na economia, os problemas no setor da saúde e, principalmente, a corrupção, que comprometem o governo. Esse retrato, traçado a partir dos fatos sobre a avaliação da popularidade da presidenta, divulgados na Datafolha de

fevereiro de 2015, serve como argumento para o jornalista afirmar um governo supostamente condenado ao fracasso pela corrupção e rejeição do público.

Faz-se necessário frisar que o contexto de publicação dessa notícia, e das outras apresentadas na sequência, está vinculado a uma série de escândalos no país, sendo um desses o caso Petrobras, que envolve vários representantes políticos, tanto do Partido dos Trabalhadores (PT), quanto de outros partidos, mas o caso Petrobrás, nessa notícia, é citado pelo jornalista como motivo maior da impopularidade da presidenta.

A preocupação em relatar a queda da popularidade de Dilma se dá a partir de um sentido preciso, direcionado para um conteúdo determinado que envolve os impactos dessa queda em comparação a outros resultados Datafolha anteriores. Em meio a todos os outros resultados, a voz da pesquisa Datafolha de 07 de fevereiro de 2015 é a mais relevante, mais denunciatória e mais assertiva para apontar o desvanecimento do governo. De todas também apresentadas, ela é a mais astuciosa, pois se torna foco de atenção no reflexo que se esgueira por trás de toda a crise que acomete a economia do país. Sendo assim, através dessa voz, é possível agir silenciosamente, em um espaço insuspeitado; para apontar os culpados para essa crise.

Para traçar a imagem do governo da presidenta, a combinação dos adjetivos “ruim ou péssimo” surge repetidamente no corpo do texto e ganha força significativa através dos usos de vocabulários como “pessimismo” e “piorar” para, então, remeter-nos a uma possível expectativa para um governo Dilma em retrocesso devido aos escândalos e os problemas nos principais setores do país: saúde e economia.

Apesar de não ser foco de análise nesta dissertação, é importante salientar sobre a imagem visual da presidenta. A boca trincada, os olhos fixos e a testa franzida desempenham papel imprescindível para entender a cena enunciativa, tornando irresistível a observação do conjunto, para o direcionamento dos sentidos da leitura do texto noticiado. A figura da presidenta transmite o reflexo da preocupação com o decréscimo da sua popularidade. A parte superior do seu corpo toma o espaço da imagem e acompanha, como pano de fundo, símbolos com tons avermelhados, mesma cor que representa o Partido dos Trabalhadores (PT). Além disso, a imagem turva de um homem como seu reflexo parece apontar com olhar denunciativo a principal alçoz desse cenário. Enquanto isso, Dilma parece desacreditada na realidade a seu respeito.

No corpo do texto, imagem e conteúdo complementam-se e o jornalista fala investido de outros pontos de vista, de outras vozes – Datafolha, outras mídias e público – que se

misturam em um gênero da esfera jornalística, aparentemente imparcial,<sup>8</sup> para argumentar e colocar a presidenta como personagem central para a crise em que se encontra o país e, por que não dizer – responsável também por ela. Para tanto, o jornalista refere-se não apenas ao que é comum a esse governo; mas, sobretudo, ao que ocorreu em outro governo, a exemplo da gestão de Fernando Henrique Cardoso, como comparativo para sustentar a argumentação sobre o governo ruim/péssimo de Dilma.

Assim, o noticiador conduz as informações nessa notícia evidenciando que o governo atingiu “o mais baixo índice”, “foi considerado ruim ou péssimo”; enfrenta um alto “nível de rejeição”; bateu “a pior marca de um presidente”; mentiu e acionou “o forte crescimento do pessimismo da população”. Desse modo, sob a ótica dos entrevistados e ênfase do jornalista, nessa notícia, “a situação econômica do país vai piorar”. Continuamos com a próxima notícia.

### 6.2.2 A voz que enuncia a “forte queda”

Apresentamos, a seguir, a segunda notícia, publicada na Revista Carta Capital no dia 07 de fevereiro, mesmo dia de publicação da anterior. Antes, reforçamos que os sentidos prévios desencadeados logo no título dessa notícia nos remetem a uma nova interpretação, que compreende a divulgação do mesmo fato sob outra ótica. Desse modo, trazemos no título a expressão “forte queda”, evidenciada na manchete, e provocamos o leitor a pensar: que sentidos traduzem esse dizer, para significar os impactos negativos dos resultados sobre a popularidade da presidenta Dilma Rousseff? Vejamos:

Notícia 2: Sobre a ênfase da perda da popularidade da presidenta

Popularidade de Dilma, Alckmin e Haddad sofre forte queda

*Mais alta que a rejeição de 44% de Dilma somente os 46% de ruim/péssimo de Fernando Henrique Cardoso em dezembro de 1999*

por Redação — publicado 07/02/2015 20h15, última modificação 08/02/2015 08h54

[inShare](#) | Agência Brasil

<sup>8</sup> Utilizamos a palavra “aparentemente”, uma vez que consideramos difícil pensar um jornalismo no qual exista a total imparcialidade com os fatos narrados.



Dilma e Alckmin sofrem com popularidade dois meses após iniciarem mandato. A popularidade da presidenta Dilma Rousseff, do governador paulista Geraldo Alckmin e do prefeito de São Paulo Fernando Haddad atingiu o menor nível desde a eleição. Pesquisa Datafolha divulgada neste sábado 7 mostra Dilma com 23% de aprovação (ótimo/bom) e 44% de rejeição (ruim/péssimo). Praticamente o oposto dos 42% de ótimo/bom e 24% de ruim/péssimo que ela sustentava em dezembro do ano passado. Pior somente os 46% de ruim/péssimo de Fernando Henrique Cardoso em dezembro de 1999.

Alckmin também caiu dez pontos percentuais em ótimo/bom: foi de 48% para 38% de outubro de 2014 para cá. Já Haddad beira os 44% de reprovação, patamar semelhante ao de junho de 2013.

Dilma

De acordo com a pesquisa, a aprovação de Dilma entre os que ganham até dois salários mínimos caiu 23 pontos, para 27%.

Cerca de 77% dos entrevistados dizem acreditar que a presidenta sabia sobre os desvios na Petrobras, enquanto 25% apostam que ela não tinha qualquer conhecimento. Dilma é considerada desonesta por 47% dos consultados; 15% acham o mesmo entre eleitores do PT.

O noticiário sobre escândalos de corrupção pode responder pela piora na imagem dos políticos: Corrupção é considerado o principal problema do País, atrás apenas de saúde (26%).

Assim como na primeira notícia, encontramos nessa segunda a reconstrução de uma realidade que afirma a impopularidade da presidenta Dilma Rousseff. O jornalista se vale do cenário político e econômico do país e fala, através dos dados Datafolha, dos principais motivos da baixa popularidade da presidenta: saúde, economia e o envolvimento no escândalo da Petrobras. O jornalista também relata os resultados da pesquisa, dando preferência a palavras como: ruim/péssimo, corrupção, pessimismo, mentira e desonestidade para confirmar a impopularidade do governo de Dilma Rousseff.

A comparação de Dilma Rousseff a Fernando Henrique Cardoso (FHC) também é encenada para aproximar a atuação da presidenta ao governo de FHC. O jornalista sustenta, a partir dessa comparação, o título de uma suposta gestão ruim/péssima de Rousseff, após FHC. Esses dizeres articulados de modo breve e soltos na notícia reforçam a ideia dos resultados da pesquisa Datafolha e deixa subentendida a possibilidade de inaptidão para governar da presidenta, uma vez que, diante de todos os outros governos, o dela se aproxima, se assemelha ou tem a possibilidade de ultrapassar o que obteve os piores resultados.

Não podemos ignorar também nessa notícia a imagem que acompanha o texto verbal. Diferentemente da notícia anterior, o espaço é compartilhado com o governador de São Paulo Geraldo Alckmin que, apesar de ser citado juntamente com Haddad, prefeito da mesma capital, é o único que se torna alvo nas imagens com Dilma. A posição das mãos, e a expressão facial da presidenta são significantes para revelar a ideia de preocupação que os resultados da pesquisa trouxeram para ela. No centro da mesa, o papel conduzido até ela pelas mãos do outro político – Geraldo Alckmin – em tom mais fraco que a cor vermelha da cadeira da petista, simboliza as medidas que deverão ser tomadas, supostamente, para reverter esse quadro. Dessa forma, a imagem não retrata fielmente o conteúdo suposto, diz mais sobre ele, cabendo ao leitor interpretar esses dizeres.

Apesar de narrar o mesmo fato que a primeira e ser divulgada na mesma data, o modo de noticiar do jornalista, por sua vez, altera substancialmente o conteúdo narrado nessa notícia. Ao acrescentar informações sobre a impopularidade de outros políticos e optar por escolhas de palavras e expressões diferenciadas, por exemplo, o jornalista orienta sentidos outros, não apresentados na primeira notícia, e possibilita uma nova interpretação do interlocutor a partir do mesmo fato narrado. Ou seja, apesar de ser um relato também baseado na pesquisa Datafolha de 07 de fevereiro, há a possibilidade de outros sentidos que se apresentam implícitos nas formas de dizer do noticiador para a condução da informação a suposta rejeição de Dilma. Passemos para a terceira notícia.

### 5.2.4 A voz na dimensão histórica: encontrando o “pior”!

O governo do Partido dos Trabalhadores (PT) foi antecedido na Presidência do Brasil pelo PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira – representado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. FHC governou a nação por oito anos, durante dois mandatos – 1994 a 2002. Essa linha temporal é lembrada porque tem importância nessa notícia, pois é da avaliação da pesquisa Datafolha sobre esse governo que é composto, em sua maior parte, o seu conteúdo.

Consideramos, assim, que o conteúdo dessa notícia transcorre através de vozes vinculadas ao passado – fonte do mesmo instituto Datafolha – e vozes buscadas no presente, para revelar os dizeres que orientam sentidos sobre a realidade do governo de Dilma. Ou seja, entre passado e presente, o jornalista vai exprimir o seu olhar sobre os fatos do mundo. Seguimos com a notícia:

Notícia 4: Sobre a baixa popularidade do presidente Fernando Henrique Cardoso

Datafolha: Fernando Henrique Cardoso é considerado pior presidente da história do Brasil



Ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) foi o único presidente na história do País que obteve os piores resultados de popularidade nas pesquisas. No fim de sua gestão, sua popularidade era menor que sua rejeição, mais um marco histórico atingido pelo tucano.



O ex-presidente tucano Fernando Henrique Cardoso (PSDB) foi o pior presidente da história do Brasil segundo as pesquisas Datafolha reveladas durante sua gestão.

O tucano foi o único presidente a terminar sua gestão com a reprovação maior que a aprovação, um marco nunca atingido até então por nenhum presidente. A popularidade de Dilma Rousseff tem seus altos e baixos, porém as pesquisas se distanciam e cada uma demonstra uma opinião diferente.

Para os entrevistados, FHC representou somente a classe rica durante seu mandato e seu pior ponto negativo foi a fome e o desemprego.

Ele acusado de "trabalhar pouco" e "respeitar mais os ricos". Nas frases colhidas pela pesquisa é possível encontrar as razões da queda de FHC. "Ele desvalorizou os pobres", diz uma mulher de Ribeirão Preto (SP) que votou em Lula. "Ele mentiu dizendo que haveria empregos para todos", diz um eleitor de FHC. Para os entrevistados na época, a corrupção era um ponto preocupante de FHC e para a maioria dos entrevistados, existia sim corrupção em seu governo e nas estatais. Na opinião de cerca de metade (49%) dos entrevistados, os maiores prejudicados durante o governo FHC foram os trabalhadores, de um modo geral.

Fonte: Portal Metr pole, 09 fev. 2015.

Na terceira e última notícia, o jornalista apropria-se totalmente de outro contexto histórico social para fazer referência aos dizeres sobre o governo da presidenta Dilma. Nesse intuito, utiliza-se dos resultados da pesquisa Datafolha sobre o governo de FHC em 1999 para lembrar àqueles descontentes com a reelei o de Dilma a péssima atua o do último presidente da República, vinculado ao PSDB.

As falas do público eleitor sobre a péssima atua o de FHC dão a essa notícia a ideia de credibilidade da informa o, pois são pessoas que vivenciaram diariamente essa situa o. Sob a voz popular, o jornalista descreve os segmentos sociais mais prejudicados por FHC, inclusive, ratifica a corrup o – um dos supostos motivos da baixa popularidade de Dilma informados nas notícias 1 e 2 – como recorrente no governo do tucano.

Não poderemos deixar de observar a expressão facial de FHC, contrária   imagem de Dilma na primeira notícia, FHC tornou-se o algoz dessas discussões. Com boca entreaberta em posi o de defesa, rosto totalmente franzido em visual pasmo, essa imagem traduz, de modo enfático, aquilo que   visível nas linhas do texto: a acusa o de péssimo governo relegada a FHC. Ao mesmo tempo, denuncia que a péssima atua o de FHC não pode ser superior   de Dilma. Esses dizeres estão submersos nos implícitos e operadores argumentativos (marcas linguísticas presentes no texto, conforme a abordagem na se o 3).

Essas marcas funcionam como instruções para direcionar as conclusões do leitor para quem realmente é relegada a avaliação de péssimo governo.

Sendo assim, mesmo fazendo parte de uma sequência de notícias sobre um mesmo tema, essa notícia, divulgada no mesmo contexto das duas anteriormente citadas, busca focar em outro ponto: os dados que avaliam de forma negativa a gestão de Dilma Rousseff quanto à corrupção, inflação e aceitação dos brasileiros, rememorando, exclusivamente, informações que visam reforçar os aspectos negativos de FHC.

Desse modo, as três notícias apresentadas, apesar de possuírem temáticas similares referentes aos motivos da baixa popularidade da presidenta, apresentam sentidos distintos: as primeiras argumentam no sentido de afirmar a impopularidade e suas causas, a última busca modos diferenciados para noticiar essa impopularidade. Sendo assim, observamos que, a partir de um mesmo fato, várias versões são produzidas e circulam para os leitores; ou seja, nos textos veiculados, busca-se ou não a consonância e manutenção de ideias.

Essa constatação confirma os resultados apresentados por Lebler (2016) na seção 4 deste trabalho ao analisar, a partir de um viés semântico-argumentativo, os discursos de duas notícias sobre um mesmo fato, retiradas de dois portais de notícias distintos. Lebler defende a ideia de que, mesmo se tratando de um mesmo fato noticiado, os sentidos nas notícias são híbridos.

Diante do exposto, pensar na forma como o jornalista argumenta na construção das ideias é entender que o sentido não está totalmente posto na superfície textual, mas se estabelece a partir das relações entre as palavras, o enunciado e o texto, articuladas pelos ideais da mídia, do jornal e do próprio jornalista, que corroboram para os dizeres outros não revelados.

Por exemplo, os dados sobre o governador de São Paulo, Alkmin,<sup>9</sup> e o prefeito da mesma capital, Haddad,<sup>10</sup> não são citados na primeira notícia, na segunda são mencionados em poucas linhas, sem margem de análise que levaria à compreensão de que eles, como outros políticos, são também responsáveis pelos problemas relacionados à corrupção que ocorrem no país. Também o decréscimo de popularidade de FHC é limitado a apenas duas linhas nas duas notícias, impossibilitando verificar, mais a fundo, os resultados de que ele, sim, ocupa a posição de mais baixa popularidade entre os que já foram presidentes. De outro modo, os aspectos mencionados na notícia 3, a partir de uma releitura das anteriores, colocam em cena outras vozes com argumentos contrários.

---

<sup>9</sup> Governador do Estado de São Paulo.

<sup>10</sup> Prefeito pelo PT que exerceu o mandato entre os anos de 2012 e 2016 na cidade de São Paulo.

Assim, como não notar a parcialidade, uma vez que ela tem nas distintas formas de narrar e nas escolhas linguísticas a sua essência revelada? Como interpretar os sentidos que emergem no enunciado das notícias sem ver o jornalista, necessariamente, envolvido, tentando influenciar?

Partindo do pressuposto de que as escolhas do noticiador perpassam por critérios que – pelo próprio formato da notícia e as inevitáveis retomadas de vozes que nela emergem – já revelam pontos de vista e o direcionamento da argumentação do texto, continuamos essa análise evidenciando as vozes que emergem dos enunciados para os sentidos outros que dialogam nas notícias a partir da orientação argumentativa inerente a elas.

### 6.3 UM FATO NOTICIADO, VÁRIAS VOZES ENCENADAS

Na seção 3 – Polifonia e Orientação Argumentativa do Sentido – abordamos sobre a polifonia linguística apresentada por Ducrot (1987) dividida como de locutores e de enunciadore. As vozes dos locutores aparecem na figura do locutor (L'), marcado no texto ou na voz do locutor (L) enquanto pontos de vista. As formas de dizer do locutor são atitudes que, expressas através dos enunciadore, revelam os sentidos argumentativos do texto. Essas vozes dos enunciadore, as quais o locutor pode assimilar ou não, estão no âmbito da enunciação. Como já visto, a enunciação é marcada pela subjetividade do locutor, através das marcas linguísticas.

Na continuação da análise, consideramos essas vozes nas notícias selecionadas como voz do locutor (item 6.3.1) e voz dos enunciadore (item 6.3.2). A identidade dessas vozes resulta em uma operacionalização para as discussões seguintes (item 6.4) quando cada ponto de vista será investigado, observando os implícitos e os operadores para verificar o modo como as figuras enunciativas representam-se, resultando desse procedimento a argumentação, a partir da polifonia no gênero discursivo notícia.

#### 6.3.1 Voz do locutor

Todas as notícias selecionadas obedecem a características estruturais que prezam por uma linguagem que se quer impessoal, através do uso da terceira pessoa, iniciadas com o lide e, em seguida, com o conteúdo no corpo do texto. Por prezar pelo modo dito impessoal, percebemos que a função locutor não se apresenta através das marcas linguísticas de pessoa (“eu”, “nós”). Desse modo, observamos, a partir de Charaudeau (2015), que o

desaparecimento das marcas de primeira pessoa cede espaço a formas linguísticas que objetivam, principalmente, apagar a responsabilidade ou participação do locutor com relação ao enunciado. Consideramos, como Charaudeau (2015), que esse apagamento pode ter dois efeitos: deixar o discurso “objetivo”, já que a “subjetividade” do locutor não aparece explicitamente, ou tornar o discurso verdadeiro, uma vez que é apresentado como certo para legitimar o dito na voz de enunciadores que aparecem como autoridade no assunto.

O locutor nas notícias apresenta-se como (L), como instância discursiva (DUCROT, 1987), responsável pela enunciação. Desse modo, difere do chamado ser empírico ou autor empírico do enunciado, aquele que efetivamente o produz que, nesse caso, seria o jornalista. O locutor considerado neste trabalho é aquele que, ao trazer para o seu discurso palavras de outros locutores, distancia-se do que foi enunciado, não assumindo a responsabilidade pelo dito.

Por exemplo, nas notícias analisadas, a polifonia de locutor aparece, na maioria das vezes, sob a forma de discurso indireto: “[...] pesquisa do instituto Datafolha divulgada neste sábado revelou que sua popularidade atingiu a pior marca [...]” (Cf. N1, l. 9); “Cerca de 77% dos entrevistados dizem acreditar que a presidenta sabia sobre os desvios da petrobras [...]” (Cf. N2, l. 21). Apesar de não nos limitarmos ao estudo polifônico dos enunciados através do discurso indireto, é válido enfatizar que, ao se apresentar em forma de discurso indireto, o locutor reformula as ideias de outros locutores e as reorganiza seguindo as regras da expressão escrita da língua (uso da expressão segundo, verbo dizer, mostrar, indicar, dentre outras, seguidas das conjunções que).

Confirmam-se, assim, os resultados no estudo de Nascimento (2006) sobre “A polifonia de modalizadores”, apresentado no capítulo IV. Lá afirmamos, segundo Nascimento (2006), que, a partir das marcas linguísticas, do tipo modalizador, percebem-se as vozes dos locutores, como recurso polifônico. Essa estratégia polifônica ocorre, concomitantemente, a partir das citações, em estilo direto e indireto, indicando argumentatividade nos enunciados.

O locutor (L), também, toma a atitude de introduzir os pontos de vista dos enunciadores no conteúdo enunciado, responsabilizando-se por ele como alguém a quem é imputada a responsabilidade do enunciado. Sendo assim, o locutor impessoal apresenta o seu ponto de vista e, a partir dele, há o desdobramento de vários enunciadores. Assim procedendo, L assume, explicitamente, a responsabilidade de introduzir os conteúdos de E1, E2 E3 e assim sucessivamente. Ou seja, esses conteúdos se inscrevem preferencialmente por intermédio do locutor (L) cindido na imagem do veículo midiático, por isso a figura do locutor é impessoal, no que se refere a não deixar marcas linguísticas de pessoalidade.

Por exemplo, nos enunciados<sup>11</sup> a seguir, retirados das notícias elencadas, o locutor (L) introduz a voz do Datafolha, da opinião popular e de alguns jornais, através delas o locutor se apaga, aparentemente, para dar lugar aos fatos referentes à queda da popularidade de Dilma Rousseff e busca dar veracidade a esses fatos. Vejamos: “o desempenho da presidente foi considerado ruim ou péssimo, segundo o Datafolha” (Cf. notícia 1, l. 2), “Pesquisa Datafolha divulgada neste sábado 7 mostra” (Cf. notícia 2, l. 9) “Para 44% dos entrevistados, o desempenho da presidente foi considerado ruim ou péssimo” ( Cf. notícia 1, l. 2)

Assim, por exemplo, a ocorrência, na notícia 1, de “segundo Datafolha”, no enunciado “Para 44% dos entrevistados, o desempenho da presidente foi considerado ruim ou péssimo, segundo o Datafolha”, influencia o próprio conteúdo sobre o desempenho da presidenta. O desempenho de que se trata não é a simples atuação da presidenta, segundo o locutor, e sim a sua forma de dizer sobre o governo baseada, também, no que o Datafolha definiu com seus conceitos e com medidas, por meio de seus instrumentos e categorias de análise.

Poder-se-ia dizer que o operador argumentativo “segundo” direciona a leitura daquilo de que trata – aqui – o Datafolha. Em seu papel de ponto de vista, os enunciadores na voz do Datafolha e de outras vozes já citadas, não são, portanto, indivíduos particulares. Desse modo, o locutor age por meio de outros discursos para gerar sentidos argumentativos, a fim de convencer o interlocutor da verdade que o texto aparenta. Dessa forma, “por detrás” da (re)construção dos pontos de vista do locutor, colocam-se os enunciadores. Essa ideia norteia a segunda forma da teoria polifônica do sentido evidenciada por Ducrot (1987). Examinaremos, a seguir, a construção dos enunciadores.

### 6.3.2 Voz dos enunciadores

É notório que o locutor, em todas as três notícias, traz a voz do Datafolha – o que chamaremos E1.<sup>12</sup> E1 funciona como voz de autoridade para legitimar os pontos de vista enunciados. O locutor, também, posiciona-se através da voz dos entrevistados – E2.<sup>13</sup> A voz dos entrevistados fundamenta os resultados da pesquisa e é introduzida pelo locutor em forma de percentuais como um posicionamento geral que emana da decisão do povo. Além de E1 e E2, aparecem as vozes do jornal, da revista e do portal que veiculam as notícias (E3). Essas vozes apresentam-se implícitas através do ponto de vista que o locutor assimila. Desse modo, temos:

<sup>11</sup> O termo enunciado, para apresentar os exemplos, é concernente à conceituação de Ducrot (1987).

<sup>12</sup> Enunciador 1

<sup>13</sup> Enunciador 2

Quadro 2 – notícias 1, 2 e 3: Voz dos enunciadores

NOTÍCIA 1 (N1)	NOTÍCIA 2 (N2)	NOTÍCIA 3 (N3)
<p>“Pesquisa do instituto Datafolha divulgada neste sábado revelou que sua popularidade atingiu a pior marca de um presidente da república”</p> <p>“Para 44% dos entrevistados o desempenho da presidente foi considerado ruim ou péssimo”</p>	<p>“Pesquisa Datafolha mostra Dilma com 23% aprovação (ótimo/bom) e 44% de rejeição (ruim/péssimo)”</p> <p>“Cerca de 77% dos entrevistados dizem acreditar que a presidenta sabia sobre os desvios na Petrobras, enquanto 25% apostam que ela não tinham nenhum conhecimento”</p>	<p>“O ex-presidente tucano Fernando Henrique Cardoso (PSDB) foi o pior presidente da história do Brasil segundo as pesquisas DataFolha reveladas durante sua gestão”</p> <p>“Na opinião de cerca de metade (49%) dos entrevistados, os maiores prejudicados durante o governo FHC foram os trabalhadores, de um modo geral”.</p>

As vozes dos enunciadores, incorporadas à enunciação de (L), no quadro apresentado, emitem diferentes opiniões. Os pontos de vista funcionam como argumentos para o locutor que, ao tomar a atitude de assumi-los, pode concordar, assimilar-se ou recusar os conteúdos dos enunciadores. Desse modo, o locutor pode dizer, sem que para isso assumo o dito, como assim sustenta Ducrot (1987). Dessa maneira, ao empregar: “segundo o Datafolha” (Cf. notícia 1), “pesquisa Datafolha mostra” (Cf. notícia 2) e “para os entrevistados” (Cf. notícia 3), L, através de marcas linguísticas, insere a voz dos enunciadores, que tomam a responsabilidade pelo conteúdo enunciado.

Com base nos trechos mencionados, é possível definir qual tipo de enunciador o locutor introduz em seu discurso, com qual ele concorda, assimila-se ou se opõe, bem como saber os posicionamentos dos locutores responsáveis pelos enunciados e como L constrói a argumentação através da polifonia. A tabela seguinte sumariza cada enunciador nas notícias:

Quadro 3 – Identificação dos enunciadores nas notícias 1, 2, e 3

NOTÍCIA 1 (N1)	NOTÍCIA 2 (N2)	NOTÍCIA 3 (N3)
E1- voz do Datafolha	E1- voz do Datafolha	E1- voz do Datafolha
E2- voz dos entrevistados	E2- voz dos entrevistados	E2- voz dos entrevistados
E3- voz do Jornal Correio do Povo	E3- voz da Revista Carta Capital	E3- voz do Portal Metrópole

A partir do que foi sumarizado no quadro, percebemos que há o cruzamento de vozes na construção do discurso do locutor em todas as notícias. O locutor, apropriando-se dessas

vozes, argumenta sobre a impopularidade de Dilma ou contrário a essa impopularidade, como veremos na continuação dessas análises. As vozes que aparecem na função dos enunciadores constituem o discurso do locutor, unindo-se como um coro polifônico para revelar os sentidos nas notícias.

Sendo assim, o locutor apresenta três vozes no corpo das três notícias: uma advinda do ponto de vista do Datafolha, outra do ponto de vista dos entrevistados e uma terceira representando o ponto de vista do veículo midiático nos quais circulam as notícias. A pesquisa Datafolha, como voz de autoridade, é assimilada ao conteúdo de L em N1 e N2 como argumento que prova a queda de popularidade da presidenta; enquanto que em N3 busca dados para refutar essa queda. A voz dos entrevistados funciona como voz popular para confirmar a autenticidade dos dados da pesquisa através dos percentuais. Vejamos os enunciados no corpo das três notícias: “Pesquisas do instituto Datafolha divulgadas neste sábado revelou [...]” (Cf. N1, l. 9); “[...] Pesquisa Datafolha mostra [...]” (Cf. N2: l. 9); “Cerca de 77% dos entrevistados dizem [...]” (Cf. N2, l. 20); “25% apostam que ela não tinha nenhum conhecimento”. (Cf. N2, l. 21); “Para 44% dos entrevistados o desempenho da presidente foi considerado ruim ou péssimo” (Cf. N1, l. 12). “Ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) foi o único presidente na história do País que obteve os piores resultados de popularidade nas pesquisas (Cf. N3, l. 3)”, “A popularidade de Dilma Rousseff tem seus altos e baixos, porém as pesquisas se distanciam e cada uma demonstra uma opinião diferente” (Cf. N3, l. 11).

As três notícias tematizam a impopularidade de Dilma, divulgada pelo Datafolha; porém, enquanto L, na voz de E3, em N1 e N2 toma a atitude de introduzir o conteúdo de E1 e E2 e busca dados para confirmar esses dizeres, L, na voz de E3 interpreta os resultados na voz de E1 e E2 como, possivelmente, oscilatórios.

Dessa maneira, os enunciadores, interferem no conteúdo das três notícias e notadamente influenciam no dizer do locutor, bem como ao interlocutor quanto ao dito. Continuaremos, a seguir, analisando como essas vozes se cruzam para a construção do discurso do locutor em cada notícia.

#### 6.4 TECENDO PONTOS DE VISTA: ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS

Nesta seção, analisamos as vozes que se manifestam através da atitude do locutor para colocar em cena as funções dos enunciadores; para tanto, as instruções dadas pelos implícitos

e operadores argumentativos são relevantes para perceber o jogo polifônico que se instaura nas notícias em questão.

O pressuposto geral das três notícias é estabelecido a partir da manchete e está expresso em:

Quadro 4 – Manchetes das notícias 1, 2 e 3

Manchete 1	Manchete 2	Manchete 3
A popularidade de Dilma cai 19 pontos e atinge o mais baixo índice desde 2011	Popularidade de Dilma, Alckmin e Haddad sofre forte queda	Datafolha: Fernando Henrique Cardoso é considerado pior presidente da história do Brasil

Considerando os objetivos do locutor, muitas informações podem ficar no nível do pressuposto, conforme observamos nessas manchetes. O título da notícia 1, por exemplo, tem interesse em evidenciar a impopularidade apenas da presidenta Dilma. Temos, assim, os seguintes conteúdos:

Quadro 5 – Posto e pressuposto na notícia 1

<i>Posto</i>	A popularidade de Dilma cai 19 pontos e atinge o mais baixo índice desde 2011.
<i>Pressuposto</i>	A popularidade de Dilma já esteve mais alta;

Já no título da notícia 2, o índice de impopularidade não só é atribuído a Dilma, como também ao governador de São Paulo, Alckmin, e ao prefeito da capital, Haddad. Nesse sentido, os conteúdos são apresentados:

Quadro 6 – Posto e pressuposto na notícia 2

<i>Posto</i>	Popularidade de Dilma, Alckmin e Haddad sofre forte queda.
<i>Pressuposto</i>	A popularidade de Dilma e outros políticos esteve mais alta.

As formas de apresentar as manchetes 1 e 2, logo de início, apontam para modos diferenciados de narrar um mesmo fato entre elas. No primeiro caso, a ação de cair é um efeito voluntário. Além disso, o fato de cair 19 pontos só acelera um processo que já vinha



ocorrendo no governo. Percebe-se essa evidência no prolongamento do enunciado de N1,<sup>14</sup> quando o locutor aciona uma voz sinalizada pelo operador argumentativo “desde” para significar que Dilma teve sua popularidade baixando gradativamente. Em N2, no entanto, fica subentendida uma ação impactante como sinaliza a expressão “forte queda”, utilizada para marcar a intensidade desse resultado na vida política não só da presidenta, como também de outros políticos.

Na terceira notícia, por sua vez, presenciamos um percurso totalmente diferente das duas anteriores. O locutor de N3 faz aparecerem os dados do Datafolha sobre a gestão de Fernando Henrique Cardoso (FHC) em 1999 e, sobre esses dados, firma seu posicionamento contrário aos resultados relacionados à avaliação do governo da presidenta, como veremos no prosseguimento das análises. Sendo assim, encontramos:

Quadro 7 – Posto e pressuposto na notícia 3

<i>Posto</i>	Datafolha: Fernando Henrique Cardoso é considerado pior presidente da história do Brasil
<i>Pressuposto</i>	Existiram outros presidentes ruins no Brasil.

Reafirmamos, a partir da leitura da manchete de N3, que o locutor assume E1, E2, E3, assimilando-se a E3 – voz do Portal Metrópole – fazendo desse conteúdo argumento contrário a N1 e N2. Sendo assim, através da comparação em N3, L põe em evidência vozes que afirmam, através de percentuais, a existência de outro presidente com maior impopularidade. Vamos detalhar mais especificamente esses sentidos quando retornarmos a essa notícia no decorrer da análise. Diferentemente, N1 e N2, além de assumir E1, assimilam-se a essa voz. Vejamos os argumentos utilizados no corpo de N1 e N2 como causa da impopularidade:

Quadro 8 – Causas da impopularidade da presidenta Dilma Rousseff nas notícias 1 e 2

Notícia 1 (N1)	Notícia 2 (N2)
No momento que a presidente Dilma Rousseff assiste aos desdobramentos da Operação Lava Jato, pesquisa do instituto Datafolha divulgada neste sábado revelou que sua popularidade atingiu a pior marca de um presidente da República desde	Cerca de 77% dos entrevistados dizem acreditar que a presidenta sabia sobre os desvios na Petrobras, enquanto 25% apostam que ela não tinha qualquer conhecimento. Dilma é considerada desonesta por 47% dos consultados; 15%

<sup>14</sup> A referência N1, N2, N3 e N4 representa as notícias analisadas neste trabalho.

<p>Fernando Henrique Cardoso em 1999, quando o tucano recebeu 46% de citações como ruim ou péssimo.</p> <p>A pesquisa deixou claro que o esquema de corrupção na Petrobras desvendado pela Polícia Federal teve papel decisivo na implosão da popularidade presidencial.</p>	<p>acham o mesmo entre eleitores do PT.</p> <p>O noticiário sobre escândalos de corrupção pode responder pela piora na imagem dos políticos: Corrupção é considerado o principal problema do País, atrás apenas de saúde (26%).</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Percebe-se no enunciado de N1 e N2 que o locutor insere os dados estatísticos advindos de E1(Datafolha) e possibilita a compreensão, através dessa voz, da existência de duas causas principais para a baixa da popularidade da presidenta: a corrupção e o decréscimo na economia. A corrupção é reforçada por L ao trazer para o texto vozes que se posicionam sobre o caso Petrobrás. L mobiliza uma voz na N1, que diz: “A pesquisa deixou claro que o esquema de corrupção na Petrobras desvendado pela Polícia Federal teve papel decisivo na implosão da popularidade presidencial”.

Essa afirmação ganha dimensão através dos elementos linguísticos “decisivo” e “implosão” e funciona para afirmar o caso Petrobrás como fator principal de agravamento do governo Dilma. Sendo assim, o escândalo da Petrobrás explica o motivo que impulsionou a queda de 19 pontos anunciada na manchete de N1 e a “forte queda” em N2, à medida que provocou um acirramento dos problemas que já existiam no partido, rebaixando ainda mais a popularidade da presidenta e desencadeando a sua rejeição.

Em N2, o locutor enuncia os desvios da Petrobrás e põe em cena o ponto de vista de E1 e E2 em vozes que afirmam: “[...] Cerca de 77% dos entrevistados dizem acreditar que a presidenta sabia sobre os desvios na Petrobras [...]. Dilma é considerada desonesta por 47% dos consultados; 15% acham o mesmo entre eleitores do PT”. Desse modo, na voz desses enunciadoreis admite-se que a presidenta foi cúmplice ou conivente. Essa constatação é um argumento relevante para a defesa do ponto de vista de L que, assimilando-se a E1 e E2, justifica a baixa popularidade da petista.

O locutor traz em N1 outra causa possível para a impopularidade de Dilma, apontada na voz de E2: a baixa na economia do país, vista por L, através da enunciação de E2, como preocupante: “Outro dado revelador da pesquisa foi o forte crescimento do pessimismo da população em relação à situação econômica do País. Oito em cada dez entrevistados esperam alta da inflação”.

Desse modo, através da voz dos entrevistados, L reafirma os dados de E1 e, assimilando-se a esse ponto de vista, não vê possibilidade de melhoria para o país. Portanto,

conclui L em N1: “[...] para 55% dos que responderam ao questionário, a situação econômica vai piorar nos próximos meses”.

A partir do ponto de vista sobre a economia, o locutor de N1 eclipsa-se por trás dos fatos comprovados e revestidos de verdade na autoridade do Datafolha, que anuncia percentual de 55% do lugar de uma voz popular, criando a ilusão de não haver perspectivas de melhoras para o país nesse governo.

As vozes que apresentam uma visão pessimista sobre a situação do país no governo Dilma, em N1 e N2, possibilitam a interpretação do interlocutor para subentendidos de que a presidenta não está apta para governar. Muito embora isso não esteja explícito nas notícias, os seus enunciados permitem sentido para que haja a interpretação dessa ideia pelo interlocutor; pois, consoante Ducrot (1987), compreendemos que o subentendido é a maneira pela qual o jornalista busca gerar sentido, visando orientar as conclusões do interlocutor. Dessa maneira, reafirmamos: as vozes de E1 e E2, em N1 e N2, funcionam para argumentar sobre um mesmo ponto de vista e fomenta a ideia de impopularidade vinculada à ideia de pior governo.

No movimento argumentativo-polifônico em N3 afirmamos que a marca de maior impopularidade na avaliação sobre o governo Dilma é negada logo na manchete. Para tanto, o locutor cerca-se das vozes Datafolha de 1999 e, através de operadores argumentativos adequados, mobiliza sentidos para argumentar em prol da aceitação de um ponto de vista adverso ao das notícias anteriores. Vejamos o modo como o locutor de N3 argumenta em comparação a N1 e N2 ao introduzir as vozes Datafolha de 1999 ao seu discurso:

Quadro 9 – Comparativo entre os enunciados das notícias 1, 2 e 3

NOTÍCIA 1 (N1)	NOTÍCIA 2 (N2)	NOTÍCIA 3 (N3)
Datafolha divulgada neste sábado revelou que sua popularidade atingiu a pior marca de um presidente da República desde Fernando Henrique Cardoso (FHC) em 1999, quando o tucano recebeu 46% de citações como ruim ou péssimo.	Mais alta que a rejeição de 44% de Dilma somente os 46% de ruim/péssimo de Fernando Henrique Cardoso em dezembro de 1999.	Ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) foi o único presidente na história do País que obteve os piores resultados de popularidade nas pesquisas.

No primeiro enunciado, ao introduzir a voz do enunciador Datafolha em 1999, o locutor compara os resultados de Dilma a FHC, deixando pistas, a partir do operador argumentativo “desde”, de que surge um novo caso de presidente com grande índice de impopularidade e rejeição do público no Brasil. Ou seja, “desde” sinaliza para um movimento

no tempo que rememora sentidos argumentativos através da comparação e orienta para a conclusão de que, após Fernando Henrique Cardoso, Dilma é a presidenta mais impopular.

No enunciado da segunda notícia, o locutor restringe a marca de impopular a FHC e orienta os sentidos, através do operador argumentativo “somente”, para afirmar o pressuposto de que a impopularidade de Fernando Henrique é o maior marco dentre a de outros presidentes e usa essa afirmação para deixar subentendida, também, a possibilidade de um novo presidente com marcas elevadas de rejeição do público, nesse caso, Dilma.

Já em N3, a enunciação de L desconsidera qualquer possibilidade de outro presidente com resultados de impopularidade piores do que a de FHC e introduz o conteúdo da pesquisa de 1999 em seu discurso como argumento principal para negar que Dilma seja a presidente com maior índice de impopularidade do Brasil. Quando diz que Fernando Henrique “foi o único presidente” com pior índice de impopularidade na história do País, a partir do operador argumentativo “único”, o locutor aciona sentidos implícitos que são orientados por esse elemento linguístico para a impossibilidade de Dilma ser considerada a presidenta com pior índice.

Nesses exemplos, observa-se que os modos de dizer do locutor configuram-se a partir de perspectivas utilizadas através de operadores argumentativos distintos: em N1 e N2, esses operadores orientam conclusões semelhantes, em 3 orientam sentido diferente. Ou seja, L rememora sentidos buscados na história em N1 e N2 para, em comparação aos resultados no governo Dilma, revelar a proximidade da avaliação desse governo com o de FHC em 1999. Em N3, esses sentidos são traçados implicitamente, através de um comparativo entre Dilma e FHC com o intuito de provar o distanciamento entre ela e FHC quanto aos modos de governar.

No caso específico de N3, o acontecimento que serve como tema é reapresentado sob outra perspectiva e é redimensionado para instaurar algo novo a partir da ênfase dada aos resultados da péssima atuação de Dilma através de um discurso que tem como característica reforçar os aspectos negativos de FHC.

Prosseguindo com os argumentos em N3, L afirma, sob a voz Datafolha (1999):

O ex-presidente tucano Fernando Henrique Cardoso (PSDB) foi o pior presidente da história do Brasil segundo as pesquisas Datafolha reveladas durante sua gestão. [...] Datafolha: Fernando Henrique Cardoso é considerado pior presidente da história do Brasil [...] Ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) foi o único presidente na história do País que obteve os piores resultados de popularidade nas pesquisas. [...] O tucano foi o único presidente a terminar sua gestão com a reprovação maior que a aprovação, um marco nunca atingido até então por nenhum presidente (PORTAL METROPÓLE, 9. fev. 2015).

A partir da revelação dos resultados da avaliação de FHC, L direciona, através de alguns elementos linguísticos como, por exemplo, “é considerado”, “pior”, “único”, “maior que” dentre outros, a leitura dessa notícia para reverter o sentido antes enfatizado que avaliam de forma negativa a gestão de Dilma Rousseff quanto à corrupção, inflação e aceitação dos brasileiros, divulgados na pesquisa Datafolha em 2015.

Nota-se, de início, a expressão “é considerado”, sendo utilizada como indício de isenção e objetividade do locutor ao dizer o que diz na notícia. O uso de “é considerado” repassa a responsabilidade do dito a alguém indeterminado, diferente do noticiador, para quem é deslocado o peso da informação. Podemos dizer, a partir de Ducrot (1987, p. 42), que através do uso de “é considerado”, o locutor eximiu-se de sua responsabilidade. Essa marca revela-se no interior da notícia quando a responsabilidade é atribuída aos próprios eleitores: “‘Ele desvalorizou os pobres’, diz uma mulher de Ribeirão Preto (SP) que votou em Lula. ‘Ele mentiu dizendo que haveria empregos para todos’, diz um eleitor de FHC”.

À medida que delega a responsabilidade do dizer a outros, o locutor cria um efeito de objetividade próprio de textos de cunho jornalístico, como a notícia. Nessa perspectiva, a voz popular (E2), apresentada como argumento para reforçar o ponto de vista do noticiador em N3, corrobora para desvalorizar a atuação da gestão de FHC (PSDB) e implicitamente incute no leitor a ideia a que se quer chegar: o governo de Dilma, mesmo com crises, não chega a ser pior do que o último presidente da oposição, ou seja, FHC.

Nessa perspectiva, a voz de E2, nessa notícia, funciona como um recurso polifônico para reforçar a orientação argumentativa do locutor, através do testemunho popular e serve também para problematizar as questões relativas à política de FHC e de Dilma, como representantes de dois partidos opostos – Partido dos Trabalhadores (PT) e Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Ou seja, essa voz, subentendida na enunciação do locutor, rememora sentidos para os interlocutores interpretarem os enunciados orientados pela argumentação de L sobre a inconsistência de Dilma ser a pior presidenta.

Nesse sentido, o locutor apresenta um enunciador em N3 que diz: “O tucano foi o único presidente a terminar sua gestão com a reprovação maior que a aprovação, um marco nunca atingido até então por nenhum presidente”. Observe-se que o ponto de vista na voz de E3 é retomado para considerar negativa a gestão do ex-presidente, restringindo-lhe a característica de “pior” apresentada na manchete; para tanto, L utiliza o operador argumentativo “único” e orienta a conclusão dos interlocutores: portanto, não existe outro presidente pior. O operador argumentativo de comparação “maior que”, por sua vez, funciona

para descaracterizar a popularidade do ex-presidente em relação à sua reprovação, da mesma forma, intensificar o operador “único” e estabelecer a inferioridade de FHC por ter uma reprovação maior que aprovação.

A ideia de “único” como a maior marca de reprovação é reforçada a partir da escolha de “nunca”, “nenhum” e “até então”. Pressupõe-se que a escolha de “nunca” revela a negação da possibilidade de existir outro presidente com uma imagem pior; “nenhum” ratifica o termo “nunca” e mantém o título de pior governo no grupo da direita. Dessa forma, o operador argumentativo “até então” revela que a marca negativa atribuída à gestão de FHC tem a possibilidade de ser superada, mas no momento ainda não foi. Assim, fecha totalmente as possibilidades de Dilma ser considerada a pior presidente do Brasil e atesta a prevalência de Fernando Henrique enquanto gestor de pior atuação.

Desse modo, os elementos linguísticos, nessa notícia, direcionam a conclusão do interlocutor para a ideia de que é necessário refletir sobre as informações prestadas na pesquisa Datafolha de 2015 e ponderar as suas considerações a partir dos discursos da pesquisa Datafolha de 1999. Ducrot e Carel (2008, p. 17) consideram que a representação de um enunciado negativo reforça um positivo. Nesse caso, a pior atuação de FHC (enunciado negativo) confere uma atuação melhor a outros presidentes anteriores e/ ou posteriores a ele. Assim teríamos: Dilma Rousseff não é a pior presidente como atestam as pesquisas atuais.

A ideia de não aceitação da impopularidade da presidenta até aí permanece em seu sentido implícito, vinculado por meio da comparação com os resultados de FHC. Percebe-se, no entanto, um ponto de vista explícito pelo locutor sobre o governo Dilma, no enunciado: “A popularidade de Dilma Rousseff tem seus altos e baixos, porém as pesquisas se distanciam e cada uma demonstra uma opinião diferente”. No enunciado citado, o locutor assume um ponto de vista ao expressar sua opinião sobre as condições do governo Dilma e, para isso, utiliza o operador argumentativo “porém”, a fim de estabelecer oposição entre dois atos de asserção, argumentando sobre o governo da presidenta. Nesse momento, o locutor insere duas ideias até então não reveladas na voz de E3 e, a partir do uso do operador “porém”, diz: todo governo tem altos e baixos; o governo Dilma está em uma fase de baixa popularidade. Essa voz deixa implícita a ideia de que os resultados da pesquisa podem mudar.

Note-se também que esse é o único enunciado na notícia que se refere diretamente à presidenta Dilma e, quando o faz, busca, por meio da oposição, indicar o lado contraditório das afirmações divulgadas na pesquisa Datafolha. Seguindo a escala argumentativa de Ducrot (1981), há dois argumentos, p e q, coordenados por meio do morfema “porém” para se chegar à conclusão r, fazendo com que haja duas ideias com opiniões contrárias, permitindo os

sentidos para orientar as conclusões do interlocutor para a negação dos resultados referentes à Dilma Rousseff.

Por esse viés, o locutor de N3 desconstrói o discurso do Datafolha e opõe-se à afirmação de que Dilma é a pior presidenta dentre os demais. Essa compreensão parte da polifonia na voz da pesquisa Datafolha e na voz do Portal no qual circula a notícia. Sumarizando os pontos de vista nas três notícias, temos:

Quadro 10 – Resumo das notícias 1, 2 e 3

N1 e N2	A presidenta é considerada impopular a partir da leitura do Datafolha; A corrupção é causa da impopularidade de Dilma; O caso Petrobrás é um exemplo da corrupção no governo Dilma; A diminuição do crescimento da economia atesta a fragilidade do governo da presidenta.
Locutor da notícia 1 e 2	Assimila-se ao que diz o Datafolha e indica a corrupção no governo como possível causa da queda da popularidade de Dilma; Assume o ponto de vista: presidenta impopular e corrupta, logo, não apta para governar o Brasil.
N3	Dilma é considerada impopular pelo Datafolha; Os resultados de Dilma oscilam e podem mudar; FHC é o único presidente com maior índice de impopularidade.
Locutor da notícia 3	Opõe-se ao resultado da pesquisa Datafolha; Considera os resultados sobre a impopularidade de Dilma instáveis; Assume o ponto de vista do Portal Metrópole, assimilando-o.

Reafirmamos, a partir da leitura do quadro, que N1 e N2 argumentam a favor da enunciação de E1 e E2, assimilando-se a esses discursos para comprovar a impopularidade da presidenta, divulgada na pesquisa Datafolha de 07 de fevereiro de 2015. Diferentemente de N1 e N2, o locutor de N3, aparecendo em uma publicação posterior às duas primeiras, apresenta, além dos pontos de vista do Datafolha e dos entrevistados, as vozes enunciadas em N1 e N2 e age no direcionamento de discordar da enunciação de E1 e E2 sobre a impopularidade da presidenta.

Apesar de noticiar um mesmo fato referente à queda da popularidade da presidenta, o locutor, nas três notícias apresentadas, assume outros pontos de vista no seu discurso através do conteúdo dos enunciadores, tomando atitudes diante deles para defender, ilustrar, comentar ou recusá-lo, confirmando as atitudes dos locutores identificadas na seção 3 desta dissertação.

Nas notícias 1 e 2 esses fatos são orientados, através de operadores argumentativos, para um mesmo sentido: a baixa popularidade da presidenta anunciada na pesquisa Datafolha como consequência da crise nos setores sociais e da corrupção; portanto, presidenta inapta para governar. Já na notícia 3, esses operadores direcionam para sentidos de que a impopularidade de Dilma pode ser questionada; portanto governo em transição. Percebe-se, assim, como Lebler (2016), que um mesmo fato noticiado pode ter sentidos semelhantes ou sentidos distintos, devido ao caráter subjetivo da linguagem, revelado, neste trabalho, através dos operadores e dos implícitos.

Ou seja, os operadores argumentativos apresentam-se como diretivas, como instruções para revelar a argumentatividade nos textos e funcionam como índice de polifonia nas notícias. Sinalizam, além disso, propósitos obscurecidos por razões que não convêm ao locutor esclarecer, por conta do formato estabelecido para as notícias com vista a manter a neutralidade e isenção dos fatos.

Nas notícias ora analisadas, o conteúdo posto rememora sentidos implícitos e dão motivos para interpretação do interlocutor acerca do governo Dilma. Desse modo, temos o caso Petrobras, a baixa na economia, o comprometimento da saúde (nas duas primeiras); a avaliação de FHC, a péssima atuação desse governo; as oscilações no governo Dilma (terceira). Essas vozes são apresentadas pelo locutor para a defesa da sua argumentação e estabelecem, como afirma Ducrot (1977, p. 101), “os limites do diálogo oferecido ao interlocutor. “Pressupor um certo conteúdo é colocar a aceitação de tal conteúdo como condição do diálogo ulterior”.

Expresso de outro modo, ao assumir outros pontos de vista para argumentar, o locutor assimila aquele que melhor se aplica ao seu projeto de dizer, conveniente, desse modo, para direcionar as conclusões do interlocutor para aquilo que ele quer conduzir como verdade. Nessa perspectiva, as informações que se apresentam postas na língua, através dos pressupostos e subentendidos, podem revelar sentidos que dizem mais do que está nas linhas do texto.

Mesmo se tratando de um mesmo fato, relatado nas três notícias, há várias encenações dele, que se entrecruzam nas vozes introduzidas pelo locutor. Nesse percurso, os operadores argumentativos e os implícitos denunciam o ponto de vista do locutor que se apresenta sob o



ponto de vista de cada notícia e contribuem para que o interlocutor seja persuadido lentamente, confirmando a orientação argumentativa e a polifonia mesmo em textos, ditos imparciais, a exemplo das notícias.

## 7 CONCLUSÃO

Conforme a Teoria da Argumentação na Língua (TAL), embasamento teórico para o desenvolvimento desta dissertação, a argumentação não se acrescenta à língua, mas nela está inscrita. Desse modo, considerando que os operadores argumentativos e os implícitos já anunciam o propósito do locutor para operar alguma mudança em seu interlocutor e levá-lo a aderir a um determinado ponto de vista, confirmamos, a partir da análise, que os sentidos, nas três notícias selecionadas neste trabalho, são orientados argumentativamente.

Percebemos que, apesar de relatar o mesmo fato político referente à avaliação da baixa popularidade da presidenta Dilma pela pesquisa Datafolha, as notícias são produzidas a partir de uma trama de sentidos, apresentando nos seus enunciados várias vozes que se comunicam com distintos segmentos. Consideramos, assim, o universo, com o qual o jornalista dialoga ao escrever as notícias, diversificado. Sob esse ponto de vista, não poderiam deixar de emergir dele, mesmo enunciado um mesmo fato, vozes antagônicas. Sob essa ótica, as notícias possuem enunciados distintos e dialogam com universos heterogêneos.

Por exemplo, nas duas primeiras notícias: “Popularidade de Dilma cai 19 pontos e atinge o mais baixo índice desde 2011” e “Popularidade de Dilma, Alckmin e Haddad sofre forte queda”, os enunciados sobre o caso Petrobrás, a baixa na economia, os problemas na saúde, relatados pelo Datafolha, foram direcionados para uma mesma conclusão: a constatação da baixa popularidade da presidenta. Na última: “Datafolha: Fernando Henrique Cardoso é considerado pior presidente da história do Brasil”, os mesmos enunciados sobre a impopularidade da presidenta orientaram sentidos diferentes das duas primeiras.

Temos, dessa maneira, nas duas primeiras notícias, as vozes que comprovam a aceitação dos discursos observados na pesquisa Datafolha e, na última, a não aceitação nas vozes opostas. Essa diferença é revelada pela polifonia. Expresso de outro modo, o desvelamento da polifonia relaciona-se com o suporte no qual circulam as notícias que, por sua vez, influencia nos modos de noticiar de cada jornalista.

Sob esse ponto de vista, consideramos que os conteúdos das notícias partem de algum lugar dimensionado por algum interesse específico ou por uma posição específica. Isso significa um direcionamento para o discurso, através da argumentação, para influir, seduzir e talvez manipular. Assim, a interpretação disciplinar da notícia, com vista a uma realidade homogênea relatada, é desconstruída neste trabalho, ao entendemos que a notícia não apenas informa passivamente os fatos, mas impõe a visão de mundo do locutor e a reconstrução de uma realidade social.

Para tanto, algumas marcas linguísticas, representadas por palavras e expressões, como por exemplo, “único”, “menor que”, “mais”, “piores”, “reprovação”, “desde”, “sempre”, “pior”, “até então”, possibilitaram o direcionamento argumentativo dessas notícias, pondo em evidência outras vozes nos enunciados desse gênero, através das atitudes do locutor: concordando com umas vozes, opondo-se a outras e assumindo outras, em particular, para revelar os sentidos em cada notícia.

Nesse direcionamento, os operadores argumentativos funcionam como “instruções” para orientar o interlocutor para determinada conclusão e não para outra. Funcionam, ainda, confirmando a visão de Koch (2011, p. 30) sobre a orientação argumentativa que as marcas linguísticas dão ao texto, para “indicar, ‘mostrar’ a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para o qual apontam”.

Confirmamos, dessa maneira, os resultados de Assis (2012) sobre a força argumentativa dos operadores discursivos nas notícias *online*. Para Assis, o uso dos operadores denota uma estratégia dos jornais, através de uma escolha pragmática, intencional, de acordo com uma finalidade. Os operadores argumentativos constituem-se como elemento essencial para estabelecer o elo e a estruturação dos enunciados, dando o direcionamento da argumentatividade do texto.

Além disso, constatamos, como nos trabalhos de Santos (2011) sobre “a polifonia nas manchetes de jornais” e o artigo de Lebler (2016) sobre as vozes polifônicas no enunciado das notícias, que a realidade recortada não é a única possível e, a depender da orientação do sentido argumentativo das palavras, os enunciados das notícias podem revelar a multiplicidade de visões acerca de um mesmo fato. Isso é possível devido aos implícitos, os quais possibilitaram perceber, nas vozes introduzidas pelo locutor, a polifonia.

Desse modo, descrever objetivamente os fatos ou ainda isentar-se deles, tornando-se imparcial na notícia, é uma possibilidade questionável dada à polifonia e a inscrição argumentativa da língua, como defendemos no âmbito da teoria de Ducrot (1987). Depreendemos, dessa forma, que o mesmo fato noticiado, nas três notícias, permitiu sentidos diferentes a partir do modo como o locutor empregou a linguagem. Esses sentidos mostraram-se altamente significativo, uma vez que revelaram o projeto do dizer do locutor em cada notícia.

Faz-se necessário, portanto, desviar o olhar da interpretação que orienta os sentidos para as mesmas visões e condena os interlocutores, obrigando-os a achar que a linguagem é transparente, imparcial e isenta das opiniões e que só existe uma forma de olhar para o texto, o mundo e suas relações. Isso porque, o sentido não preexiste à enunciação, mas se constrói a

partir da combinação de uma série de aspectos, entre os quais se destacam a combinação das palavras no texto (as palavras são providas de força argumentativa).

Nessa perspectiva, os operadores argumentativos e os implícitos são índices de polifonia e orientam a argumentação na notícia. Ou seja, são responsáveis pela orientação pretendida pelo locutor para construir sentido(s) nos textos noticiados, possibilitando os resultados de que a notícia tem uma dimensão e uma orientação argumentativa.

Em suma, consideramos que essa dissertação atingiu o objetivo proposto: analisar a orientação argumentativa das notícias a partir dos implícitos e operadores como índice de polifonia, para o desvelamento argumentativo desse gênero. Assim, a visão sob o ponto de vista técnico, como o relato de uma série de fatos de maneira objetiva e imparcial, a partir do fato mais importante ou interessante, é refutada e no seu lugar apresentamos um fato: várias vozes, várias versões e diálogos que se cruzam para o dizer do jornalista e o desvelamento da sua parcialidade, através da polifonia e da argumentação.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. 8. ed. São Paulo: Papirus, 1995.
- ANSCOMBRE, J.C, DUCROT, O. **La argumentación en la lengua**. Versión española, Tradução de J. Sevilla y M. Tordesillas, introducción de M. Tordesillas, Madrid, Gredos, (1994[1988]).
- ASSIS, A. W. Alves. **O uso de Operadores Argumentativos em notícias online**. Domínios de Linguagem, v. 6, p. 59-75, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/14438/9570>>. Acesso em: jan. 2016.
- AZEVEDO, Tânia Maris de. **Em busca do sentido do discurso: a semântica argumentativa como uma possibilidade para descrição do sentido do discurso**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. 3. Imprensa Brasileira, 2013[1963], Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária. Disponível em: <[https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/311331/mod\\_resource/content/1/PROBLEMAS%20DA%20POETICA%20DE%20DOSTOIEVSKI.pdf](https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/311331/mod_resource/content/1/PROBLEMAS%20DA%20POETICA%20DE%20DOSTOIEVSKI.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2016.
- BARBISAN, L.B.; TEIXEIRA, M. **Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot**. Revista do Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. p. 161-180.
- BARBOSA, Susana. **Dos sites noticiosos aos portais locais**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Intercom, Campo Grande, 2002. 17f. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-suzana-jornalismo-online.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.
- CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. **A força das palavras: dizer e argumentar**. 1. ed. 1. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011. 157p.
- CAMARGO, Nelly de. **Dos portais à grande muralha**. In: Revista Contato, n. 3, abr/jun, 1999.
- CAMPOS, Cláudia Mendes. **O percurso de Ducrot na teoria da argumentação na língua**. Revista da ABRALIN, v. 6, n. 2, 2007. p. 139-169, 30f. Disponível em: <<http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2007-vol-6-n-2/07-claudia-mendes campos.pdf>>. Acesso em 13 dez. 2016.
- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La Semática Argumentativa: Una Introducción a La Teoría de Los Bloques Semánticos**. Trad. Maria Marta G. Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005. 240 p.
- CATTELAN, João Carlos. Mulher de amigo meu: espelho e sublimaridade. **Revista Linguagem & Ensino** (UCPel), Pelotas, RS, v. 9, n. 1, 2006. p. 187-214.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. 3. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. 285p.

DATAFOLHA. **Avaliação do governo Dilma**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/02/1586836-corrupcao-em-estatal-e-crise-economica-fazem-popularidade-de-dilma-despencar.shtml>>. Acesso em: 11 out. 2015.

DUCROT, O. **Princípios de Semântica Lingüística** (dizer e não dizer). São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

\_\_\_\_\_. **Provar e dizer: Linguagem e lógica**. São Paulo: Global editora, 1981.

\_\_\_\_\_. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. Argumentação e ‘topoi’ argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **História e Sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Argumentação retórica e argumentação linguística**. Trad. Leci Barbisan. Letras de Hoje, PUCRS, Porto Alegre, v. 44, n. 1, jan./mar. 2009, p. 20-25.

\_\_\_\_\_. Sentido y Argumentación. Trad. Maria Marta Garcia Negroni. In: ARNOUX, E. N **de Homenaje a Owsald Ducrot**. Buenos Aires: Eudeba, 2004. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=MkKCR>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. 1. ed. 1. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Folha defende regulação econômica da mídia, diz editor executivo do jornal**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tv/tvfolhaaovivo/2016/02/17>>. Acesso em: 23 mai. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Folha de S. Paulo 95 anos: Ser imparcial, sem abrir mão da busca pela verdade**. Disponível em: <<http://fatosandnotas.blogspot.com.br/20160301>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

GONÇALVES, Tatiana Jardim. Estratégias argumentativas no gênero do discurso notícia. In: **CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**, 5. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFF, 2011. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlf/tomo\\_1/47.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/47.pdf)>. Acesso em: 07 jun. 2016.

HOUAISS. Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JORNALISTAS LIVRES. **Nós somos Jornalistas Livres**. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/quem-somos>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

JORNAL CORREIO DO POVO. **Popularidade de Dilma cai 19 pontos e atinge o mais baixo índice**. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Pol%C3%ADtica/2015/2/548470/Popularidade-de-Dilma-cai-19-pontos-e-atinge-o-mais-baixo-indice-desde-2011>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999. 64p.

LEBLER, Dall C. Cristiane. A transformação dos fatos em discurso: um olhar argumentativo. **Revista LETRAS DE HOJE**, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 90-98, jan.-mar. Universidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/21674/14342>>. Acesso em: 5 set. 2016.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: UNB, 1996.

MARTINEZ, A. G. A construção da notícia em tempo real. In: POLLYANA FERRARY, p. et alii. (orgs.). **Hipertexto hipermídia: as novas ferramentas da comunicação**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 13- 28.

MÍDIA NINJA. **Um fenômeno de jornalismo alternativo, que emergiu dos protestos do Rio**. Disponível em <<https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-14113>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

MÍDIA EM DEBATE. **Sobrevivência do jornalismo está na relevância: diz Sérgio Dávila**. Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/201554889463.html>>. Acesso em 23 abr. 2015.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. A modalização no gênero notícia jornalística. **Revista Gelne**, v. 8, n. 1/2, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9225>>. Acesso em: 10 outubro 2016.

NOGUEIRA, L. Jornalismo na rede: arquivo, acesso, tempo, estatística e memória. In: FIDALGO, A.; SERRA, p. (orgs.). **Informação e comunicação online**, volume I - Jornalismo Online. Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2003, p. 159-169.

OLIVEIRA, Esther Gomes de. **Operadores dicursivos e marcadores discursivos na língua falada**. Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 1999, 278p.

PLANTIN, C. **A argumentação**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PORTAL METRÓPOLE. **Fernando Henrique Cardoso é o pior Presidente do Brasil**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/web>>. Acesso em: 13 mai. 2015.

REVISTA FÓRUM. **Pesquisas sobre popularidade e falta de transparência**. Disponível em: <[http://www.revistaforum.com.br/2015/02/09/pesquisas-sobre-popularidade-e-falta-de-transparencia/?últimas notícias](http://www.revistaforum.com.br/2015/02/09/pesquisas-sobre-popularidade-e-falta-de-transparencia/?últimas%20notícias)>. Acesso em: 10 ago. 2016.

REVISTA CARTA CAPITAL. **Popularidade de Dilma, Alckmin e Haddad sofre forte queda**. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/popularidade-de-dilma-alckmin-e-haddad-sofre-forte-queda-4582.html>. Acesso em: 10 ago. 2016.

REVISTA OPERA. **Social good Brasil.** Disponível em: <<http://socialgoodbrasil.org.br/2015/revista-opera>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

RIBEIRO, Roziane Marinho. **A construção da argumentação oral no contexto de ensino.** São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Leusa Cristina Bezerra dos. A polifonia nas manchetes de jornal. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, p. 56-63, nov. 2011. Disponível em: <<http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista1/eideaartigo5.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2016.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos:** proposta de novos critérios de classificação. Covilhã: LabCom, 2009.

SILVA Junior. José Afonso. **Jornalismo 1.2:** características e usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do Grupo Estado de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal da Bahia, Faculdade de comunicação UFBA, Salvador, 2000. 235p. Disponível em: <[http://gjol.net/wp-content/uploads/2012/12/2000\\_silvajr\\_dissertacao](http://gjol.net/wp-content/uploads/2012/12/2000_silvajr_dissertacao)>. Acesso em: 30 jun. 2016.

SOARES, Maria Juliana Horta. **Linguagem e ideologia no discurso jornalístico:** o noticiário sobre transporte e trânsito no estado de minas. In: Anais do SILEL. UFMG, volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia.** Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. Universidade Fernando Pessoa (2002). Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>. Acesso em: 27 out. 2016.

TREZZI, Umberto. **A sobrevivência do Jornal está na relevância, diz Sergio Dávila.** Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/20154889463.html>>. Acesso em: 08 jun. 2016.

VIANA, Eduardo de Carvalho. **Para um manual de redação do jornalismo on-line.** Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio, 2001.

VOGT, Carlos. **Linguagem, pragmática e ideologia.** São Paulo: HUCITEC, 1980.